



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Gleycielle Silva Magalhães

AS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE ADOLESCENTES NA PÓS- MODERNIDADE

Palmas – TO

2017

Gleycielle Silva Magalhães

AS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE ADOLESCENTES NA PÓS-
MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof^a. Me. Cristina D'Ornellas Filipakis Souza.

Palmas – TO

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca do Centro Universitário Luterano de Palmas - TO

M 188r Magalhães, Gleycielle Silva
As relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade / Gleycielle Silva
Magalhães – Palmas, 2017.
113 fls.; il.; color.

Monografia (TCC) Trabalho de Conclusão de Curso – Bacharel em Psicologia - Centro
Universitário Luterano de Palmas, 2017/2

Orientador (a): Prof.^a.Me. Cristina D’Ornellas Filipakis

1 . Adolescência. 2. Sexualidade. 3. Pós-modernidade. 4. Espiritualidade. 5. Religião. I. Filipakis,
Cristina D’Ornellas II. Título. III. Psicologia.

CDU: 159.9

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária – Maria Madalena Camargo – CRB 2/1527

Todos os Direitos Reservados – A reprodução parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio
deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é
crime estabelecido pelo artigo 184 do código penal.

Gleycielle Silva Magalhães

AS RELAÇÕES AFETIVO-SEXUAIS ENTRE ADOLESCENTES NA PÓS-
MODERNIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II elaborado e apresentado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Prof^a. Me. Cristina D'Ornellas Filipakis Souza.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Cristina D'Ornellas Filipakis Souza
Orientadora
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof. Prof. Me. Wayne Francis Mathews.
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Prof.^a Me. Márcia Mesquita Vieira
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2017

Dedico este trabalho à minha mãe, Geomácia Ribeiro da Silva Magalhães, que foi a primeira pessoa a me falar sobre sexualidade. E falou muito bem! A partir de suas orientações pude me sentir segura e menos vulnerável. Sua sinceridade me fez acreditar que ao ser ministrado com ética, responsabilidade e cuidado, o conhecimento não agride, não põe em risco e não violenta. Pelo contrário, empodera, liberta e garante a possibilidade de escolher. Pois só nos responsabilizamos pelo que escolhemos. E só escolhemos dentre as opções que nos são apresentadas. Os esclarecimentos que tive na infância e adolescência não apagaram a minha fé e muito menos atropelaram os princípios bíblicos que a mim foram ensinados. Obrigada, mãe! O primeiro livro de sexualidade adolescente que li foi a senhora quem me deu, “Sexo para Adolescentes” da Marta Suplicy (1998). Ele está na minha estante verde. E, em breve, terá como companhia um exemplar deste trabalho, “As relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade” de Gleycielle Magalhães e Cristina Filipakis (2017), que com muita satisfação dedico à senhora.

AGRADECIMENTOS

À Deus, meu socorro bem presente, refúgio e fortaleza. Sem dúvidas, meu Primeiro Amor, e para sempre Amor Maior.

À melhor orientadora que eu jamais imaginei ter. Prof^a Me. Cristina Filipakis, muito obrigada. Muito obrigada pela compreensão e responsabilidade social. Pela empatia, respeito e aceitação. Seu entusiasmo me fez enfrentar o medo de gente, e aqui estou. Ainda não consegui entender como você consegue ser tão humana e competente ao mesmo tempo. Isso me inspira. Trabalhar com você tem sido terapêutico, didático, e com certeza, muita alegria.

À minha família por acreditar e investir em mim. Por às vezes me mandar parar de ler “para não ficar doida”, e por me fazer descansar e sorrir. Vó Rita e Vó Maria, Tios Cláudio e Aquiles, Tia Flávia, Carla, Kleiber e Terezinha, sintam-se abraçados.

Aos meus pais, José Jales e Geomácia Magalhães, que me proporcionaram tranquilidade e afetividade. Cada ida à Guaraf me renderam cerca de 15 páginas, muita esperança e sentimento de pertença. Amo vocês!

À minha irmã, Geslyanne Magalhães, por me escutar de madrugada, ser telefonista, administradora, patrocinadora e acreditar tanto em mim. Obrigada por me emprestar seu notebook por tanto tempo.

À melhor colega de quarto e prima fictícia que eu poderia ter. Ana, obrigada por ser tão diferente de mim. Obrigada por ceder a mim seu notebook por um semestre inteiro. E obrigada pela empatia.

Ao Professor Mestre e Examinador que levarei para sempre. Prof. Wayne, não tenho palavras para expressar o quanto sua sabedoria e humildade me inspiraram durante esses quatro anos. Muito obrigada pelo “Bom dia, você sumiu!” que alegra o corredor do prédio 2. Obrigada pelos ensinamentos, pela paciência e pela humanidade.

À Examinadora Prof^a Me. Márcia Mesquita. Obrigada por compor a banca. Obrigada por ter me atendido quando tudo que eu tinha era um template confuso e um título enorme. Obrigada pelos ensinamentos e por ser tão humana e empática.

Ao Prof. Esp. Hudson Eygo que me atendeu na época do pré-projeto e me esclareceu sobre instrumentos de coleta de dados. Por ter sido a primeira pessoa a me falar de grupo focal. Este trabalho tem a sua contribuição. Muito obrigada!

Ao Prof. Dr. Pierre Soares Brandão pelos ensinamentos em sala, nas oficinas, e principalmente por ter sanado tantas dúvidas utilizando-se apenas de perguntas. O senhor me convenceu de que não é tão difícil. E obrigada eternamente pelo modelo de formatação de TCC.

À Secretária do Comitê de Ética em Pesquisa, Elise, por me acolher e me ensinar. Você tem razão, pesquisa aplicada de campo não é fácil, mas também não é tão difícil.

Aos meus líderes, Apóstolos Bené e Vera e a toda Igreja de Cristo Ministério Apostólico Nova Terra (MANT), por pregar e viver o amor de Cristo. A compaixão dos senhores me ensina e me comove.

À minha Pastora Hadassa Rebecca, por acolher minhas crises e por não ter me deixado desistir quando eu já havia desistido. Se finalizo este trabalho, é porque você sempre compreendeu, reconheceu e apoiou minha futura profissão. Amo você!

Ao casal mais família que o Senhor poderia ter me dado nessa cidade. Evangelistas Nelma e Márcio, muito obrigada por me acolher, me alimentar e me fazer descansar apesar de tudo. Eu amo vocês!

À instrutora de aprendizagem do Programa Aprendiz Legal do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), Julina Amorim de Carvalho. Muito obrigada por me acalmar e fazer pensar quando tudo me parecia impossível. Tenho orgulho de ser sua aprendiz.

Aos meus líderes, Diretor Joel Muller, Margarete Mota, Viviane Denise e Márcio Alex, e a toda Equipe do Colégio Ulbra Palmas por me ensinarem e apoiarem. É uma honra trabalhar com vocês.

Às minhas crianças da Célula de Meninas e do Ministério de Dança Infantil, por me trazerem tanta esperança na humanidade e compreenderem minha ausência em muitas situações. Sarah e Hannah Gouveia, Samuel e Gabriela, Sara, Sofia, Bianca, Sara Karine, Luiza, Ana Clara e Maria Fernanda, Sara e Davi, Ana Luiza e Nathally, Heloísa, Michelle, Gabriely e Eduarda, Raíza, Ana e Ester, Rebeca, Amanda, Hadassa, Dara Lisy, Ana Beatriz e Mariana.

Aos meus irmãos e irmãs pelo companheirismo. Raquel, Geisa e Dalvino, Dheyson e Dheyslla, Gilberto, Roberto Javaé, Jady e Bruno, Júlia e Lara, Ana Carolina, Raiane, Matheus Alcântara, Rerickson, Keila, Keilliane, Keilane, Nicole, Patrycia, Lorena, Isabela, Sara, Iara, Gabrielle, Juliana, Thaís, Elayne, Rosy e Meire, vocês são minha família aqui.

Aos amigos que me acolheram e me apoiaram, Talita Lima, Renata Gomes, Laura Maria, Marlene, Maria Aires, Ismarina, Verena Shulz, Raquel Galvão, Liana Matos, Matheus Guilherme e Patrícia. Muito obrigada!

Por último, mas não menos importante, agradeço,

Aos participantes dessa pesquisa, não só por participarem, mas porque estavam inteiramente em cada encontro e em cada discurso. Foi uma honra ouvir vocês. Muito obrigada!

À Instituição de Ensino que abriu as portas para esta pesquisa. Muito obrigada pela confiança. Aprendi muito com seus alunos. Foi uma honra conhecê-los!

A todos os professores (as) e bibliotecários (as) que tive a honra de conhecer. Vocês fazem mais por nós do que jamais conseguirão entender. E aos professores da graduação, obrigada por participarem dessa construção profissional e subjetiva.

À Coordenação de Psicologia, na pessoa da Coordenadora Prof^a Dr^a Irenides Texeira e Coordenadora Adjunta Prof^a Me. Cristina D'Ornellas Filipakis Souza. Sem dúvidas, temos a melhor coordenação. É motivo de muito orgulho, honra e responsabilidade fazer parte desse curso. Muito obrigada!

À Melhor Instituição de Ensino Superior que eu jamais imaginara integrar. CEULP/ULBRA, como eu amo você! Muito obrigada pelo ensino de qualidade, pelo atendimento de excelência, pelas condições e programas tão humanos. Muito obrigada pelos crucifixos nas paredes, eles me fazem recordar que tudo ficará bem. Muito obrigada pela capela. E muito obrigada por esse TCC. Espero levar o nome dessa Instituição com ética e competência por onde eu for, porque o meu pai fala para toda a cidade que tem uma filha que estuda e trabalha na Ulbra!

Quando nosso corpo se mostra

Rubem Alves

Há os carinhos que se fazem com o corpo e há os carinhos que se fazem com as palavras. E, contrariamente ao que pensam os amantes inexperientes, fazer carinho com as palavras não é ficar repetindo o tempo todo: Eu te amo, eu te amo...” Barthes advertia: “Passada a primeira confissão ‘eu te amo’ não quer dizer mais nada”.

É na conversa que o nosso verdadeiro corpo se mostra, não em sua nudez anatômica, mas em sua nudez poética. Recordo a sabedoria de Adélia Prado: “Erótica é a alma” (ALVES, Rubem; 1996 p. 52 *apud* SUPPLICY; 1998, p. 158, grifo da autora).

RESUMO

MAGALHÃES, Gleycielle Silva. **As relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade**. 2017. 107 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2017.

O presente trabalho propõe discutir as relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade. Haja vista que as mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas contribuíram para novas dinâmicas na economia, nas relações sociais e de trabalho, questiona-se se as referidas mudanças exercem influência sobre as relações afetivo-sexuais de adolescentes no período pós-moderno. Tem-se como objetivo geral investigar as relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade em um colégio privado de Palmas-TO. Logo, os objetivos específicos consistiram em investigar o entendimento dos adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade, identificar quais sentimentos estão associados às questões da sexualidade, e relacionar referenciais teóricos utilizados com o contexto social da pós-modernidade e o discurso apresentado pelos adolescentes. Apresentou-se como problema de pesquisa o seguinte questionamento, A sociedade pós-moderna exerce influência sobre as relações afetivo-sexuais de adolescentes?. Neste trabalho propõe-se uma metodologia de abordagem qualitativa e natureza aplicada. Com objetivos de linha exploratória, utilizaram-se procedimentos de pesquisa de campo, como organização da amostra e método de coleta de dados através da técnica de grupo focal. A saber, a amostra englobou 10 adolescentes de faixa etária entre 13 e 15 anos de idade. Como resposta ao problema de pesquisa, infere-se que sim, a sociedade pós-moderna exerce influência sobre as relações afetivo-sexuais entre adolescentes. E foi possível verificar que a pós-modernidade é composta por diversas ambivalências, como, por exemplo, a liberalidade e o fundamentalismo religioso.

Palavras-chave: Adolescência. Sexualidade. Pós-modernidade. Espiritualidade. Religião.

ABSTRACT

MAGALHÃES, Gleycielle Silva. Affective-sexual relations between teenagers in post-modernity. 2017.107 f. Work of conclusion of course (graduation) – psychology course, Lutheran University Center of clap/TO, 2017.

The present work proposes discussing the sexual-affective relationships between teenagers in post-modernity. Since the social changes that have occurred in recent decades have contributed to new dynamics in the economy, in social relations and work wonders if these changes influence on the affective-sexual relations of adolescents in the postmodern period . Have as general purpose investigate affective-sexual relations between teenagers in Postmodernity in a private school of Palmas-TO. The specific objectives were to investigate the understanding of adolescents about issues related to sexuality, identify which feelings are associated with issues of sexuality, and relate theoretical references used with the context Postmodernity and social speech presented by teenagers. Presented as the following research problem questioning, postmodern society exerts influence on the affective-sexual relations of adolescents? This paper proposes a qualitative methodology and applied nature. With exploratory line objectives, procedures used field research, as an organization of sample and data collection method through the focal group technique. Namely, the sample included adolescents in age group between 13:15 years of age. In response to the research problem, infers that, postmodern society exerts influence on the affective-sexual relations between teenagers. And it was possible to verify that Postmodernity is composed of several ambivalence. How, for example, the liberality and religious fundamentalism.

Keywords: Adolescence. Sexuality. Postmodernism. Spirituality. Religion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Corte transversal do cérebro humano	21
Imagem 2 – Glândula hipófise e os hormônios por ela secretados	22
Imagem 3 – Sexualidade, orientação sexual e gênero	76
Imagem 4 – Espiritualidade, religião e religiosidade	80
Imagem 5 – Puberdade	82
Imagem 6 – Questões sociais e mídias	85
Imagem 7 – Relações afetivo-sexuais, iniciação sexual e afetividade I	94
Imagem 8 – Relações afetivo-sexuais, iniciação sexual e afetividade II	95
Imagem 9 – Relações afetivo-sexuais, iniciação sexual e afetividade III	95
Imagem 10 - Educação sexual e saúde	98

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados Pessoais e Frequência dos Participantes do Grupo Focal.....	71
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABCD	Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema
AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
APA	American Psychological Association
ATLA	American Theological Library Association
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
CIEE	Centro de Integração Empresa-Escola
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
JSTOR	Journal Store
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros
MANT	Ministério Apostólico Nova Terra
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDF	Portable Document Format
QVB	Questionário dos Valores Básicos
RBS	Revisão Bibliográfica Sistemática
SCIELO	Scientific Electronic Library Online
SEPSI	Serviço de Psicologia
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
DESENVOLVIMENTO.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	109

1 INTRODUÇÃO

A ciência do desenvolvimento humano é o estudo do ciclo vital do indivíduo, compreendendo desde a sua concepção até a sua morte. O estudo da existência humana é dividido em fases. Essas compreendem períodos de tempo marcados de características que os sujeitos apresentam, possibilitando o estabelecimento de um padrão de comportamento (BEE; 1997).

A pessoa humana é integrada em aspectos biológicos, psicológicos, cognitivos, sociais e espirituais. O aspecto biológico diz respeito às estruturas e funções do corpo, enquanto que o psicológico abrange as emoções, identidade e demais subjetividades, o cognitivo refere-se aos processos básicos em psicologia, como, sensação, percepção, memória, pensamento e linguagem, já o aspecto social aborda o ambiente físico e cultural a que se está inserido, nas estruturas e instituições político-econômicas e culturais, e as relações interpessoais, o aspecto espiritual está ligado à transcendência do homem e seu caráter religioso. O estudo do desenvolvimento humano considera esses aspectos e atribui a eles cada vez mais relevância nos meios acadêmicos. Neste trabalho, serão abordados em maior ênfase os aspectos sociais e psicológicos, através do contexto cultural e sua interação e influência frente ao período do ciclo vital ao qual referir-se-á como adolescência. E ainda o aspecto espiritual como fator de influência no contexto da sexualidade adolescente (PEREIRA; BARROS; AUGUSTO, 2011).

Em meados do século XX, no mundo ocidental, surge o conceito de adolescência, que é estabelecido como uma fase do ciclo vital. Antes as crianças se tornavam adultas de acordo com o desenvolvimento do corpo em conjunto com sua situação social, que muitas vezes incluía a necessidade de trabalhar como um adulto, logo se tornava um (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Com o advento dos direitos humanos e direitos trabalhistas somados ao capitalismo, cada vez mais estratégico e midiático, a realidade social das crianças foi modificada. Antes convertido diretamente da infância para a vida adulta, o sujeito passa agora por uma fase de transição, conhecida por adolescência.

Para Papalia e Feldman (2013), a adolescência consiste numa fase de transição entre a infância e a vida adulta, na qual ocorrem transformações de ordens físicas, cognitivas, emocionais, sociais e espirituais. Segundo tais autoras, esse é um período concebido de acordo com o contexto social, cultural e econômico do sujeito em questão. Já a puberdade é conceituada por estas estudiosas do desenvolvimento humano como o processo em que ocorrem mudanças físicas e hormonais, resultando na maturidade sexual e na capacidade reprodutiva.

A adolescência está ligada a puberdade. Entretanto, ao contrário da puberdade que é biológica e têm seu período de tempo mais limitado e previsível, a adolescência é um fenômeno de ordem social, que pode iniciar-se antes da puberdade e terminar depois. Além de que, esse período de transição tem se estendido no mundo ocidental. Contudo, esses dois importantes eventos tendem a acontecer simultaneamente e influenciam-se de forma mútua, ressaltando o caráter integrado e indivisível do homem (BEE, 1997; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

A idade de início e término da adolescência varia também entre os autores, de acordo com seus países de origem, entre outros fatores de influência, como por exemplo, cultura, englobando religião, alimentação, nível de escolaridade e exposição às mídias. Entretanto, para fins de padronização e referência, neste trabalho, a fase da adolescência será equivalente ao período que compreende dos doze aos dezoito anos de idade, conforme previsto na Lei Nacional do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 2017).

No decorrer da puberdade há o crescimento estrutural dos ossos e tecidos, dos órgãos sexuais primários e secundários, assim como dos pelos pubianos e mudança na voz. Ocorrem também mudanças hormonais e intelectuais, visto que esta é também a fase em que o cérebro humano tem seu desenvolvimento finalizado (GUYTON, 2008).

Ora, na adolescência, surgem novos interesses e há uma transformação relativamente brusca no comportamento dos sujeitos. Esse período é complexo e de crucial importância tanto pessoal, quanto social. Pois, na adolescência há também a construção da identidade, que segundo a teoria psicossocial do desenvolvimento de Eric Erickson, constitui uma das importantes tarefas dessa fase (ASSUMPÇÃO JÚNIOR; SPROVIERI, 2005).

A sexualidade constitui um amplo conjunto de atributos íntimos, desejos e comportamentos que integram a identidade de uma pessoa. Apesar de estarem relacionados, sexualidade e sexo não são dependentes ou sinônimos. O fato de não experienciar práticas sexuais, não extingue a sexualidade. Este é um conceito subjetivo, variável e amplo. E que atualmente engloba as questões de gênero, o que reafirma seu caráter individual e identitário. Logo, sexo concebe-se biologicamente feminino ou masculino, enquanto que são reconhecidos vários gêneros, a partir de indicadores psicológicos e sociais (AMARAL, 2007; LOURO, 2007).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade está presente na vida humana desde a tenra infância, e constitui parte da identidade desde o nascimento. Entretanto, é na adolescência que ela se manifesta de forma intensa. Esse é um período marcado de sensações, curiosidades e dúvidas de caráter sexual. Os adolescentes vivenciam vários tipos de relações, assim como as demais pessoas, independente da fase. Entretanto, as relações de

afeto comprometidas com a sexualidade passam a ter uma importância diferenciada na subjetividade dos mesmos. As crises e elaborações psicológicas dessa fase podem exercer influência no comportamento adulto (GONÇALVES et al. 2015).

Após tantas revoluções e inovações vivenciadas na modernidade, e a partir da Revolução Industrial, tendo como consequências o advento dos direitos humanos e dos direitos trabalhistas, a acessibilidade dos aparelhos eletroeletrônicos e da internet, a produção em massa e o consumismo, entre outros, a sociedade atual apresenta instabilidades em vários aspectos, desde a economia até as relações afetivo-sexuais. A essa realidade denomina-se pós-modernidade. Esse conceito aplica-se ao contexto social do ocidente desde o século XX até os dias atuais. A pós-modernidade configura-se em meio a crises e transformações em vários setores da civilização ocidental, incluindo a política e economia dos Estados-Nação, as repercussões artísticas e estéticas, a prática científica e o comércio. Logo, torna-se possível conjecturar relevantes alterações estruturais e funcionais na sociedade de outrora, em uma velocidade alarmante (ANDERSON, 1999; BIRMAN, 2005; HALL, 1998).

Neste contexto, observa-se o posicionamento dos jovens dessa época, em seus padrões e diversidades que contemplam das homossexualidades aos grupos religiosos, aparentemente radicais e autônomos, entretanto, tão envolvidos no capitalismo e muitas vezes dependentes financeiros até os trinta anos de idade. Ponderando essa realidade social, torna-se complacente investigar o lugar do adolescente nesse contexto, especificamente sua sexualidade em processos relacionais de afeto através das perspectivas pós-modernas (BAUMAN, 2004; BEE, 1997; FOCARDES, 2005; SILVA, PAIVA, PARKER; 2013).

Então, este trabalho tem como problema de pesquisa o questionamento se a sociedade pós-moderna exerce influência sobre os relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes. Visando responder a este questionamento, tem-se como objetivo geral investigar as relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade em um colégio privado de Palmas-TO. Logo, os objetivos específicos desta pesquisa consistiram em investigar o entendimento dos adolescentes sobre questões relacionadas à sexualidade, identificar quais sentimentos estão associados às questões da sexualidade, e relacionar referenciais teóricos utilizados com o contexto social da pós-modernidade e o discurso apresentado pelos adolescentes.

A relevância acadêmica, social e pessoal do presente trabalho justifica-se a partir das premissas que se seguem. Ora, em meio a tantas mudanças sociais, é importante saber como as pessoas têm reagido, em seus aspectos biopsicossociais e espirituais, para que possam ser planejadas estratégias e ações de saúde contextualizadas e eficazes, assim como instrumentalizar a pesquisadora em suas futuras atuações como profissional psicóloga. Nessa

pesquisa, em particular, serão investigadas as relações afetivo-sexuais entre adolescentes, tendo como parâmetro de mudança social, a pós-modernidade.

Ao considerar que a amostra consiste em um grupo focal de adolescentes de uma escola privada de Palmas, pressupõe-se contribuir com o grupo e a escola em questão, através das atividades realizadas, observando seu contexto grupal e institucional. Além disso, com a produção de conhecimento científico relativo à cidade de Palmas, ter uma visão teórica aplicada aos adolescentes de classe média do município.

Ao descobrir se há ou não relação de influência entre as relações afetivo-sexuais entre adolescentes e a sociedade pós-moderna, torna-se possível, em trabalhos posteriores, a promoção e prevenção de saúde mental, tendo em vista as questões psicológicas intrínsecas à adolescência, como também, demandas que podem surgir ao decorrer da pesquisa.

A psicologia contemporânea concebe o ser humano como ser integrado. Logo, correlacionar as relações afetivo-sexuais, ações individuais e intimistas, aos fatores externos que constituem uma sociedade e agem sobre a coletividade, torna-se relevante, quiçá necessário. É importante também no que tange à proximidade entre a academia e a comunidade local, sendo que há o desafio acadêmico de aplicar os conhecimentos científicos à prática, considerando as demandas regionais, contribuindo com a localidade.

Ao apresentar como interesse para futuras especializações, a ciência do desenvolvimento humano, em específico, a sexualidade humana, e atuação clínica no campo de terapia familiar e terapia de adolescente, essa pesquisa torna-se relevante. Logo, além do conhecimento teórico e da experiência adquirida, no processo científico adquire-se habilidades de observação e análise de conteúdo, necessários na atuação profissional de um psicólogo clínico.

Além de que, as questões de sociedade e contemporaneidade envolvidas na pesquisa são de interesse acadêmico para trabalhos futuros, considerando alguns autores consultados para esta pesquisa. Estes aspectos também contribuirão na atuação clínica, considerando a visão ampla e desmistificada dos aspectos sociais abordados.

A técnica de grupo focal se apresenta como opção metodológica atual e rica em manejos técnicos. A habilidade no trabalho com grupos torna-se um atributo essencial no currículo de um psicólogo, além de promover o treinamento de habilidades adquiridas durante a formação em psicologia.

Dessa forma, este trabalho se desenvolve a partir de um referencial teórico, no que tange os aspectos integrantes do ser humano. São expostas pesquisas sobre sexualidade adolescente e espiritualidade, religião e religiosidade relacionadas à sexualidade realizadas no Brasil e em outros países. Algumas delas utilizaram-se da técnica de grupo focal.

Em seguida, explicam-se questões metodológicas utilizadas na pesquisa a que se refere o presente texto. Apontam-se ainda, os resultados e discussões acerca dos dados coletados, sessão na qual se apresentam as análises das informações apreendidas no grupo focal a partir de correlação com o referencial teórico. Em seguida, há as considerações finais, nas quais são explanadas as concepções gerais da pesquisa e as sugestões para possíveis trabalhos futuros. Por fim, apresentam-se as referências, e os Termos TALE e TCLE como apêndices.

2 ADOLESCÊNCIA E SOCIEDADE

A adolescência é entendida como um processo de transição, através do qual a criança sofre mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Esse processo ocorre de forma diferente nas várias partes do mundo, entretanto, todas as crianças passam por ele. Por isso, pode-se dizer que a adolescência é uma construção biológica, psicológica, cognitiva e social, visto que, embora seja comum ao desenvolvimento humano, esse processo transicional apresenta características diferentes de acordo com o contexto do indivíduo e da comunidade na qual ele está inserido. No ocidente, tal período transicional é bem prolongado, abrangendo o período entre 12 e 18 anos, podendo ainda ser mais longo, considerando o contexto socioeconômico. No oriente são comuns rituais de passagem e outros aspectos envolvendo religiosidade e cultura. Neste trabalho, o foco de estudo está sobre a adolescência no mundo ocidental, no contexto das mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas. Segundo Bee (1997), nos casos dos jovens universitários, por exemplo, eles ainda não chegaram no “estado total de adultos”. A autora aponta para a dependência financeira de tais jovens e para o fato de ainda não estarem inseridos efetivamente no mercado de trabalho como possíveis determinantes de uma adolescência prolongada. (BEE, 1997, p.318; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Nas sociedades ocidentais há o conceito de adolescência e todo um escopo de significados em relação a esse fenômeno do ciclo vital. Entretanto, esse conceito surgiu apenas no século XX. Até então, as crianças deixavam de ser crianças a partir das mudanças visíveis de sua estrutura física e da aprendizagem de uma profissão ou atividade laboral. Embora o conceito de adolescência esteja globalizado na atualidade, o processo de transição da infância à vida adulta ocorre de acordo com o contexto socioeconômico e cultural de cada civilização (LARSON; WILSON, 2004 *apud* PAPALIA; FELDMAN, 2013).

As mudanças decorrentes da adolescência são referidas por Bee (1997, p.318) como físicas e emocionais justificando a frase “*sturm und drang*”, a saber, “tempestade e estresse”. Essas mudanças acontecem de forma intensa, ocasionando comportamentos considerados popularmente como típicos da fase, sendo estes muitas vezes hostis e até mesmo de risco para os envolvidos. Fontes mais recentes, como Papalia e Feldman (2013, p.386), apontam as mudanças do referido período como “físicas, cognitivas, emocionais e sociais”. As ciências biológicas, a psicologia, a neurociência e as ciências sociais apresentam em seus estudos a complexidade desse processo do ciclo vital. As referidas mudanças serão abordadas a seguir.

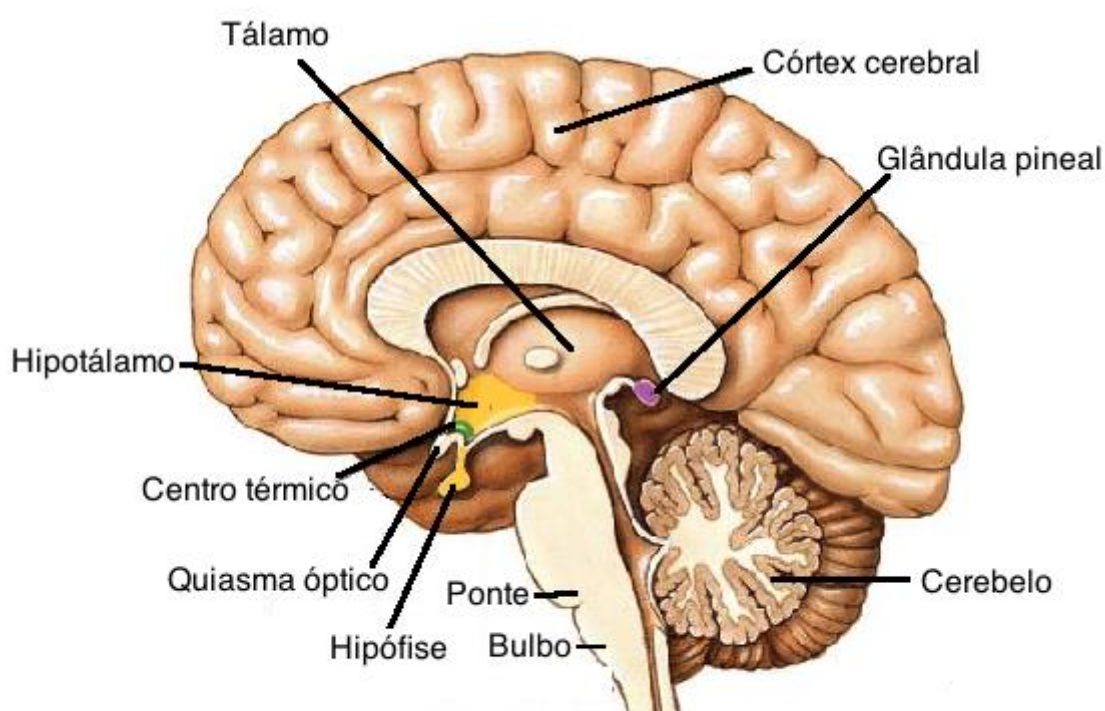
2.1 Mudanças hormonais, físicas, cerebrais e de comportamento

O período pubertário é constituído pelas mudanças físicas dos adolescentes e é notável e muito relevante para o futuro adulto. Tais transformações são resultantes de mudanças hormonais que se iniciam com um sinal do hipotálamo, uma estrutura que compõe o encéfalo

de alguns animais, dentre eles, o ser humano. E, que em conjunto com a hipófise, coordena os sistemas nervoso e endócrino, ou seja, ambos exercem grande poder sobre a homeostase do organismo. A partir do tálamo, a glândula hipófise, antes conhecida como glândula pituitária, começa a secretar níveis maiores de hormônios gonadotróficos (BEE, 1997, GUYTON, 2008).

Há conseqüentemente, o crescimento dos testículos nos rapazes, produzindo testosterona, hormônio encontrado em maior quantidade no organismo masculino, ocasionando surto do crescimento, surgimento dos pelos pubianos e faciais e mudanças nos órgãos genitais. Nas meninas, há o crescimento dos ovários, que a partir da puberdade será influenciado pelos hormônios adenohipofisiários, e a produção de estradiol, uma forma de estrogênio, e assim, se inicia o ciclo menstrual e o desenvolvimento das mamas, os referidos hormônios, são responsáveis pelas funções sexuais, em indivíduos de ambos os sexos. A localização das estruturas tálamo e hipófise serão indicadas na imagem a seguir (DANGELO; FATTINI, 2011; TORTORA, 2000; TORTORA; GRABOWSKI, 2006).

Imagem 1 – Corte transversal do Cérebro Humano.

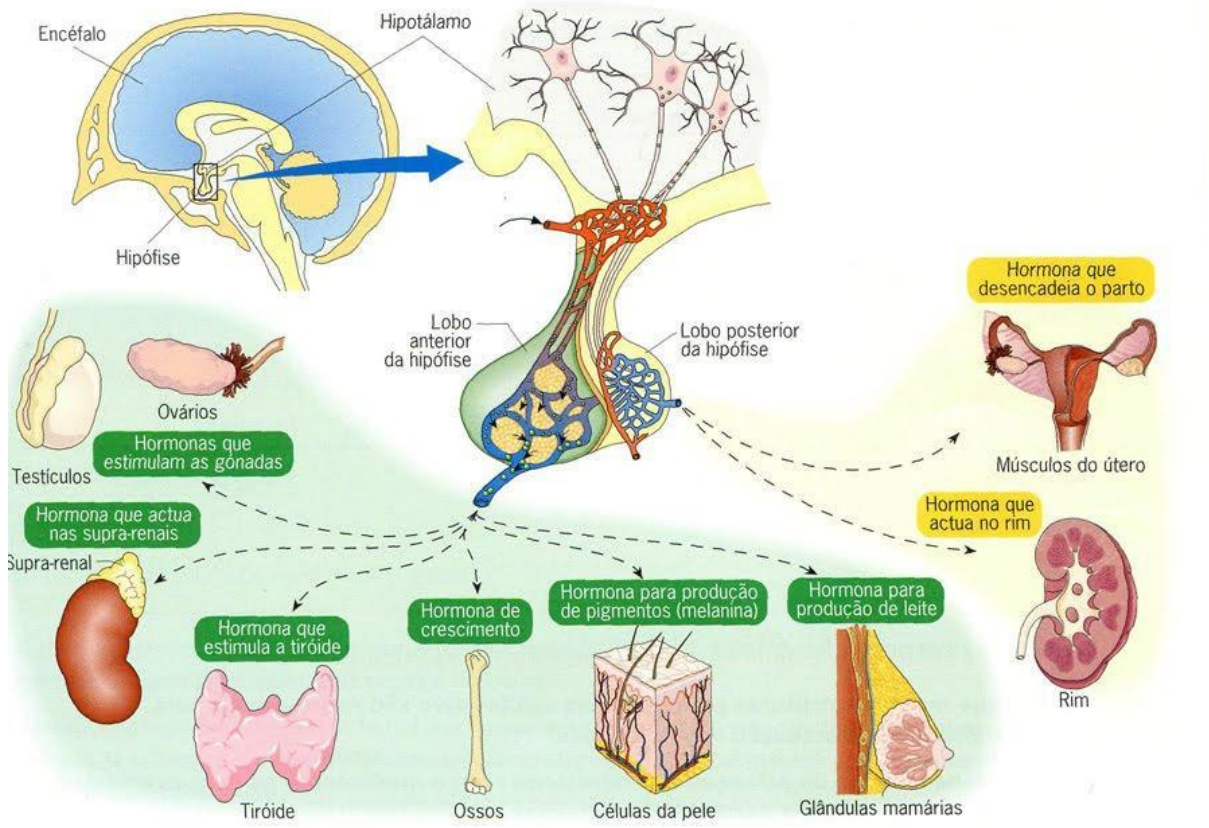


Fonte: JÚNIOR; CASTRO (2012).

A glândula hipófise anterior ou adenohipófise secreta sete hormônios, sendo eles, do crescimento, tireostimulante, adrenocorticotrópico, prolactina, hormônio estimulante do melanócito, foliculoestimulante e luteinizante. Dentre eles, há dois gonadotróficos, que são aqueles que controlam as glândulas sexuais. São eles, foliculoestimulante e luteinizante. Para

melhor compreensão, os hormônios secretados pela glândula hipófise estarão ilustrados a seguir (GUYTON, 2008; DANGELO; FATTINI, 2011).

Imagem 2 – Glândula hipófise e os hormônios por ela secretados.



Fonte: GONÇALVES et al. (sem data).

Papalia e Feldman (2013, p.387) dividem a puberdade em duas fases, sendo a primeira marcada pela “ativação” das glândulas adrenais e a segunda ligada ao processo de maturação dos órgãos sexuais, assunto este que será explanado mais à frente.

Quanto às questões hormonais, ocorrem processos diferentes entre os indivíduos de sexo masculino e os de sexo feminino. Apesar de ambos possuírem dois tipos de hormônios, os níveis de estrogênio são maiores nas meninas, enquanto que os de androgênio são mais altos nos meninos. Logo, as meninas também têm testosterona, mas em quantidade bem menor em comparação aos meninos. Nelas, a testosterona atua sobre o crescimento do clitóris, ossos e pelos púbicos e axilares. E, segundo Guyton (2008, p. 477) há casos eventuais em que forma-se “*um tumor andrógeno secretor* de células do córtex suprarrenal capaz de produzir grandes quantidades de andrógenos”, de forma a produzir altos efeitos masculinizantes em pessoas de sexo biológico feminino. (PAPALIA; FELDMAN, 2013, GUYTON, 2008, grifo do autor).

Explicitando a diferença dos processos púbicos entre os sexos biológicos, Bee (1997, p.321) aponta que o “surto do crescimento e o surgimento de pelos pubianos são mais influenciados pelo andrógeno da suprarrenal nas meninas que nos meninos”, provavelmente

porque os meninos possuem mais testosterona. Logo, o andrógeno da suprarrenal é quimicamente semelhante à testosterona e segundo Guyton (2008), produz efeitos masculinizantes sobre o corpo. Sobre os andrógenos da suprarrenal, Tortora (2000), aponta tais hormônios como contribuintes da libido feminina, enquanto que as jovens que apresentam gordura corporal maior na segunda infância, ou sobrepeso tendem a vivenciar o processo púbere precocemente (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Tortora e Grabowski (2006) enfatizam as funções dos hormônios andrógenos ao informar que, ainda que as quantidades secretadas pelo córtex suprarrenal sejam pequenas, e que nas mulheres são produzidos andrógenos fracos, esse hormônio têm grande relevância na fisiologia do organismo humano. Nos homens, os andrógenos liberados pela suprarrenal são insignificantes devido a pequena quantidade. Entretanto, após a puberdade, os testículos passam a produzir grande quantidade de andrógenos, enquanto que esses hormônios suprarrenais atuam nas mulheres ocasionando impulso sexual, libido, e são “convertidos em estrógenos (esteroides sexuais feminizantes) por outros tecidos do corpo” (p.337). Além disso, nas mulheres, após a menopausa, os ovários param de secretar estrógenos, e todos os hormônios estrógenos passam a ser os resultantes da conversão de andrógenos suprarrenais.

O surto do crescimento, também conhecido como estirão, é um processo de crescimento físico rápido e intenso, decorrente das mudanças hormonais que ocorrem durante a puberdade. Os membros e as extremidades crescem primeiro, e por esta razão, o corpo dos adolescentes tende a ser desproporcionais. Papalia e Feldman (2013) apontam uma duração média de dois anos para o estirão, sendo que nas meninas a faixa etária varia de nove anos e meio até os 14 anos de idade, e nos meninos esse processo ocorre entre os 10 anos e meio e os 16 anos de idade. É possível notar especificações do processo pubertário entre meninas e meninos. Nota-se que em sua maioria, as meninas apresentam as mudanças da puberdade mais cedo que os meninos. Quanto à altura, por exemplo, as meninas costumam atingir sua estatura máxima aos 15 anos, enquanto os meninos a atingem aos 17. Quanto ao peso, sabe-se que as meninas acumulam gordura “duas vezes mais rápido” que nos meninos (SUSMAN E ROGOL, 2004 *apud* PAPALIA E FELDMAN, 2013).

O estirão é proporcionado pelo hormônio do crescimento, chamado hormônio somatotrófico, que é secretado pela glândula hipófise anterior e tem “efeito generalizado sobre todas as células do corpo”. Causa aumento na quantidade e nas dimensões das células, resultando na ampliação dos tecidos. Logo, há um crescimento geral no organismo. Secretado pela adenohipófise durante todo o ciclo vital, o hormônio do crescimento é responsável pelo desenvolvimento e crescimento de todos os tecidos e órgãos do corpo. Entretanto, o corpo para de crescer durante a adolescência. E ainda, havendo excesso deste hormônio em períodos

anteriores à puberdade, ocasiona-se o gigantismo, enquanto que, havendo o déficit, ocorre o nanismo (GYTON, 2008, p. 457; DANGELO; FATTINI, 2011).

Segundo Guyton (2008), o hormônio do crescimento diminui sua quantidade após a adolescência e continua as demais atuações, como por exemplo, a produção de proteínas. E sua intensidade “varia de forma acentuada, de dia para dia, dependendo das necessidades metabólicas do corpo” (p.463). E, para Tortora (2000), a quantidade de hormônio a ser liberada se dá de acordo com a necessidade apresentada pelo corpo em dado momento.

De acordo com Tortora (2000, p.295), a secreção do hormônio somatotrófico “atinge seu máximo no fim do pico de crescimento do adolescente”. O autor indica as questões genéticas como responsáveis pela idade em que esse pico ocorre, respondendo também pelas diferenças de altura entre os jovens. Entretanto, alguns ossos da face nunca param de crescer, como o osso do nariz e da mandíbula, por exemplo.

Sobre o cessar do crescimento físico humano na adolescência, o fisiologista americano Guyton (2008, p.462) afirma que,

A razão pela qual o crescimento cessa na adolescência é de que as *cartilagens epifisárias*, que separam as extremidades – as “epífises” – das hastes dos ossos longos, exaurem seu potencial de crescimento nessa idade. Consequentemente, as epífises ficam unidas diretamente com as hastes desses ossos, em um ponto onde existia antes a cartilagem de crescimento. A continuidade do crescimento linear desses ossos não mais pode ocorrer depois dessa época.

As mudanças da puberdade são processuais. Logo, o adolescente pode apresentar-se assimétrico e descoordenado durante esse período de transformações. Esse é um fator de peso na autoestima dos indivíduos, podendo contribuir com problemas de auto imagem, que podem resultar em extremos como transtornos psicológicos, alimentares, automutilação, bullying, entre outros. Após o estirão, ocorrem, geralmente, os processos de maturação sexual, sinalizados pela capacidade de se reproduzir. Esse processo é crucial para o desenvolvimento humano e causa grandes impactos sobre o adolescente. Trata-se de uma verdadeira revolução no organismo do jovem e, principalmente, em sua realidade individual e social. O processo de maturação sexual e suas implicações à sexualidade humana serão abordados na sessão 2.1.2 deste capítulo (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Bee (1994) considera os estágios de Piaget, e para ela, os adolescentes se encaixam no estágio das operações formais, que abrange faixa etária entre 12 e 16 anos e apresenta elementos emergentes de comportamentos como, do real para o possível, tendo a partir de então, raciocínio que ultrapassa os limites do concreto e do visível, chegando à capacidade de planejar o futuro; à solução sistemática de problemas.

Há algumas estruturas cerebrais que apenas na puberdade alcançam seu desenvolvimento pleno. De forma que, além da experiência de vida, aprendizagem,

estimulação, afetividade e demais variáveis, há também um contexto fisiológico que justifica o comportamento humano. Logo, todo esse conjunto de fatores ocasionam o desenvolvimento humano, que nesse período de transição a que chamamos adolescência, perpassa por inúmeras transformações de cunho objetivo e subjetivo, fazendo com que os jovens vivenciem variados sentimentos e pensamentos de natureza existencial, muitas vezes não compreendidos pelos adultos a sua volta.

O adolescente é um ser em desenvolvimento. Como todos nós, relaciona-se com o mundo e, receptivo a ele, conhece-o e o revela, sendo-lhe, assim, possível orientar-se em um espaço existencial em razão de seu desenvolvimento cognitivo, com o aparecimento das operações formais de pensamento (ASSUMPCÃO JUNIOR; SPROVIERI, 2005, p.189).

Há alguns anos tornou-se perceptível, a partir de estudos biológicos e da tecnologia de imagem, que o cérebro humano não está totalmente concluído no período da adolescência. Papalia e Feldman (2013) apresentam argumentos baseados nessas pesquisas para indicar que os adolescentes por ainda estar em processo de desenvolvimento cerebral acabam por apresentar alguns comportamentos desconexos e até mesmo de risco. A impulsividade e o descontrole emocional podem então ser explicados, por partes, por esse fator. Sendo que, as áreas do cérebro relacionadas às emoções e relações sociais estão em desenvolvimento na puberdade. Enquanto que, o controle cognitivo virá ao desenvolvimento pleno no início da idade adulta.

Os axônios dos neurônios, em sua maioria, são revestidos por várias camadas de um composto de lipídeos e proteínas, denominado bainha de mielina. Quanto mais bainha de mielina, mais rápido se dá o impulso nervoso, evento este crucial no processo das sinapses, ou seja, das comunicações entre os neurônios. É interessante citar que, “a quantidade de mielina aumenta a partir do nascimento até a maturidade, e sua presença aumenta grandemente a velocidade de condução do impulso nervoso”. E ainda que, “essa mielinização continua até a adolescência”. De forma que, as respostas de um adolescente e de um adulto são mais rápidas e mais coordenadas, de forma progressiva, do que a de uma criança pequena (TOROTRA; GRABOWSKI, 2006, p.234; TORTORA, 2000).

2.2 Maturação sexual e sexualidade

Na puberdade ocorrem intensas mudanças hormonais como abordado anteriormente. Estas desencadeiam ademais mudanças de caráter fisiológico, também muito intensas. Trata-se aqui da maturidade, ou maturação sexual. Refere-se a um processo de desenvolvimento, que ao alcançar sua plenitude, apresenta um indivíduo capaz de se reproduzir. Esse processo está contextualizado ao período pubescente, que vem ocorrendo cada vez mais cedo.

Por reprodução entende-se “capacidade de o ser vivo gerar outro ser vivo da mesma espécie, isto é, com as mesmas características”, e ainda, “o material genético é passado de geração a geração. Isso mantém a continuidade das espécies”. Na maioria dos animais vertebrados, assim como na espécie humana, esse processo se dá de forma sexuada, ou seja, acontece por meio da união de células especiais, a saber, os gametas. Esta união é conhecida como fecundação de onde se origina um zigoto que, mesmo sendo tão pequeno, já é um novo ser vivo, vindo a se tornar um ser humano no decorrer do processo gestacional. Para tanto, faz-se necessário o coito entre dois indivíduos de sexos biológicos diferentes (DANGELO; FATTINI, 2011, p.181; TORTORA, 2000, p.523).

Dessa forma, ressalta-se a importância do desenvolvimento dos sistemas genitais, ou características sexuais primárias, logo, é a partir do ajuste dos órgãos sexuais feminino e masculino que se oportuniza o encontro dos gametas para a fecundação. Este é um processo complexo e, tratando-se da natureza humana em seus variados aspectos, pode-se dizer que é um fenômeno extraordinário e marcante. Adianta-se aqui que é na puberdade, no contexto da adolescência que o indivíduo torna-se capaz de reproduzir-se. Entretanto, as diferenças entre sexo, identidade sexual e de gênero, assim como o impacto da sexualidade sobre a vida humana, serão abordados no próximo capítulo (DANGELO; FATTINI, 2011; TORTORA, 2000).

Como caracteres sexuais primários, têm-se os órgãos necessários para a reprodução. Que são, nos homens, os testículos, o saco escrotal, o pênis, as vesículas seminais e a próstata. Guyton (2008) acrescenta o epidídimo e o canal deferente. E, nas mulheres, os ovários, útero, tubas uterinas, o clitóris e a vagina. Já os caracteres sexuais secundários consistem em elementos que ainda que sinalizem o amadurecimento sexual, não são necessários à reprodução. Sendo nos meninos, os ombros largos e nas meninas, o crescimento das mamas. E, em ambos, observam-se as mudanças, em menor ou maior grau, na voz, bem como na textura da pele e estrutura muscular, além do surgimento e crescimento de pelos em diversas regiões do corpo, são eles, pelos pubianos, faciais, corporais e axilares. As mudanças relacionadas ao processo de maturação sexual sinalizam o início deste processo (PAPALIA; FELDMAN, 2013; BEE, 1997; DANGELO; FATTINI, 2011).

Papalia e Feldman (2013) inferem que a sequência e faixa etária em que tais mudanças ocorrem apresentam muita variação entre os indivíduos. Ainda assim, as autoras indicam uma possível e recorrente sequência. Pois, segundo elas, é mais notável um padrão na sequência em que ocorrem as mudanças, do que no momento em que estas ocorrem. Observa-se então, que nas meninas, acontece primeiro o crescimento dos seios, que posterior ao aumento de tamanho dos mamilos e aréolas, as mamas assumem uma forma cônica, para depois

apresentar-se arredondado, além do surgimento de pelos pubianos. Nos meninos, observa-se que ocorre primeiro, o crescimento dos testículos. Em alguns deles há o aumento das mamas, fenômeno este que dura em média 18 meses e em alguns casos pode causar muito sofrimento psicológico, além de conflitos sociais, como o *bullying*.

As mudanças na voz, que fica mais grave, são mais intensas nos meninos, e são causadas pelo crescimento da laringe e também pelo hormônio masculino testosterona. São notáveis também as mudanças na pele, que além de se tornar mais grossa, torna-se mais oleosa, principalmente nos homens. Há maior atividade das glândulas sebáceas, o que justifica o surgimento de cravos e espinhas. O excesso de acne também é mais comum nos meninos, pois está relacionada ao aumento na quantidade de testosterona (GUYTON, 2008; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

As mudanças referidas acima sinalizam a puberdade e indicam o processo de maturação sexual. Porém, não representam a plenitude deste que é atingida quando o indivíduo encontra-se capaz de se reproduzir, em termos biológicos, tem-se um adulto. Entretanto, como explicitado anteriormente, a adolescência vai além dos conceitos biológicos, e o estudo do desenvolvimento humano abrange o homem em suas dimensões biopsicossociais e espirituais.

Os sinais de maturação sexual são em meninos e meninas respectivamente, a produção de espermatozoides seguida por ejaculação e a menstruação. A espermarca, primeira ejaculação ocorre por volta dos 13 anos de idade. É comum aos adolescentes a ocorrência de polução noturna, que consiste em uma ejaculação involuntária que ocorre durante o sono e pode estar associada a um sonho erótico. Enquanto que, a menarca, primeira menstruação, acontece na faixa etária entre os 12 e 16 anos. Há uma tendência secular no desenvolvimento dos adolescentes, esta será abordada mais à frente, nos tratados sobre os aspectos sociais do período de transição (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Em Guyton (2008), confere-se que, os testículos infantis são inativos. Na puberdade, variando de 10 à 14 anos de idade é que eles iniciam sua atividade, a partir da estimulação dos hormônios gonadotrópicos secretados pela glândula adenohipófise, que é coordenada pelo hipotálamo. Este secreta nesta idade, o “*fator de liberação do hormônio luteinizante*” (p.503), provocando a liberação de ambos os gonadotrópicos, tanto o foliculoestimulante, quanto o luteinizante. O hormônio foliculoestimulante em conjunto com a testosterona é responsável pela produção de esperma e também pela espermatogênese, sendo que este último tem seu processo de formação ainda desconhecido. O hormônio luteinizante é responsável pela secreção de testosterona pelos testículos, esta “aumenta de forma muito rápida na puberdade e atinge um máximo no início da idade adulta, mas declina até 20% desse máximo aos 80 anos”

(p.504). A testosterona atua ainda sobre as características sexuais masculinas secundárias, provocando o crescimento destas (DANGELO; FATTINI, 2011; GUYTON, 2008; TORTORA; GRABOWSKI, 2006).

Uma informação interessante é que a testosterona é crucial na diferenciação sexual dos embriões, como também na formação dos órgãos genitais do bebê. Ora, o estímulo para secreção de testosterona nessa época é originário da placenta. Logo, ao nascer e ter o vínculo intrauterino rompido, o organismo do bebê cessa as atividades dependentes de testosterona, ou seja, as características sexuais masculinas param de se desenvolver. Na puberdade, essas atividades são retomadas, sendo que “os testículos, a bolsa escrotal e o pênis aumentam de cerca de dez vezes” (GUYTON, 2008, p.504; DANGELO; FATTINI, 2011).

Assim como o indivíduo de sexo masculino, o indivíduo de sexo feminino também não possui atividades hormonais voltadas à reprodução durante a infância. Entre 10 e 14 anos de idade é que adenohipófise secreta os hormônios gonadotrópicos. É, então, no período pubescente que se inicia o processo de maturação sexual de ambos os indivíduos. Nas mulheres, o hormônio foliculoestimulante é responsável pelo crescimento folicular dos ovários que começam a ocorrer todo mês. Até que então, é secretado também o hormônio luteinizante que provoca tamanho aumento no crescimento dos folículos, até que eles ovulem, expelindo o óvulo para cavidade pélvica (GUYTON, 2008; TORTORA; GRABOWSKI, 2011).

As mudanças ocorridas nas estruturas sexuais primárias das mulheres estão ligadas ao hormônio ovariano estrogênio. Juntamente com a progesterona, o estrogênio é responsável não só pelo desenvolvimento das características sexuais, como também controla suas alterações mensais. O estrogênio faz com que células musculares lisas se proliferem, por isso, durante a puberdade, órgãos como o útero e a vagina crescem muito, podendo até dobrar ou triplicar de tamanho, em comparação às estruturas infantis. Nesse mesmo processo é que surgem os pelos pubianos. E, ainda ocorrem mudanças externas e visíveis, por exemplo, o crescimento das mamas, quadris mais largos e curvas corporais que distinguem o corpo feminino do masculino, isso devido a deposição de tecidos adiposos (GUYTON, 2008; TORTORA; GRABOWSKI, 2011).

Quanto ao crescimento, Guyton (2008, p.509) explica que, na puberdade, o estrogênio aumenta a intensidade do crescimento de todos os ossos longos. De forma que, “a pessoa do sexo feminino cresce muito rapidamente nos primeiros anos após a puberdade, mas logo cessa de crescer por completo”. E que, a mulher tem a menstruação como sinal de sua capacidade reprodutiva, fenômeno este que ocorre entre 11 e 16 anos de idade.

A sexualidade desperta curiosidade entre os adolescentes. Entretanto, a busca por informações nem sempre ocorre de forma segura. Muitos jovens detêm conhecimentos populares, às vezes, equivocados. Além de que, há um escopo de informações que integra também os valores familiares.

No trabalho de Martins (et al, 2012), são apresentados dados estatísticos a respeito do conhecimento e opinião de adolescentes sobre as questões sexuais. Trata-se de uma pesquisa transversal qualitativa realizada em cinco escolas públicas estaduais de Cuiabá – MT no ano de 2009. Foram aplicados questionários fechados de 11 questões de múltipla escolha numa população de 499 indivíduos de idade entre 11 e 19 anos, todos cursando a primeira série do ensino médio. Algumas estatísticas da referida pesquisa serão relatadas a seguir.

Quanto ao uso de bebidas alcoólicas e outras drogas, 46,3% dos meninos e 77,7% das meninas acreditam aumentar o desejo sexual. Quanto ao sexo interfemural, 50,5% dos meninos e 21,1% das meninas acreditam não trazer risco de engravidar. Quanto a ter tido informações prévias sobre menstruação e ejaculação, tem-se os números de 70,7% das meninas e 42,6% dos meninos. Sendo que, destes números, uma maioria de 63,7% masculina e 82,4% feminina indica as informações como satisfatórias. E, ainda, nesse quesito, 52,4% das meninas que tiveram informações prévias sobre menstruação, apontam a mãe como fonte. Ao contrário dos meninos que, ao indicar a fonte informativa sobre ejaculação, 23,7% apontam as amigas, 9,5% os professores, 7,9% livros e revistas, e 10,5% outros (MARTINS *et al*, 2012).

Quanto a relação sexual, 67,1% das meninas acreditam ser necessário amar o (a) parceiro(a) para que haja a relação, em detrimento da população de meninos representada por 25,8%. Já o grupo dos que acreditam ser necessária apenas atração física para que haja relação sexual, é composto em maioria pelos meninos com 45,3%, e 12,7% das meninas. 39,7% da amostra de 499 alunos apresenta vida sexual ativa, e para eles, tanto meninos, quanto meninas, “quanto maior o pênis do garoto, maior será o prazer”, e ainda, “o garoto sempre terá mais prazer do que a garota” (p.31). Quanto à virgindade, 43,2% dos meninos consideram importante casar-se com parceiro (a) virgem, enquanto que, 41,4% das meninas apresenta indiferença quanto a isso (MARTINS *et al*, 2012).

É possível notar que a porcentagem de adolescentes com conhecimento prévio a respeito de questões sexuais é relevante, entretanto, há grande presença de mitos e tabus envolvidos nesse contexto. Percebe-se também a diferença conceitual e numérica entre o posicionamento dos indivíduos de sexo masculino para com os de sexo feminino. Além de que, os jovens mantêm comportamentos sexuais de risco, que podem estar relacionados ao déficit das informações que lhes são passadas.

Em outro estudo, realizado por Macedo (*et al*, 2013), observa-se a relação feita pelos adolescentes entre sexo e sexualidade. Trata-se de um estudo descritivo e qualitativo, fundamentado na Teoria das Representações Sociais. A pesquisa foi realizada em Jandaíra-RN, na Unidade de Educação de Jovens e Adultos – EJA. A amostra é composta por 13 indivíduos residentes na zona urbana, com idades entre 15 e 19 anos de idade, sendo 6 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Como instrumento metodológico utilizou-se entrevista semiestruturada e a técnica de grupo focal, técnica esta explanada na metodologia deste presente trabalho.

No grupo focal foi trabalhada uma dramatização de estudo de caso, no qual a personagem principal era adolescente e engravidava precocemente. Os próprios componentes do grupo encenaram e posteriormente houve discussão. Os dados levantados foram separados em três dimensões, sendo a primeira, “o saber comum sobre a sexualidade”, a segunda, “o saber compartilhado sobre a sexualidade”, a terceira, “tomada de posição frente à sexualidade”. Os resultados pertinentes a esta reflexão serão expostos a seguir (MACEDO *et al*, 2013, p. 105).

Quanto à primeira dimensão, os indivíduos apresentaram conceituação de sexualidade como sinônimo de sexo, o que pode ser explicitado nos discursos descritos, como por exemplo, “sexualidade acho que é assim a pessoa fazer sexo”, ou ainda, “acho que é ter relação sexual um rapaz e uma moça tem um com o outro, é isso?”. Quanto à segunda dimensão, foi apreendido no estudo que há uma tendência entre os adolescentes de falar sobre sexualidade. Entretanto, esse compartilhar de conhecimentos se dá em sua maioria entre pessoas inseridas no mesmo contexto. Dentre os 13 adolescentes, 5 alegaram conversar com outros adolescentes do mesmo sexo, 3 indicaram trocar informações com o namorado, 3 com adolescentes do sexo oposto, e apenas 2 com familiares. 11 indivíduos apontaram que o assunto sexualidade não é tratado em sua casa. Já os 2 que indicaram ter tido informações por parte da mãe, apresentam que a conversa foi apenas sobre cuidados contraceptivos. Sobre o assunto ser abordado na escola, os jovens relataram que as conversas são superficiais e em sua maioria, se atém aos métodos preservativos e contraceptivos. Quanto às dúvidas, 50% dos meninos e 71% das meninas assumem ter dúvidas sobre sexualidade. Apenas as meninas se pronunciaram relatando suas dúvidas que são relacionadas à virgindade e à gravidez. Uma das dúvidas apresentadas era se ao perder a virgindade, a menina engravidaria instantaneamente (MACEDO *et al*, 2013, p. 105).

Quanto à terceira posição, os adolescentes apresentaram posições coerentes à informação a que detinham sobre a prevenção à doenças sexualmente transmissíveis – DSTs e gravidez indesejada, mas apresentaram preconceito quanto ao preservativo feminino. Quanto

à procura de serviços de saúde e orientações, as meninas alegaram vergonha, e mesmo reconhecendo a necessidade e importância de ir ao ginecologista, confessaram medo de ter alguma doença devido apresentar alguns sintomas, como dor durante a relação sexual. Porém, disseram não ir ao médico por vergonha (MACEDO *et al*, 2013).

Como foi abordado ao longo desse texto, é na puberdade que se atinge a maturidade sexual. Este momento é um marco na vida dos adolescentes, que possuem uma dinâmica efêmera e peculiar de experienciar o fenômeno da sexualidade, podendo tais experiências influenciar, posteriormente, a vida adulta. Infelizmente as informações e espaços de discussão a respeito desse assunto tão presente e tão importante à existência humana ainda são insuficientes, em aspectos populacionais, e ainda, considerando os estudos apresentados e o contexto de dúvidas, mitos, tabus e comportamentos de risco dos adolescentes ocidentais. Maiores explicações sobre os fenômenos sexuais serão explanados no capítulo 2 que tratará sobre sexualidade humana.

2.3 O adolescente e a sociedade

Como exposto, neste trabalho, tem-se a concepção do homem como ser integrado e complexo. Dessa forma, ao falar de desenvolvimento humano e adolescência consideram-se também os aspectos sociais. A cultura exerce grande influência sobre o comportamento humano, e também sobre o processo de desenvolvimento ao qual ele esteja submetido. Ainda que o presente texto trate essencialmente do contexto ocidental urbano, é importante que se tenha uma visão ampla do fenômeno adolescência, e por isso, explanaremos de forma básica e rápida alguns rituais existentes em algumas tribos que representam tais culturas, a transição do indivíduo da infância para a idade adulta.

Em sociedades tribais como os Navaho e Hopi e os Kurtatchi da Melanésia há ritos de iniciação, ou de passagem. A exclusão, por exemplo, é um conceito antropológico para separação da família. Nesse rito a criança, que varia entre 8 e 10 anos de idade, deve dormir em outro local que não seja no seio de sua família. Há também diferenciações entre meninos e meninas, além de que novos padrões comportamentais são impostos, como por exemplo, os indivíduos de sexo oposto passam a não poder mais ver a nudez um do outro. Esta é uma regra contextualizada na evitação do incesto e da endogamia, e pode ser contemplada também na realidade ocidental urbana (BEE, 1997).

Em seus estudos, Bee (1997), relata também a diferenciação social mais explícita entre os gêneros feminino e masculino como forma de iniciação dos adolescentes. Este processo é de fácil percepção empírica nas sociedades ocidentais e pode ser observado na seguinte citação.

(...) Acentuação das diferenças entre homens e mulheres. (...) Meninos e meninas começam a aprender tarefas apropriadas ao gênero bem antes da adolescência, embora neste período eles assumam tais papéis de maneira bem mais completa (BEE; 1997, p.319).

Bee (1997) apresenta ainda que, os rituais de iniciação tendem a ser curtos e intensos, estando frequentemente, relacionados a mutilações ou provas, como por exemplo, circuncisão, padrões de cicatrização ou, os jovens são enviados para regiões selvagens, com o intuito de purificação espiritual, ou ainda, provar sua masculinidade. Esses acontecimentos são mais comuns entre os meninos. Entretanto, em algumas sociedades ocorrem ritos com meninas também, como por exemplo, remoção do clitóris, chicoteamento ou escarificação. Há também os ensinamentos passados entre as gerações. Em grupos separados por sexo, geralmente, os jovens são doutrinados pelos mais velhos a respeito das práticas costumeiras de sua tribo ou sociedade.

Nas sociedades ocidentais urbanas não são comuns ritos de iniciação. Entretanto, há também acontecimentos marcantes que se aproximam dos ditos ritos de passagem, como por exemplo, novo nível escolar, mudanças como na esfera da justiça, e variadas outras mudanças, muitas delas relacionadas aos padrões sociais e ao capitalismo, como ,por exemplo, as vestimentas, penteados e uso de cosméticos (BEE, 1997).

Papalia e Feldman (2013) discutem que, a maioria dos adolescentes passa por esse período sem grandes problemas, e que na atualidade a tendência é a não rebeldia. Mesmo passando a maior parte de seu tempo livre entre os amigos, consumindo diversas informações, ou ainda, utilizando várias tecnologias e mídias ao mesmo tempo, os adolescentes têm os pais como uma base segura, e por isso aproveitam a liberdade. O estabelecimento de novas relações sociais é inerente ao desenvolvimento. E às vezes, preferem a solidão, se desligando das exigências sociais. Eles se preocupam com sua família, com a aceitação social e com a aprovação familiar. É importante compreender, na medida do possível, o comportamento adolescente, visto que, ao considerar estes comportamentos normais e decorrentes da idade, há o risco de negligenciar sinais emitidos através destes, deixando de ajudar os jovens que necessitam de cuidados especiais.

3 SEXUALIDADE HUMANA

Como já tem sido abordada ao longo deste trabalho, a sexualidade humana vai além dos aspectos biológicos. Trata-se de uma parte crucial da identidade do indivíduo que é indivisível. A sexualidade diz respeito a forma de ser e de vivenciar os aspectos relacionados ao corpo, aos pensamentos e sentimentos afetivos e eróticos, à forma de se entender como pessoa no mundo, e também, ao prazer sexual. Portanto, faz-se imprescindível a diferenciação entre sexo e sexualidade.

Na língua portuguesa brasileira, a palavra sexo pode indicar tanto o sexo biológico, como diferenciação entre homem e mulher, feminino e masculino, processo este que ocorre ainda no útero materno, tratando aqui de aspectos unicamente biológicos. Quanto também pode referir-se a qualquer atividade que proporcione prazer no corpo, especificamente nos órgãos genitais. Como também, o ato sexual em si, manter relações sexuais (AMARAL, 2007; ASSUMPÇÃO JUNIOR; SPROVIERI, 2005).

Em Assumpção Junior e Sprovieri (2005), assim como em Tortora e Grabowski (2006), Tortora (1997) e Guyton (2008), verifica-se a importância dos hormônios, do sistema circulatório, muscular e, nervoso na complexa dinâmica da sexualidade humana. O cérebro, por meio do hipotálamo e do córtex cerebral exercem suas funções de comando sobre todo o organismo tornando possível o ato sexual. Além disso, é crucial ressaltar, o envolvimento do Sistema Límbico neste processo, ou seja, a presença das emoções e dos impulsos. Dessa forma, os autores acima citados ratificam a influência não só da cognição, como também de todo escopo de funções e aspectos psicológicos sobre a sexualidade humana, desde um pensamento ou olhar interessado até o coito, propriamente dito.

Sexualidade não se restringe ao ato sexual, e muito menos à reprodução. Portanto, não se limita a um instinto ou necessidade, visto que o homem, ao contrário dos outros animais, possui uma consciência. E, de acordo com Assumpção Junior e Sprovieri (2005), ao fim do processo de maturação sexual, se trata de um ser sexual, e esta sexualidade a que se refere, é biológica, psicológica e social. Há prazer na atividade sexual, desde a escolha do parceiro até a culminação do ato sexual, com ou sem penetração. Não é um ato decorrente apenas da pressão de se reproduzir (AMARAL, 2007).

A OMS apresenta a seguinte definição de sexualidade:

Sexualidade é um aspecto central do ser humano durante toda sua vida e abrange o sexo, as identidades e os papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experimentada e expressada nos pensamentos, nas fantasias, nos desejos, na opinião, nas atitudes, nos valores, nos comportamentos, nas práticas, nos papéis e nos relacionamentos. Embora a sexualidade possa incluir todas estas dimensões, nem todas são sempre experimentadas ou expressadas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, cultural, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais. (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2007 *apud* AMARAL, 2007).

O desenvolvimento da sexualidade se dá na adolescência, pois, de acordo com as mudanças biológicas da puberdade, ocorrem também mudanças psíquicas, como já foi exposto. Entretanto, há teorias como a psicanálise de Freud, que apontam para uma possível sexualidade infantil. Ainda que haja prazer sexual na infância, o prazer e a libido relacionada à genitalidade, aos pensamentos e emoções se dão de forma intensa no período de transição entre a fase infantil, para a fase adulta. A partir de então, há uma preocupação com o outro, há um objeto de desejo. E, conseqüentemente, pressão e influência social, podendo gerar sentimentos como culpa, angústia e quiçá, muito sofrimento (AMARAL, 2007).

Na Antiguidade Clássica, o sexo não só era aceito, como também experienciado como algo positivo. A homossexualidade por exemplo, era comum e aceita como educativa, principalmente entre as classes mais ricas. Já no modelo de família patriarcal, se estabelece dualidades inflexíveis, e por muito tempo limitou a liberdade sexual da mulher. O prazer sexual era permitido apenas aos homens. Para as mulheres ‘honradas’, o sexo era destinado apenas para fins de reprodução, como também lhes eram destinados, a monogamia e fidelidade, e a virgindade até o casamento. O prazer sexual era desfrutado pelos homens e pelas mulheres ‘desonradas’, as prostitutas, enquanto que as mulheres ‘de família’ eram reprimidas. Por maior que tenha sido a evolução da sociedade, incluindo as liberdades e conquistas femininas, ainda é possível notar no discurso das pessoas, a exemplo das pesquisas citadas no capítulo 1, a presença do dualismo a respeito da sexualidade para homens, e distintamente, para mulheres (AMARAL, 2007).

Na Idade Média, com a expansão política da Igreja, o desfrutar da sexualidade se torna pecado, sendo até mesmo punido pela Santa Inquisição; nessa época, há tanta repressão e criação de mitos, que a masturbação era tida como causa de epilepsia, a prática sexual em excesso causaria demência nos homens e o prazer sexual para as mulheres, causaria morte precoce. Amaral (2007) discute em seu texto a possibilidade de que, atualmente a sociedade continue sendo repressora quanto aos assuntos da sexualidade. Para a autora, há muito discurso sobre sexualidade, mas na prática, a moralidade continua a limitar o comportamento sexual das pessoas, enfaticamente o das mulheres.

Esta reflexão também é encontrada no texto de Assumpção Junior e Sprovieri (2005) que, ao discorrer sobre o desenvolvimento social frente a sexualidade no Brasil, apontam diversos marcos no cinema e nos movimentos sociais que simbolicamente representaram mudanças na forma dos brasileiros encarar a sexualidade. Movimentos estudantis e feministas têm, sem dúvidas, seu papel memorável na história desta civilização. Entretanto, ambos os autores citados apontam que os brasileiros permanecem conservadores, e algumas vezes

repressores, no tratar de sua sexualidade, sendo privados de fantasias e discussões abertas sobre o tema.

A partir das fontes consultadas e das informações apresentadas, infere-se que a sexualidade é ampla e complexa, não só pelos aspectos biológicos, mas também nos âmbitos psicológicos e sociais que se interpelam e se afetam mutuamente simultâneos a construção da identidade do indivíduo. Assim, pode-se apontar conceitualmente para uma identidade sexual, sendo esta pertencente à identidade e conjunto subjetivo do homem. Logo, trata-se de uma especificidade que permeia a espécie humana ao longo de seu ciclo vital, tendo caráter sócio histórico.

Como já mencionado, há todo um aparato biológico que possibilita morfo fisiologicamente tanto a reprodução quanto o prazer sexual. Todavia, é de fácil análise e constatação que durante a história da humanidade, o comportamento das pessoas apresenta padrões e características intrínsecas à época. Além de que é nítida a diferenciação do homem frente aos outros animais a partir da consciência, pensamento abstrato e domesticização de seus impulsos. Neste contexto, faz-se relevante incluir as questões de gênero, identidade e orientação sexual, assunto este tão atual e de grande repercussão e desenvolvimento político e conceitual no Brasil.

Neste sentido, Louro (2007) aponta para a sexualidade como integrada a um processo de aprendizagem. E, sendo assim, ser homem ou mulher são, segundo a autora, processos culturais contínuos que vão além dos sexos biológicos feminino e masculino. Pois, o que é função, característica e postura de homem ou de mulher é definido sistemicamente pela cultura em dada localidade e época. Essas definições se dão a partir de instituições sociais de referência como família, igreja, escola, estado, entre outros. Porém, as demais atuações sociais como mídia, capitalismo, e tecnologias inseridas no cotidiano das pessoas influenciam neste processo de construção de identidade em sexualidade.

Em seu texto, Louro (2007) traz à tona a multiplicidade de sexualidades e gêneros. A contemporaneidade conta com relações afetivas e amorosas vividas virtualmente e que vão além das limitações de tempo e espaço, e essas transformações também se expandem em inúmeras possibilidades para a vivência da sexualidade, inclusive para experienciar outros gêneros além dos biológicos feminino e masculino. Simone de Beauvoir já havia se pronunciado a respeito em seu livro *O Segundo Sexo*, originalmente lançado em 1949, com a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2009, p.267).

Em meados da década de 60, novas práticas sociais são implantadas a partir da nova política cultural, por meio dos movimentos das minorias sexuais e étnicas, como mulheres, estudantes, negros e homossexuais. Estas atuações tornaram visíveis suas próprias

configurações sobre a vida, através da auto representatividade. Quanto às concepções de identidade e gênero, pode-se dizer que a realidade social contemporânea do ocidente tem colocado em discussão o entendimento binário de homem e mulher, heterossexualidade e homossexualidade (LOURO, 2007).

De acordo com Louro (2007), o que pode muitas vezes causar estranhamento é que alguns indivíduos ficam na fronteira. Logo, a binaridade não os contempla. Ao discorrer sobre norma e diferença, observam-se as relações de poder que lhes são inerentes. A norma se dá a partir da comparação, e há uma naturalização da norma. Esta vai contra a diferença que é atribuída, nomeada a alguém que contradiz, ou que se distancia da norma estabelecida. Ocorre, porém, que o trânsito entre os territórios não é contínuo e compulsório. Entretanto, as identidades e práticas no campo da sexualidade atualmente, muitas vezes, fogem à binaridade. “Não se trata de negar a materialidade, dos corpos, mas sim de assumir que é no interior da cultura e de uma cultura específica que características materiais adquirem significados” (p. 22).

A demonstração, vivência, caracterização e categorização do afeto transitam entre culturas e gerações, e está em constante e sutil, raras vezes bruscas, transformações. E ainda que sejam desestabilizadoras para outrem, trata-se de mudanças reais.

No campo das sexualidades torna-se reconhecida a diversidade sexual. Logo, como discutido anteriormente, os indivíduos possuem formas diferentes de experienciar sua sexualidade, tanto objetivamente, quanto subjetivamente. A partir desta perspectiva, aborda-se as sexualidades basicamente em três aspectos que compreendem o sexo biológico, a orientação sexual e a identidade de gênero. Tendo como parâmetro os pressupostos de que assim como sexo é biológico, gênero seja social (A ADOLESCÊNCIA, 2000-2013; BRASIL, 2007; SÃO PAULO, 2014).

O sexo biológico possui apenas duas divisões já abordadas no capítulo 1. Trata-se de feminino e masculino, ou ainda, macho e fêmea. Esta classificação é puramente biológica e define-se a partir das estruturas anatômico-funcionais como gametas e sistema genital. Há exceções em que o indivíduo possui tais estruturas mescladas entre macho e fêmea. Estas pessoas são chamadas intersexuais. A orientação sexual diz respeito aos desejos e atrações de ordem afetiva, emocional e sexual dos indivíduos, sendo divididas principalmente em três categorias. A pessoa de orientação heterossexual é aquela que se sente atraída afetivo-sexualmente por pessoas do sexo oposto, enquanto que a de orientação homossexual sente-se atraída por indivíduos de sexo igual ao seu. Ao passo que a orientação bissexual refere-se àqueles que se sentem atraídos por pessoas de ambos os sexos. A orientação sexual nada tem a ver com estereótipos e desígnios sociais como estilo de vestimenta, cores, hábitos de lazer

entre outros aspectos integrantes dos papéis de gênero construídos e estabelecidos, muitas vezes impostos, socialmente. Um exemplo citado pelo autor infere que o fato de uma mulher gostar mais de azul do que de rosa não indica que ela seja homossexual. Da mesma forma que o fato de um homem apreciar ou praticar balé clássico não determina sua orientação sexual (A ADOLESCÊNCIA, 2000-2013; BRASIL, 2007; SÃO PAULO, 2014).

Identidade de gênero está atrelada a forma como o indivíduo se sente e se identifica quanto ao refletir e exercer de sua sexualidade, este termo se assemelha ao termo sexo psicológico que nem sempre coincide com o sexo biológico. Pode-se então aludir o termo identidade sexual, por tratar-se da subjetividade do indivíduo. Como já mencionado neste capítulo, há indivíduos que se sentem, se identificam com o sexo feminino, outros com o masculino, outros com o híbrido, e ainda, outros que transitam ou mantêm-se na fronteira. Por identidade de gênero entende-se, portanto, a forma como a pessoa se sente e se reconhece combinada à forma com que ela deseja se apresentar e ser identificada socialmente. Ora, assume-se então, uma identidade de gênero que pode ser masculina, feminina, ou ainda variadas mesclas de ambos. Tudo isto independente do sexo biológico e da orientação sexual. Por exemplo, uma travesti assume tal gênero, se apresentando em vestimentas, acessórios e comportamentos característicos identificando-se com o feminino. Contudo, seu sexo biológico é masculino e sua orientação sexual pode ser homo, hetero ou ainda bissexual (A ADOLESCÊNCIA, 2000-2013; BRASIL, 2007; SÃO PAULO, 2014).

É compreensível que tamanhas mudanças conceituais e sociais causem estranhamento e possível desconforto em muitas pessoas, principalmente se analisado sob perspectiva de base conservadora, fundamentalista ou binária. Como já discutido, o tão polêmico e, sem dúvidas, atual assunto de sexualidades e gêneros desafia as concepções tradicionais, até mesmo acadêmicas, se levado em consideração o precedente raciocínio linear e o modelo dualístico, indo de encontro a pluralidade de definições, quiçá definição nenhuma, assumindo e divagando a diversidade sexual.

Além dos aspectos biológicos já mencionados no capítulo 1, e dos aspectos sociais inerentes a toda e qualquer forma de comunicação e relação entre humanos, na questão da sexualidade, está empregada muito da particularidade do indivíduo. Há o emprego de afetividade, e ainda que sejam reproduzidos padrões comportamentais aprendidos e que a forma de experienciar o fenômeno seja influenciada, e é sem dúvidas. Ainda assim, a sexualidade está relacionada à identidade subjetiva de cada indivíduo. E, por isso, deve ser estudada e discutida, visando o respeito mútuo entre as pessoas, a prevenção e promoção de saúde e bem-estar.

3.1 Relações afetivo-sexuais na adolescência

A adolescência apresenta uma série de características próprias que estão inter-relacionadas a grande quantidade de mudanças biológicas, psicológicas e sociais que acompanham este importante processo do desenvolvimento humano. Como mencionado nos capítulos anteriores, é na adolescência, neste caso correlacionado à puberdade, que a sexualidade se desenvolve de forma mais complexa e permanente.

Ao refletir sobre as mudanças hormonais e físicas ocorridas no referido período do desenvolvimento, e que proporcionam os processos preliminares e o ato sexual em si, é possível inferir que a adolescência seja uma fase propícia a curiosidades e experimentos na área da sexualidade humana, como também um período de descobertas, decisões e comportamentos que podem influenciar, quiçá, determinar, a atuação e vivência sexual na vida adulta, no âmbito não só da atividade sexual, mas também da identidade.

Que a iniciação sexual de muitos indivíduos se dá durante a adolescência, é de conhecimento público e comum, ainda que muitas vezes este comportamento seja reprimido e atacado. A questão a ser levantada no presente texto refere-se à forma como isto tem acontecido no mundo ocidental, mais precisamente no Brasil. A idade, cada vez menor, a falta de informações, ou a presença de informações equivocadas, a carência de cuidados de saúde e a crescente estatística de comportamentos de risco ligados à sexualidade do adolescente fazem deste, um assunto necessário e relevante que deve ser discutido não só em meios acadêmicos, mas em contexto social.

Foi realizada em Pelotas – RS em 2008 uma pesquisa de análise exploratória bivariada sobre o início da vida sexual de adolescentes, entre 10 e 14 anos, relacionado a comportamentos de saúde, a partir de estudo de coorte iniciado em 1993 com nascidos vivos no município. Dos 5.249 participantes do estudo de coorte, 4.325 adolescentes, 82,5% da coorte original, e seus responsáveis, foram entrevistados e lhes foram aplicados questionários. Os resultados do referido estudo apontaram para ocorrência de iniciação sexual antes dos 15 anos em 18,6% dos participantes. Apreendeu-se uma maior incidência de comportamentos de risco à saúde, como gravidez precoce, aborto, episódios de embriaguez, briga com agressões físicas, uso de fumo, álcool e outras drogas, entre os adolescentes que tiveram iniciação sexual entre 10 e 14 anos, apresentando os escores de 50,5% para os meninos, e 60,6% para as meninas. Enquanto que entre os adolescentes que não tiveram iniciação sexual até os 14 anos de idade, os escores são bem mais baixos, sendo 15,8% entre meninos e 19,2% entre meninas. (GONÇALVES, et al, 2015).

Ainda sobre o estudo de Gonçalves (et al, 2015), é importante mencionar que foram consideradas outras variáveis de caráter socioeconômico, estas apontaram para uma possível

tendência de iniciação sexual precoce entre os adolescentes nascidos de mãe de até 20 anos de idade e/ou de baixa escolaridade. E que foi estabelecida uma relação entre os comportamentos de risco à saúde, considerando a iniciação sexual precoce como um destes, entretanto, não foi possível verificar qual dos comportamentos ocorreram primeiro. Além de que, há a possibilidade de que alguns adolescentes não tenham considerado práticas como sexo oral como relação sexual e por isso não tenha assumido a iniciação sexual. Os autores apontam a imaturidade adolescente como fator de influência sobre os comportamentos de risco acima citados, não desconsiderando a vulnerabilidade social. Por isso a iniciação sexual até 14 anos de idade pode ser considerada precoce, vindo a influenciar, possivelmente, nos futuros comportamentos do indivíduo.

4 INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE NA SEXUALIDADE DO ADOLESCENTE

O conceito científico atual de ser humano é amplo de forma que o modelo biopsicossocial considera também a espiritualidade como um dos aspectos do homem indivisível. Obtém-se, então, um modelo biopsicossocial e espiritual. Portanto, esta sessão propõe explicar a espiritualidade e a religiosidade de forma a refletir na possível influência desse aspecto sobre a sexualidade do adolescente.

A partir da difícil tarefa de mensurar a historicidade da espiritualidade, Catré et al. (2016) apontam dois momentos como marcos históricos desse aspecto humano. O primeiro refere-se à mudança postural do homem pré-histórico, visto que, a medida que se pôs de pé, ereto, e pode se diferenciar no ambiente, houve uma divisão entre si e o espaço, emergindo o sentido de corporeidade, pelo que o corpo se tornou o centro. E este, antes num plano mais baixo e comum aos demais elementos, vê-se a par dos acontecimentos ao seu redor com outra perspectiva pela viabilidade de observar todos os lados e direções. “Tal conduziu-o ao questionamento, tornando-o capaz de transcender a situação concreta” (p. 32). Do questionamento veio a descoberta e demais consequências como o uso de elementos da natureza, e a criação e manipulação de objetos e ferramentas. Todo este contexto torna o *homo* mais humano, procedeu-se então sua identidade como humanidade.

O segundo marco histórico refere-se ao longo do primeiro milênio, entre 800-200 a.C, período no qual surgiu uma “nova matriz civilizacional” simultânea, “na China com Confúcio e Lao-Tse, no Irão com Zaratustra, na Grécia com vários filósofos (dos quais ganha particular destaque Sócrates), na Índia inicialmente com a Tradição Védica e depois com Buda”. Enquanto que, na Palestina houve profetas e logo depois Jesus Cristo, esse intensifica novos rumos à humanidade. Historicamente, nota-se o movimento “do cosmológico para o antropológico; do *mythos* para o *logos*” (CATRÉ et al, 2016, p. 32).

De acordo com Vaz (2002, p.193), o termo transcendência, do latim “*transcendere*” e “*transcendental*”, tornou-se usual na filosofia a partir de Kant e pode ser compreendido a partir de dois sentidos ou “metáforas”, uma espacial que,

(...) designa a transgressão dos limites de determinado espaço *intencional*, por exemplo, na acepção com que é empregado ao nos referirmos aos atributos da noção de *Ser* como atributos *transcendentais* ou seja que ultrapassam, na sua extensão lógica, todo conceito limitado. A segunda exprime o movimento intencional ou lógico que leva justamente o pensamento para além (*trans*) das fronteiras dentro das quais habitualmente se move. A metáfora dinâmica inclui igualmente a indicação de uma direção *para o alto* (*ascendente*), na qual estão presentes alguns dos problemas teóricos mais decisivos levantados pela transcendência (VAZ, 2002, p. 194).

Surgem duas formas paradigmáticas de entender e vivenciar a transcendência, a saber, a contemplação relacionada à razão e à filosofia grega e a revelação, que diz respeito à Palavra de Salvação e à tradição e à doutrina judaico-cristã.

Na Idade Média os paradigmas se encontram e se integram, e como resultado desse processo tem-se a filosofia-teológica-cristã. Fé e razão se alinham, e constitui a sabedoria, esta associação é hierárquica, uma vez que a razão é iluminada pela fé; a verdade revelada é priorizada em detrimento da verdade racional, visto que, nesse período a teologia dirigiu a filosofia. Esse processo influenciou consideravelmente na constituição da cultura ocidental e até a modernidade, a espiritualidade ficou atrelada a estas estruturas, sob o discurso filosófico-teológico-cristão (VAZ, 2002).

O pensamento e a espiritualidade medieval foram influenciadas pelos ministros católicos e filósofos, “Santo Agostinho (354-430 d.C)” da Patrística e “São Tomás de Aquino (1227 - 1274 d.C)” da Escolástica. Para Santo Agostinho havia duas formas de conhecimento, uma referia-se aos sentidos e suas percepções do mundo exterior e por isso chamava-se mutável e temporal, e a outra é denominada verdadeira e imutável por tratar-se da iluminação divina, apreendida pela alma. Neste sentido, a alma é entendida como superior ao corpo e além de dar-lhe vida e ânimo, ela também atua na busca da verdade, que a partir desta conceituação, é a busca do próprio Deus (CATRÉ et al, 2016, p. 33).

Ao refletir sobre a natureza como criação de Deus e inspirado por Aristóteles, São Tomás de Aquino compreende a alma humana por imaterial em desacordo com a alma vegetativa e a sensitiva, dos demais animais. A alma humana é, segundo este filósofo cristão, imortal por ser espiritual, característica esta que a difere das demais. Ainda que não viva plenamente sem o corpo, este não sobrevive sem alma (CATRÉ et al, 2016).

A palavra espiritualidade ascende no referido contexto. Como vocábulo, propaga-se no período da patrística. O termo latino “*spiritualitas*” contextualizado como vida de perfeição, ou segundo o Espírito de Deus, se propaga no período compreendido pelos séculos IX e XI. No início, do século XII torna-se usual e passa a refletir sentidos mais amplos que vão desde o antônimo de material à concepção jurídica dos bens da igreja (CATRÉ et al, 2016, p. 33).

É importante mencionar que o sentido religioso, sobremodo cristão predomina no que tange a espiritualidade no mundo ocidental da idade média. A partir da antropologia cristã, de estudos e citações bíblicas, Catré et al (2016) expõe que a visão de homem baseada no entendimento cristão de espiritualidade aponta para o recebimento do Espírito de Deus, “*Iahweh*”, pelo homem. Desta forma, o homem é compreendido como unidade tríplice constituída, termos em português, latim, hebraico e grego, respectivamente; por alma “(anima/ nefesh/ psiquê)”; por corpo “(caro/ basar/ sárx)”; e pelo espírito “(spiritus/ ruah/ pneuma)” e ainda assim, o homem é integrado, indivisível (CATRÉ et al, 2016, p. 34).

Ora, ao comparar o corpo humano, sua estrutura física e biológica, frágil; sua alma dotada por funções cognitivas e afetividade, e ainda assim limitada; e o espírito que apesar de

humano, nesta concepção anteriormente abordada é como o sopro de Deus no homem tornando que possibilita o relacionamento e a comunicação entre ambos, criatura e criador. Além de que o espírito é imortal. Tratam-se aqui de conceitos da tradição e doutrina judaico-cristã. Portanto, torna-se justificável que haja uma supervalorização da espiritualidade, neste discurso atrelada à religião de enfoque cristão, em detrimento das dimensões de alma com sentimentos, emoções e racionalidade; e, corpo, corporeidade, necessidades e desejos ‘carnais’.

Neste cenário, a busca por Deus e por santidade torna-se crucial ao homem medieval. E, através de reflexões e ensinamentos de São Tomás de Aquino, apreende-se que o pecado, contrário à Lei Divina, trouxe separação entre o homem e Deus, conceitos bíblicos. Logo, a espiritualidade humana por ser dependente da Graça de Deus, instiga esforços por “*religare*”, ou seja, unir-se novamente, religar-se a Deus. Isto torna-se possível através da “*religio*”, religião, a qual Catré et al (2016, p. 34) apresenta como religião “o conjunto de laços que unem o ser humano a Deus, por meio de sua atividade simbólica, da qual fazem parte a linguagem, os ritos e os gestos que lhe são próprios”.

Após séculos sob o desígnio religioso e o destaque místico, a sociedade volta-se à racionalidade. Portanto, mudam-se os conceitos. De tal forma que a espiritualidade é deixada em segundo plano. Ou ainda, torna-se rejeitada, mal-vista, não compreendida e não aceita. De acordo com Secondín (2002, p. 32 *apud* Catré et al. 2016), “a crise do ‘quietismo’ (fins do século XVII) acarretou o descrédito do tema e, especialmente, de todo o setor da mística. Durante muitos anos, ‘espiritualidade’ será sinônimo de esquisitice”.

Focardes (2005) aborda a espiritualidade contemporânea a partir de três modalidades. São estas; terapêutica, feminista e monástica. Embora esses conceitos sejam ousados e de difícil compreensão faz-se interessante mencioná-los, visto que este trabalho é de objetivo exploratório frente à imensidão de realidades tão complexas como o desenvolvimento humano, a sexualidade e a espiritualidade. Ora, como espiritualidade terapêutica entende-se a abordagem individual do indivíduo consigo mesmo, suas ambiguidades, medos e especificidades de personalidade e subjetividade, trata-se de vivências do presente. Configura-se importante aspecto à luz da psicologia, visto que na contemporaneidade observa-se a substituição momentânea desse contato consigo mesmo pela intervenção medicamentosa. Obviamente, refere-se aqui ao uso descompensado e fragilmente justificável de psicofármacos, e não de intervenções medicamentosas terapeuticamente relevantes ministradas com responsabilidade e ética profissional.

Quanto às espiritualidades ditas feministas e as monásticas, serão mencionadas. Entretanto, não foram observadas empiricamente neste estudo. As feministas envolvem novos

posicionamentos que contradizem a predominância do papel masculino tanto na linguagem religiosa, quanto nos espaços de poder e funções de ministrar ao sagrado, ao povo e também administrativas. As espiritualidades monásticas reportam à oração silenciosa, a vida em comunidade e em alguns casos, à reclusão. No âmbito específico desta referida pesquisa, não foi observada a forma monástica. Visto que, os jovens ainda que religiosos, e em sua maioria cristãos, cada vez mais se inserem no contexto social comum, ou como referenciam alguns, ‘no mundo’ (FOCARDES, 2005).

Ainda nos aspectos de classificações, Hill et al. (2000) apresentam três formas de vivenciar a espiritualidade na pós-modernidade. São elas, a espiritualidade voltada para Deus, ou deuses; voltada para si; e ainda a espiritualidade humanista. Além dessas três formas é cunhada uma quarta forma de espiritualidade contemporânea, a saber a espiritualidade cósmica, ligada à meditação e contemplação da natureza. São envolvidos nesse processo, questões como paisagem e afetividade, configurando uma experiência de concepção complexa (DAVIS, HOOK, WORTHINGTON, 2008; ASHLEY, 2007).

Alguns autores apontam a espiritualidade como multidimensional, a exemplo de Vásquez (2005 *apud* Catré et al, 2016), Hill et al. (2000), e Meezenbroek et al. (2012). Este conceito pode ser afirmado e ampliado se associado com outras discussões teóricas. Ora, para Angerami-Camon (2002 *apud* Catré et al 2016), a espiritualidade é inerente ao ser humano. Enquanto que Piedmont e Leach (2002) a apresentam como transcendente à cultura e ao contexto. E, segundo, Fisher (2011) e Piedmont e Leach (2002), trata-se de um aspecto universal da experiência humana.

Observa-se que a espiritualidade é amplamente discutida e até mesmo apreciada frente à filosofia e às ciências humanas, sociais e da saúde. Ora, ao considerar o comportamento humano em seus fatores e variáveis não lineares, mas sistêmicos, aborda-se o aspecto espiritual do homem para além da religiosidade, da institucionalização ou ainda dos contextos sociopolíticos.

A abordagem científica centra-se no homem, na sua humanidade e no seu existir único no mundo, em contato com a natureza, com seus pares, e também com adventos espirituais. Sobre esses, talvez a ciência não tenha muito a dizer, como também lhe é assegurado o direito de não compreender. Contudo, todos esses fatores, tanto os universais e inerentes, quanto os específicos e subjetivamente individuais. Todos eles contribuem às mais diversas performances dos sujeitos cotidianamente, em seus comportamentos, tanto na esfera individual, quanto na coletiva.

Casaldáliga e Vigil (1992) expõem a espiritualidade à ciência, consideram aquela como parte do caráter humano, e por isso, passível de medidas e avaliações. Catré et al.

(2016) expõe a partir de diversos autores, discussões decorrentes da difícil conceituação de espiritualidade, bem como sua diferenciação dos termos religiosidade e religião.

Ainda nesse contexto, são apresentados explicações e conceitos contemporâneos a respeito da espiritualidade. Faz-se interessante mencionar que Rovers e Kocum (2010, p.17) apontam um modelo holístico de espiritualidade pelo qual, são compactados aspectos comuns nos diversos conceitos sobre o tema. Neste sentido, a espiritualidade é “como a força motriz que dá sentido, a estabilidade e propósito/sentido à vida através do parentesco com dimensões que transcendem a pessoa”.

Neste modelo, Rovers e Kocum (2010), apresentam três dimensões; a fé, a esperança e o amor, que tratam de conceitos amplos em consonância à espiritualidade. Dessa forma, por fé entende-se a crença em um Deus ou deuses, ou ainda em um ser supremo, transcendente. Quanto à esperança, está relacionada à existência humana e o sentido atribuído à vida. E o amor envolve a questão comunitária, o amor próprio e o amor ao mundo. Assim, infere-se a espiritualidade como transcendente e humana; simples, embora tão complexa.

Ross (1995) distingue três dimensões de espiritualidade. A primeira constitui a “necessidade de encontrar sentido, razão e preenchimento na vida”. A segunda, “a esperança e vontade para se viver”; e a terceira, “a fé em si mesmo, nos outros ou em Deus” (CATRÉ et al., 2016, p.39). Meezenbroek et al. (2012, p. 338) a partir da análise de mais de 800 artigos, apontam como busca das pessoas dos mais diversos contextos socioculturais e segmentos religiosos, a partir da espiritualidade, “a profundidade e o sentido da vida, a partir de experiências pessoais e *insight*, ao invés de o fazerem com base em regras externas, normas e expectativas”. Ora, tais autores inferem por espiritualidade, a seguinte definição, “o esforço e a experiência de ligação que cada pessoa tem consigo própria, com os outros, com a natureza e com o transcendente”.

Catré et al (2014) verificaram em grupo focal composto por elementos de religião predominante, de religião minoritária e sujeitos heterogêneos, a dificuldade em dissociar espiritualidade de religião e religiosidade, visto que, foram associadas historicamente. Além de que, é compreensível que membros assíduos de uma religião, tenham dificuldade de inferir sua espiritualidade à parte de sua religiosidade. Pois, as dimensões espirituais anteriormente citadas, como a fé, a esperança e o amor, são para estas pessoas e seus respectivos contextos, experienciadas através da religião. E, envolvidas espiritualidade e religiosidade, torna-se fundamento pessoal ou coletivo, teoricamente inseparáveis, para dado perfil de sujeito, ou ainda, de comunidade.

Bernardi e Castilho (2016) afirmam a importância da religião em nível de humanidade por ser parte constituinte da cultura de cada povo. Segundo ele, há também esperança e

sentido existencial nesse contexto. Estes autores discorrem sobre desenvolvimento com ênfase no desenvolvimento local, e para eles, entre as várias dimensões humanas e sociais deste processo, encontra-se a religiosidade com imprescindível papel identitário sobre as pessoas, e logo, a população de determinado local.

As identidades locais têm que ser respeitadas e, dentro disso, o mundo da religiosidade tem função fundamental, pois é ela que permite perceber as manifestações em torno do sagrado que faz parte da vida do homem e da sociedade, onde ele está e que ajuda na construção dos valores das pessoas, das famílias e das comunidades (BERNARDI; CASTILHO, 2016).

Neste contexto, a religiosidade é apreendida como fator de apropriação cultural e caracterização de território. Por religiosidade entende-se “a manifestação do sagrado que é a presença de uma potência sobrenatural em que se mostra o poder por meio de algum símbolo como uma força sobrenatural” (CHAUÍ, 1995).

A partir de Bernardi e Castilho (2016), infere-se a manifestação do sagrado, ou religiosidade, de forma ampla e contextualizada. Porquanto, tais manifestações vão além da individualidade. Com efeito, ao envolver um grupo configuram-se dinâmicas que afetam a sociedade a partir de valores e construtos coletivos advindos de experiências em contraponto às ditas manifestações. Portanto, a partir da religiosidade, infere-se a cultura. Ao considerar tais propriedades em caráter local, é sugerível que, “em todas as culturas, existem manifestações possíveis de expressar o sobrenatural que faz parte de suas vidas” (p.751). Quanto ao espaço sagrado, a religião indica como deve ser. Tal espaço se torna caracteristicamente cultural, não mais natural.

As manifestações do sagrado consideram-se aqui as diversidades, em consonância com os demais fatores demográficos e socioeconômicos assumem função de determinante comportamental do povo de tal localidade. É interessante ressaltar a força e intensidade apresentada por tais fatores locais. Ora, a Europa influenciou sobremaneira a América do Sul, através da repressão sobre as manifestações locais e da imposição hegemônica de sua cultura e religião. Ainda assim, as religiões ameríndias, bem como afrodescendentes não foram extintas. Pelo contrário, permanecem até a atualidade e conquistam espaço e respeito nas localidades brasileiras, além de conquistar adeptos de diversas etnias (DUSSEL, 1980 *apud* BERNARDI; CASTILHO, 2016).

Ao discutir-se filosoficamente a respeito da fé religiosa é possível observar que as crenças de um povo dizem muito não somente sobre a divindade em quem acreditam, mas também, sobre os religiosos. Pois, tanto a religião influencia o comportamento humano, como o homem manifesta e emprega muito de si em sua conduta religiosa. Para Campbell e Moyers (1990, p.37), “um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para a vida humana e para o universo”.

Ainda que a religiosidade esteja ligada ao sagrado, suas manifestações e estatutos é imprescindível citar a existência de contradições e ambivalências nas mais diversas religiões, bem como, em seus respectivos religiosos e seguidores. Ora, há amor e ódio; cuidado e violência; entre inúmeros antônimos descritos e apresentados das mais diversas formas e nos mais variados segmentos religiosos. Neste sentido, Bernardi e Castilho (2016, p.753) apontam para as manifestações religiosas como “[...] resposta para os temores da vida”. Pois, “o ser humano tem uma grande capacidade de abstrair inúmeras respostas ao que o aflige”. E assim, interpreta-se “a presença do sagrado como acompanhante e solucionador das dificuldades e com a promessa de dias melhores, mesmo que sejam em tempos escatológicos”.

E, a partir disto ressaltam-se também os aspectos moralizadores e de controle de conduta individual e social disponibilizados pelo temor que algumas religiões dispensam sobre seus seguidores. Cabe esclarecer ainda que, esta é uma descrição teórica, e que não caracteriza tais aspectos moralmente ou dualisticamente como bom ou ruim, certo ou errado. Visto que, se trata de aspectos complexos, mais sistêmicos que lineares.

Nota-se que Bernardi e Castilho (2016), compreendem a religiosidade como crucial no que se refere ao desenvolvimento humano e especificamente, em relação à caracterização e riqueza cultural no âmbito das localidades. Sobre a religiosidade eles se posicionam indicando que,

Ela se coloca como luz que ilumina as atitudes humanas em busca do Eterno, e não há religião em que esse eterno seja a destruição. Esclarece-se que esse caminho é ético, se bem fundamentado, permite entender o caminho que aquela sociedade está seguindo para se realizar como sociedade em busca e garantir a realização dos indivíduos que fazem parte dela (p.752).

Observa-se ainda que, nesse contexto, são consideradas as diversas formas e manifestações do sagrado, visto que, consideram-se as variedades de religiões. Cada uma delas em consonância com os demais fatores já mencionados na constituição cultural de dada localidade. Não obstante, considera-se também a possibilidade de introjeções características de uma religião para outra. E, ainda o surgimento ou criação de outras religiões.

A partir de Allport (1950 *apud* Santos et al., 2016), é possível inferir duas formas de vivenciar a religião, uma é a maturidade, e a outra, a imaturidade. A maturidade representa uma religiosidade aberta ao contraditório, às diferenças e às mudanças. Enquanto que, a forma imatura concebe a religião como auto provedora, de forma a representar uma totalidade subjetiva que pode reprimir, quiçá, excluir demais aspectos inerentes ao contexto de um indivíduo ou sociedade. Logo, obtém-se também uma classificação dúbia de religiosidade. Pela qual a religiosidade intrínseca apresenta grande intensidade de crença, sentido de vida e existência e compreensão de mundo a partir da religião. Contudo, a religiosidade extrínseca

configura-se pelo conforto e atuação social que uma religião proporciona em níveis de satisfação do indivíduo.

A respeito de compromisso religioso Glock (1962 *apud* Santos et al 2012) e Glock e Stark (1966 *apud* Santos et al 2012) apresentam cinco fatores básicos que serão sistematizados por Santos (2008) em seu Índice de Compromisso Religioso. São os cinco fatores:

(1) a experiência religiosa vivenciada por uma pessoa; (2) a frequência das práticas religiosas por parte dos membros de uma determinada religião; (3) as convicções religiosas e sua consistência (4) o conhecimento acerca do sistema de crenças da religião confessada; (5) e as conseqüências éticas do envolvimento religioso (SANTOS et al., 2012).

Santos et al. (2012, p.286) apresentam pioneirismo no Brasil em sua pesquisa de análise da relação entre o compromisso religioso e os valores humanos. Por valores humanos, entende-se que, “os valores podem ser entendidos como crenças prescritivas/proscritivas que permitem aos indivíduos julgarem objetos ou ações como desejáveis, indesejáveis recomendáveis ou reprováveis”. Na pesquisa, os valores humanos são classificados em seis tipos: normativa e interacional, como valores de orientação social; existência e suprapessoal, como valores de orientação experienciais; realização e experimentação, como valores de orientação pessoal. Os pesquisadores objetivaram conhecer os valores que poderiam explicar o compromisso religioso.

A pesquisa de Santos et al. (2012) conta com dois estudos. No primeiro estudo, participaram 535 estudantes de ensino fundamental, médio e superior de ambas as redes, pública e privada; com idades de 10 à 22 anos, e idade média de 15,5 anos. A maioria dos participantes é do sexo feminino, configurando 61,3%. Quanto à religião, 61,4% de confissão católica, 24,1% evangélicos, 8,1% sem religião e 6,4% espíritas ou pertencentes a outros grupos, como mórmon, budista, judeu, entre outras comunidades religiosas. O método consistiu na aplicação de questionário composto por diferentes instrumentos, a saber, Questionário dos valores básicos (QVB), Escala de Práticas Religiosas e Escala de Crenças Religiosas. O estudo confirmou as duas hipóteses propostas, a saber, “valores sociais apresentarão correlação positiva com o compromisso religioso”; e “valores de experimentação apresentarão correlação negativa com o compromisso religioso”. Assim, “os valores humanos se relacionam com o compromisso religioso, sendo estabelecidas relações coerentes com as predições baseadas na teoria funcionalista dos valores humanos” (p. 289).

No segundo estudo, participaram 431 estudantes, com idades entre 10 e 22 anos, idade média de 15,4 anos, e de maioria de sexo feminino. Quanto à religião, 58,5% católicos, 27% protestantes, 2,1% espíritas, 3,4% disseram pertencer a outro preceito religioso e 9% disseram

não pertencer a nenhuma religião. O estudo objetivava “verificar se as subfunções valorativas dos participantes influenciam seu compromisso religioso, replicando os resultados do primeiro estudo e utilizando análises de regressão múltipla”. As duas hipóteses propostas foram confirmadas, e o primeiro estudo foi replicado. São as hipóteses, “valores sociais apresentarão associação positiva com o compromisso religioso”, e “valores de experimentação apresentarão associação negativa com o compromisso religioso” (SANTOS et al., 2012, p.289).

A pesquisa de Santos et al. (2012) não pode ter seus resultados generalizados, apesar de ter alcançado seu objetivo. Isto se justifica a partir da amostra utilizada que não é representativa em nível de Brasil, pois é uma amostra de conveniência, ou seja, não probabilística. Ora, o compromisso religioso “se correlacionou positivamente com os valores sociais” (p.291) que são os normativos e os interativos. Isto se deu tanto nos dois estudos, quanto em pesquisas anteriores as quais os autores utilizaram como referencial teórico. Os valores de orientação pessoal, especificamente, os valores de experimentação apresentaram associações negativas quanto aos valores de compromisso religioso. O que sugere,

Que o indivíduo que apresenta um nível alto de compromisso religioso seria aquele que busca seguir as normas sociais, cumprindo suas atividades e deveres, que dão importância ao fato de fazerem parte de grupos sociais e religiosos, prezando pelo apoio encontrado nestes grupos e evitando a busca de prazer e aventura (Gouveia et al., 2009).

E ainda, obtiveram resultados não esperados, a saber, a associação negativa entre os valores de existência e o compromisso religioso. Isto foi observado no segundo estudo. E, “nesta relação os valores normativos atuaram como variável supressora de variâncias irrelevantes para a predição do compromisso religioso, fazendo com que sua associação com os valores de existência aumentasse significativamente”. Este estudo é de suma importância não só quanto às questões sociais e pelo seu pioneirismo no país, mas também por trazer luz à relação entre os valores humanos e os compromissos religiosos. Isto permite e propõe uma reflexão mais empática e teoricamente embasada sobre o comportamento humano em relação aos aspectos religiosos (SANTOS et al., 2012, p. 291).

Coutinho e Miranda-Ribeiro (2014) apresentam uma Revisão Bibliográfica Sistemática (RBS) de publicados entre 1950 e 2014 sobre religiosidade e iniciação sexual de adolescentes e jovens. A pesquisa foi realizada a partir das seguintes bases de dados; Journal Store (JSTOR), Scientific Electronic Library Online (SciELO), American Theological Library Association (Atla), Banco de Teses e Dissertações do Cedeplar e Banco de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Como estratégia de busca, foram utilizadas as seguintes palavras-chave; *adolescence, adolescent, teenagers; sexual*

initiation, sexual debut, first time, first sexual intercourse; religion, religiosity. E ainda, adolescência, adolescente; iniciação sexual, primeira vez, primeira relação sexual; religião, religiosidade. Foram encontradas 406 referências, as quais foram submetidas aos critérios de inclusão e exclusão, restando 99 referências. Foram os critérios, ser artigo científico, tese ou dissertação; texto completo disponível no formato Portable Document Format (PDF); ter iniciação sexual como principal tema; ter religião como variável de interesse ou de controle. Após leitura, categorização e análise foram excluídos 28 textos por não estarem em acordo com o objeto central desta pesquisa. Ou seja, não apresentavam a associação entre religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência. Restaram então, 71 documentos, a partir dos quais se chegou às informações e resultados descritos a seguir.

Quanto a opinião do jovem a respeito do sexo na adolescência, ou antes, do casamento, Silva (2008) observa que possa estar relacionada à filiação religiosa. Isto porque, para os jovens evangélicos pentecostais sexo é exclusividade do matrimônio, e fora desta instituição, configura pecado. Em consonância a estes autores, Paiva et al. (2008 *apud* Coutinho; Miranda-Ribeiro, 2014) traz à luz a associação entre as opiniões dos jovens e sua filiação religiosa, como o caso dos sem religião que se apresentam mais liberais, e discute a contradição de ideias e discursos nesse contexto. Entre os jovens evangélicos pentecostais apreendeu-se a recorrente linha de pensamento de prática sexual restrita ao casamento, além de que, por muitos não é considerada como fonte de prazer ou necessidade física. Ao mesmo tempo, é verificado forte presença de sexismo em seus discursos. Ora, nesse meio, mais pessoas concordaram que as mulheres, e não os homens deveriam iniciar a vida sexual no contexto do casamento.

É interessante mencionar a grande variabilidade de discursos entre a juventude brasileira, quanto à sexualidade e religião. Visto que Paiva et al. (2008 *apud* Coutinho; Miranda-Ribeiro, 2014) e Barbosa e Koyama (2008), a partir de suas análises comparativas de respostas de 1998 a 2005, apontam a não existência de um perfil unificado para adolescentes conservadores ou liberais. E ainda, que boa parte dos adolescentes e jovens que defendem o sexo exclusivamente marital, também se posiciona a favor da educação sexual nas escolas e do aumento da tolerância para com o sexo homossexual. Aspectos esses também identificados no grupo focal a que se refere este trabalho.

Atualmente, é possível notar maior conhecimento e discussão a respeito das questões de sexualidade entre os adolescentes e jovens religiosos. Eles sabem da existência de ideologias mais conservadoras, mas também tem conhecimento, superficial ou não, dos posicionamentos mais liberais. Pode-se questionar o papel das multimídias e mídias sociais neste cenário. Desta forma, católicos e evangélicos reconhecem as mudanças sociais.

Entretanto, continuam se posicionando contra a erotização precoce e os estímulos à sexualidade de adolescentes e jovens. Os líderes religiosos mantêm intacta a relação exclusiva entre sexo e matrimônio e atrelam a esta situação ideal o construto de que para uma prática sexual saudável o jovem deve ter responsabilidade, ao encargo de maturidade afetiva, consciência de seus atos, formação educacional e inserção no mercado de trabalho (RIOS et al., 2008).

Vários autores colocaram como quase universal que as pessoas sem religião tiveram mais chances de iniciação sexual em detrimento das pessoas com filiação religiosa. Contudo, faz-se necessário mencionar o achado de Burdette e Hill (2009). Eles se depararam com um resultado surpreendente em relação a todos os outros nessa linha, dentre os quais alguns estão descritos no presente trabalho. Logo, em sua pesquisa foi observado que pessoas sem religião tinham maiores possibilidades de se manterem virgens. Apresentou-se então, uma possível explicação. Sugeriu-se que tais pessoas possam estar mais expostas às mensagens de saúde pública. Para tanto, foi mencionado que algumas famílias e instituições religiosas podem considerar tais mensagens incoerentes para com seus princípios e por isso ‘proteger’ seus jovens de tais informações.

Ao abordar a diferença entre religiosidade e religiosidade individual é relevante citar os conceitos e termos cunhados por Woodroof (1985 *apud* Coutinho; Miranda-Ribeiro, 2014). Este autor apresenta uma classificação dupla de religiosidade. A religiosidade individual, *intrinsically oriented*, refere-se ao sujeito que tem como hábito a leitura da Bíblia e a realização de orações pessoais. Enquanto que, *extrinsically oriented*, refere-se ao sujeito religioso que não pratica habitualmente as atividades anteriormente citadas. Apesar de ambos frequentarem a igreja, e talvez a mesma denominação, os religiosos individuais envolvem-se com a religião em si, ao passo que os religiosos apreendem a questão social e a possibilidade de obter algo através da religião. Em estudo, Rowatt e Schmitt (2003) descobriram uma tendência de que maioria feminina quanto a ser *intrinsically oriented*.

Burdette e Hill (2009) discorrem sobre a potencialidade da religião quanto aos aspectos pessoais dos jovens. Pois, no final da adolescência e na juventude não é fácil enquadrá-los à religiosidade, ou ainda, levá-los às cerimônias e reuniões, como é feito pelas famílias religiosas durante a infância e início da adolescência. Dessa forma, é possível refletir nos princípios religiosos de castidade como escolhas dos jovens e não mais uma imposição. Obviamente, há uma tendência e orientação a ser consideradas, como a criação e educação a eles dispensada. Porém, não há como ignorar as mudanças ocorridas no período da adolescência, já discutidas neste trabalho, de forma a impelir maior autenticidade aos sujeitos, em relação à infância. Sobre o envolvimento religioso pessoal dos jovens e suas

decisões em relação à sexualidade, Mbotho, Silliers e Akintola (2013 *apud* Coutinho; Miranda-Ribeiro, 2014) identificaram como fator mais importante quanto ao postergar a iniciação sexual foi a finalidade de agradar a Deus.

Como resultado da pesquisa com 71 artigos, Coutinho e Miranda-Ribeiro (2014) apontam as seguintes considerações a respeito da análise de dados e também quanto às questões metodológicas. Ora, “tanto a religiosidade individual, seja ela intrínseca ou extrínseca, quanto a religiosidade da família e da comunidade estão associadas à iniciação sexual” (p.353). Neste sentido, é mencionado a partir de Jensen, Newell e Holman (1990), que há também uma correlação entre a permissividade e as pessoas que frequentam à igreja semanalmente. Deste modo, levanta-se a hipótese de que tais pessoas frequentem à igreja mais por conformidade social, que por religiosidade.

Aborda-se a necessidade de discutir os variados processos e fatores relacionados à experiencição da juventude frente à sexualidade, de forma a não restringir às variáveis de interesse à primeira relação sexual. Nestes aspectos metodológicos considera-se que atividades sexuais não consentidas ou sob coerção possam ser entendidas pelos participantes de pesquisas como uma relação sexual, em termos gerais e não como abuso sexual. Este fator pode enviesar as estatísticas quanto à iniciação sexual. Assim como, pessoas não virgens que ao se converterem a determinada religião adotem a castidade como estilo de vida podem reportar sua condição de já iniciado sexualmente em questionários de pesquisa. Esta última possibilidade descrita pode dar a falsa impressão que jovens muito religiosos contradizem a sua fé quanto às práticas sexuais (COUTINHO; MIRANDA-RIBEIRO, 2014).

Com base em mais de meio século de pesquisas, Coutinho e Miranda-Ribeiro (2014) apontam que o impacto da religião sobre a iniciação sexual de adolescentes e jovens é maior na realidade dos sujeitos mais religiosos. Há também a revelação de que os jovens se sentem divididos entre discursos normativos. A saber, as concepções da comunidade religiosa, da comunidade social e meios de comunicação, educação sexual e em saúde, entre outros. Deste modo, é sugerível que o jovem tenha a possibilidade de compreender tais discursos, analisá-los, apropriar-se, ou ainda, questioná-los.

Silva, Paiva e Parker (2013) apresentam um estudo qualitativo com o objetivo de descrever como jovens religiosos entendem a homossexualidade, e ainda correlacionar tais posicionamentos com as questões de saúde e direito públicos. Como instrumentos de coleta de dados utilizaram-se entrevista e grupo focal. Foram entrevistados 18 jovens de idade entre 15 e 25 anos. A saber, nove rapazes; dois católicos, um adventista da promessa, um anglicano, um da Assembleia de Deus, dois umbandistas e dois do Candomblé. E, ainda nove moças; duas católicas, uma adventista da promessa, uma anglicana, uma da Assembleia de

Deus, duas umbandistas e duas do Candomblé. Houve dois grupos focais. Um composto por quatro rapazes e nove moças umbandistas; e o outro composto por cinco rapazes e quatro moças da Igreja Adventista da Promessa. Os adolescentes e jovens encontravam-se na condição de estudantes do ensino médio e de nível superior, classe média baixa e eram moradores do município de São Paulo e de municípios da região do ABCD, a saber, as cidades de Santo André; São Bernardo do Campo; São Caetano do Sul e Diadema (ABCD), no Estado de São Paulo, Brasil. Quanto à proposta teórico-metodológica e os resultados do estudo, pode-se apresentar que,

As narrativas compostas pelos jovens foram consideradas como a expressão dinâmica do posicionamento de pessoas interpeladas pelas questões propostas pelo estudo, tomadas como sujeitos plurais: sujeitos sexuais, sujeitos de direitos e sujeitos religiosos. O formato de grupo focal levou à apreensão, como esperado, das visões hegemônicas nos grupos estudados (p.106).

No estudo de Silva, Paiva e Parker (2013) observaram-se que a maioria dos participantes não havia tido iniciação sexual e/ou afetiva. Com exceção de três moças umbandistas, todos se afirmavam heterossexuais e diziam nunca ter tido relação ou sentido atração ou desejos homossexuais. Os jovens se referiram à homossexualidade como ‘homossexualismo’ e utilizaram os termos ‘escolha’ e ‘opção’. Sobretudo, demonstraram muita preocupação quanto à discriminação, as quais se posicionaram totalmente desfavoráveis. Apesar desses aspectos comuns, foi possível notar especificidades nos discursos, de acordo com os segmentos e denominações religiosas dos participantes. Esses aspectos também foram encontrados no presente trabalho. Por isso, algumas falas dos sujeitos da pesquisa de Silva, Paiva e Parker (2013) serão apresentadas ao longo dessa descrição e serão referenciadas por nomes fictícios, assim como no estudo original.

Os católicos foram os que mais se posicionaram contrários a alguns preceitos de suas comunidades religiosas, quanto aos temas homossexualidade, uso de preservativos e prevenção ao HIV e à gravidez. Os anglicanos expuseram que em suas comunidades havia muitos frequentantes homossexuais e que eles eram bem recebidos, apesar da denominação não renunciar aos ensinamentos bíblicos mantendo-se contra as práticas não heterossexuais. Neste sentido, uma jovem anglicana disse se preocupar com a reação de senhoras mais idosas se elas se deparassem com um casal homossexual de mãos dadas no contexto religioso. E ainda que considerava exagerados e inapropriados alguns comportamentos de homossexuais como carícias e beijos no ambiente da igreja. Esta jovem apresentou sua opinião contra a discriminação e a violência às pessoas por questões de sexualidade. Contudo foi sincera sobre as dificuldades que enfrenta em relação ao estilo de vida gay no contexto de sua comunidade religiosa. Ela disse ainda que seu namorado era seminarista em uma linha mais conservadora

e que os colegas dele ‘brincavam’ e o identificava como “integrante de uma ‘paróquia gay’” (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013).

Quanto aos jovens do Candomblé, Silva, Paiva e Parker (2013) observaram uma aproximação de discurso em relação aos católicos. Ambos se afirmaram enfaticamente como heterossexuais, mas alegavam aceitar a homossexualidade. E, sobre este tema, observou-se nos posicionamentos de jovens católicos e de jovens das religiões afro-brasileiras “uma articulação entre valores laicos e religiosos no *ethos* privado não confessional, indicando a imprecisão das fronteiras entre o religioso e o não religioso”(p.111).

Os evangélicos pentecostais referiram-se às pessoas não evangélicas como “do mundo”, e para eles questões informativas e preventivas contra HIV e gravidez indesejada não são tão relevantes para os jovens evangélicos quanto são para os jovens ‘mundanos’. Eles também se apresentaram contra a discriminação e enfatizaram o amor de Deus para com a humanidade. Quanto à homossexualidade, eles se apresentaram mais firmes ao afirmar que tal conduta configura pecado, e ainda que os homossexuais que não abandonarem tais práticas não entrarão no Reino de Deus. Asseguram ainda a possibilidade de mudança para homossexuais, ou seja, o abandono de práticas homossexuais e até mesmo o vivenciar da heterossexualidade. O que se verifica através do seguinte trecho do discurso da jovem Camila que é assembleiana e tem 25 anos de idade. (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013, p.107-108),

“Se você não deixa [a homossexualidade], você não consegue viver a palavra de Deus. [...] os que não fazem esta renúncia, geralmente, não conseguem ficar na Igreja [...]. Eu conheço, por exemplo, homossexuais que deixaram de ser quando conheceram Jesus, quando aceitaram Jesus. Conheço, e eles testemunham que realmente é difícil, mas que eles mesmos reconhecem que este não foi o plano da criação divina. Foi uma opção que eles fizeram antes. [...] **Seja aonde quer que vá, a Bíblia, ela é única. Tem muitas traduções, mas a mensagem principal é a mesma. E, diante de Deus, isto não é aceitável.** Então, a pessoa que quer, ela busca deixar a vida que outrora vivia. E eles testemunham que continuam sendo felizes, servindo Jesus, sendo hêteros” (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013, p.108, grifo do autor).

Os adventistas da promessa também apresentaram posições bem firmes quanto à homossexualidade, que para eles, além de ser pecado também pode ser considerada doença. Para tanto, eles se fundamentam não só na Bíblia, mas também em informações expostas na comunidade em geral. Faz-se coerente ressaltar que, o referido trabalho de Silva, Paiva e Parker foi publicado há quatro anos atrás, em 2013, que o pronunciamento dos participantes não necessariamente representa de forma integral o posicionamento de seus líderes e de suas comunidades religiosas. Além de que, é interessante conhecer a realidade dos diferentes grupos sociais. E, deve-se respeitar os mais diversos discursos, o que não significa reafirmá-los ou considerá-los válidos.

“Homossexualismo é pecado. É colocado aí, até do lado de fora já foi colocado que é uma doença [...] como a pessoa tem tendências a ser homem, outro tem tendências a ser mulher, outros têm tendência a, como se fosse um meio termo. Mas nós, pela Palavra de Deus, nós entendemos que existe o homem e a mulher. A gente acredita que às vezes o homossexualismo é devido a uma formação familiar, é devido, às vezes, a abuso de crianças, na adolescência [...] nós amamos o homossexual, nós não discriminamos ele. É ele entrar dentro da Igreja e será bem-vindo, como todos os outros. Mas o que a gente condena é o homossexualismo. A pessoa, uma vez que ela entra aqui, nós vamos trabalhar, nós vamos conversar, nada de forçar, nós vamos conversar e mostrar e tentar reverter essa situação. Jesus amou o pecador e odiou o pecado” (Raul, adventista, 18 anos) (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013, p. 108).

Reafirmou-se também a impossibilidade de entrar no Reino dos Céus sem renunciar à homossexualidade,

“[a homossexualidade] não agrada a Deus, é bíblico que os homossexuais não herdarão os céus. Não vai herdar a vida eterna. [...] Deus não aceita. Ele te ama, mas ele não pode te aceitar no reino dele do jeito que você é. Você tem que mudar. [...] Nunca escutei que uma pessoa aceitou Jesus homossexual e continuou homossexual. Porque, se ele veio pra Cristo, a verdade vai libertar ele, porque não é certo” (Vânia, adventista, 22 anos) (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013, p. 108).

A partir deste grupo com adventistas da Promessa foi possível apreender um pouco sobre o contexto bíblico em relação à sexualidade, visto que os jovens citaram escrituras bíblicas desde à criação expondo ensinamentos. E, ainda, “um dos jovens pegou, abriu e indicou um trecho da Bíblia que carregava para provar que estavam a falar justamente aquilo que estava nas escrituras sagradas”. Houve também algo interessante, durante as explicações de base bíblica sobre a homossexualidade, um dos participantes se referiu à prática homossexual como pecado e erro, comparando-a com a mentira e a glotonaria. Ora, “não há dúvidas de que esta é uma comparação com pecados ‘menores’ que contrasta com outros discursos evangélicos que comparam homossexualidade à pedofilia ou zoofilia”. Isto é significativo para pesquisas qualitativas de caráter social, pois pode indicar diferenças de discursos e posicionamentos entre as gerações, ainda que ambas tenham como referência e fundamento os mesmos textos da Bíblia (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013, p.109).

Em relação ao Candomblé e à Umbanda, os autores verificaram que não há regras ou estatutos explícitos sobre a homossexualidade e que os ensinamentos dessas religiões afro-brasileiras são transmitidos em sua maioria através da tradição oral e dos rituais e celebrações do que por registros escritos. Os sujeitos de pesquisa participantes de tais religiões apontaram ainda, que as religiões em si não apresentam nenhuma restrição e que devido à falta de registros escritos o assunto fica ao encargo dos líderes de cada comunidade. Isto pode sugerir a possível mistura de opiniões pessoais com os hábitos religiosos. Apesar dessa diferença de doutrinas entre as religiões cristãs e as afro-brasileiras até então mencionadas, é possível perceber condição de conflito no discurso de jovens de religiões menos restritivas quanto à homossexualidade. Tal situação pode estar ligada a outras variáveis como contexto social,

família, educação e não somente religião, além das questões pessoais (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013).

Segue um trecho do discurso de Lia, uma adolescente homossexual umbandista de 18 anos,

“[...] nossa religião não condena, mas ela não aceita. Vamos combinar, vamos ser sinceros, ninguém fala mal dos gays, mas ninguém aceita, também, não acha que é uma coisa normal. E eu fico muito confusa. Eu fico pensando, lá na frente, e se eu for homossexual, ou melhor, eu já sou. Não tem pra quem eu pergunte que aceite. Eu já perguntei para os guias, eu falei assim: “Escuta, pai, como que é?” [...] Ninguém me dá uma resposta concreta, sempre me falam que me aceitam. [...] eu continuo com a mesma dúvida” (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013).

Assim como no discurso da jovem Lia, também foram apreendidas no grupo focal ao qual se referencia o presente trabalho, falas de insegurança quanto à aceitação e à incondicionalidade do amor de terceiros em relação à possível homossexualidade. Ainda que afirmem ser heterossexuais, muitos jovens religiosos ao se depararem com discursos conflitantes ou de ódio, sentem-se inseguros quanto ao seu lugar de conforto em suas comunidades, caso se percebessem homossexuais.

Em suma, o trabalho de Silva, Paiva e Parker (2013), além de propor parâmetros de conhecimento, compreensão e empatia para com os diversos lugares de fala dos adolescentes e jovens brasileiros, afirma o jovem como sujeito plural. Logo, faz-se necessária a compreensão da autonomia do jovem como sujeito religioso, sujeito sexual e sujeito de direito. E assim, é possível repensar as condições de saúde, assistência social e educação a eles destinadas.

Em análise de textos de periódicos, Setton e Valente (2016) abordam religião e educação no Brasil. A investigação delimita o período entre os anos 2003 e 2013. A partir de doze revistas, incluindo as áreas de educação, sociologia, antropologia e história, encontrou-se 149 artigos e quinze resenhas. No entanto, optou-se por destacar os artigos, dos quais foram selecionados 115. A partir de discussões políticas a respeito da legislação e da realidade do Brasil como país laico e religioso, as autoras pontuam que “o caso da laicidade das instituições brasileiras poderia ser um exemplo de prescrição governamental à qual a população não atribuiu legitimidade” (p.422).

Setton e Valente (2016) verificam discrepância quanto à religiosidade brasileira. Ao mesmo tempo em que há grande transitoriedade entre as religiões e um número considerável de pessoas sem religião, as instituições religiosas estão engajadas e envolvidas em questões políticas e publicitárias. A partir de suas análises, as autoras apontam os seguintes tópicos como relevantes à reflexão sobre o tema por elas proposto,

a) sinalizam, de maneira pertinente, uma preocupação com o proselitismo religioso da religião hegemônica do Brasil, ou seja, a cristã; b) denunciam a prática aberta de

assimetrias entre as religiões; c) demonstram a força e a influência do campo religioso no universo educacional brasileiro bem como d) evidenciam uma forte orquestração política e religiosa para a manutenção dessas práticas (p.426).

Quanto à religiosidade na educação brasileira, sobretudo no contexto escolar, as autoras Setton e Valente (2016) consideram as questões sócio-históricas do país, que tem a religiosidade como cultura desde seus primórdios. Contudo, apontam também para a “participação dos agentes escolares prenes de uma religiosidade sincrética, que admitem e legitimam valores religiosos no interior da escola” (p. 426).

Por fim, Setton e Valente (2016) indicam o trânsito de fiéis entre as religiões tradicionais, o pluralismo e variedade de religiões, o individualismo nas escolhas e a tolerância a novas formas de sagrado. E, apesar disso, a permanência de grupos religiosos conservadores, rígidos e até mesmo controladores. Como apresenta Setton (2012 *apud* Setton; Valente, 2016), as práticas culturais dos brasileiros continuam sendo influenciadas pela religião. Esta pode atuar tanto como solvente, como cimento no cenário pós-moderno. Quanto às demandas de direito e saúde, “as controvérsias entre religião e política parecem atravessar essas dimensões, mobilizando questões morais, éticas e até mesmo a garantia de um Estado laico” (WEBER, 2009; DURKHEIM, 1996; SETTON, VALENTE, 2016, p.431).

5 PÓS-MODERNIDADE

A sociedade ocidental é caracterizada por aspectos culturais e históricos de base capitalista e tem apresentado atualmente instabilidades de ordem econômicas e políticas que perpassam o campo das ideologias, subjetividades e relações sociais. A este momento denominam-se pós-modernidade, contemporaneidade, ou ainda, modernidade líquida.

A ideia de pós-modernismo surge pela primeira vez no mundo hispânico na década de 1930, com o poeta Federico de Onís (*apud* ANDERSON, 1999) que apontou para *postmodernismo*, e na década de 1940 aparece nos Estados Unidos e na Inglaterra. Em 1954, em seu oitavo volume, o historiador Toynbee, ao abordar o que denominou de idade pós-moderna, aponta para uma civilização ocidental universal, que segundo ele arruinaria todo o planeta. O historiador apresentava uma postura negativa sobre a pós-modernidade, apontando para uma fé sincrética incorporada numa religião universal como possível garantia de futuro para o planeta. Este autor chega a desconsiderar a categoria de civilização e padrão de desenvolvimento humano ao longo de seu percurso em descrever a história. Segundo Birman (2005), este é um período marcado pela pobreza do desejar e do fantasiar como paradigmática da contemporaneidade, a partir da onipresença da morte que nos aponta para a insegurança. O que infere possivelmente a necessidade de novas linhas metodológicas para compreensão, descrição e intervenção do referido momento histórico-social. Logo, cabe a ousadia de citar a complexidade, neste contexto.

Na década de 1950, o poeta Charles Olson (*apud* ANDERSON, 1999) já fomentava discussões mais afirmativas sobre o pós-modernismo intrínseco ao ocidente. Entretanto, num contexto de guerras e perseguições políticas, o autor acaba por extinguir a referência ao pós-moderno de suas poesias. C. Wright Mills e Irving Howe utilizam do termo pós-moderno em sentido pejorativo e denunciam uma possível decadência intelectual, onde a liberdade e a razão teriam sido substituídas pela síntese. Ambos apontam para uma relação suspeita entre o artista e o burguês, a cultura e o comércio. Ao considerar tais críticas, é possível o questionamento a partir de Birman (2005) sobre o pensamento dos sujeitos, visto que se evidencia na linguagem cada vez mais visual, animada e precária na simbolização, a crescente incorporação da metonímia. Doravante, as metáforas perdem espaço entre habilidades comunicativas e interpretativas do homem contemporâneo.

Anderson (1999) informa que o desenvolvimento teórico e a posterior cristalização do termo pós-modernidade só ocorreu a partir da década de 1970. Ainda que antes disso o uso do termo fosse circunstancial, quiçá aleatório, em virtude da temática do presente trabalho faz-se interessante mencionar o posicionamento crítico de Leslie Fiedler em meados de 1960. Ele refere-se à nova literatura pós-moderna como acolhedora à expressão dos jovens americanos

que segundo ele eram mais sensíveis, além de mesclarem várias influências socioculturais até então excluídas da história. Neste sentido, Fiedler previu um “cruzamento de classes e uma mistura de gêneros, repudiando as ironias e formalismos modernistas, para não falar nas distinções entre elevado e inferior, numa volta desinibida ao sentimental e burlesco” (p. 19). Anderson (1999) relata pontos relevantes sobre o posicionamento crítico de Fiedler que, ao se analisar em consonância com a atualidade, pode-se caracterizar como profético.

Em 1969, a versão de Fiedler para o pós-moderno podia ser vista, no seu apelo à emancipação do vulgar e à liberação dos instintos, como um eco prudentemente despolitizado da insurreição estudantil da época, que, ao contrário, não se poderia certamente se considerar indiferente à história (p.19).

Em 1972 começou o processo de cristalização do termo pós-moderno, que teve como marco importante o lançamento da “Revista de Literatura e Cultura Pós-Modernas – o periódico boundary 2 [fronteira 2]”. O ensaio principal era de David Antin sob o título “Modernismo e pós-modernismo: abordando o presente na poesia americana” (p. 23). Assim como o modernismo, o ímpeto pós-moderno se expressou notoriamente na literatura e nas artes. Logo, muitos questionamentos foram levantados sobre a possível extensão desta abordagem pós-moderna também no aspecto social. De início, o contexto discutido nas artes temia a dificuldade em lidar com um pós-modernismo geral e a separação entre filosófico, psicológico, político e social. Todavia, percebeu-se a fragilidade de fronteiras fixas de conceitos binários como esquerda e direita, vulgar e elevado. Aponta-se aqui, mais uma vez, para a complexidade (ANDERSON, 1999).

Em seguida, aborda-se o pós-moderno na arquitetura, de modo adotar uma forma e estética maleáveis a serviço do homem e do comércio, em detrimento dos anteriores pressupostos morais e religiosos. Neste aspecto, há uma mescla autorizada, ainda que questionada, entre os prazeres e desejos em detrimento do formalismo tradicional. A exemplo, a cidade de Las Vegas, pela qual atuaram arquitetos desbravadores sob a ótica da arte pós-moderna. Ao não questionar a funcionalidade da conhecida ‘cidade do pecado’, antes debruçar-se sobre a solução para que atenda à lascívia e ao lucro de seus empreendedores, estavam não só assumindo uma nova postura generalizada pós-moderna, como também substituindo os preconceitos pelo relativismo (ANDERSON, 1999).

Birman (2005) acusa a inexistência da ideia de sociedade pela atribuição da ideia de mercado, de forma que as ideologias não são tão comuns quanto à ciência e à técnica. Logo, não se trata de solidariedade, e sim de competição, em torno de mercado e globalização.

Neste contexto, Hall (1998) apresenta a globalização como complexo conjunto de mudanças que influenciou fortemente as identidades culturais, de forma que as identidades nacionais sofrem processo de desintegração, de acordo com uma cultura global.

Em seu ensaio, Anderson (1999, p. 33) revela o alcance da pós-modernidade, e faz menção ao título da obra do francês Jean-François Lyotard, lançada em Paris no ano de 1979.

“A *Condição pós-moderna* é a tendência para o contrato temporário em todas as áreas da existência humana: a ocupacional, a emocional, a sexual, a política – laços mais econômicos, flexíveis e criativos que os da modernidade”.

Anderson (1999) apresenta 1981 como o marco da cristalização do pós-moderno que se tornou tema de discussão entre os artistas, escritores e críticos da época. Uns apontavam para o ressurgimento da moral religiosa como escapatória à perversão dos períodos anteriores, outros escandalizavam a comercialização desenfreada da arte e o negócio entre a estética e o vazio de conteúdo. Já na referida década percebia-se a pós-modernidade como realidade indefinida, ilimitada e de temporalidade confusa, portanto, de complexa compreensão. Ora, discutia-se, produzia e se inspirava a respeito, mas intelectualmente ainda havia um vácuo, na verdade não havia uma definição ao certo, por isso tentavam misturar referências das épocas passadas, ou ainda, profetizar sobre um tempo não idealizado. Por fim, adquire-se uma certeza, o capitalismo tornava-se a única opção.

A partir de todos os excessos da pós-modernidade configurados na ideação de vida saudável, medicalização, culto ao corpo e hiper consumismo, tem-se na atualidade o vazio como aspecto primordial do sujeito contemporâneo. Ao aprofundar-se nessas questões torna-se compreensível a grande ocorrência de depressão, uma das grandes preocupações da OMS. Toda esta indefinição, maleabilidade e fluidez apontam para um hibridismo característico deste momento e que também tem se apropriado das questões identitárias. Além de partilhadas, as identidades integram o fenômeno da homogeneização cultural, ainda que haja admiração pelo diferente (BIRMAN, 2005; HALL, 1998).

Em sua discussão, Hall (1998) aponta três concepções identitárias. O sujeito do Iluminismo apresentava identidade centrada na essência interna e individual do sujeito, dotada de razão. O sujeito sociológico já se apresentava complexo e em interação com a cultura. Enquanto que o sujeito pós-moderno apresenta identidade móvel, construída historicamente, se adapta aos diferentes meios aos quais for inserido o sujeito e se caracteriza pela contradição.

O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001) descreve a pós-modernidade em suas obras literárias e apresenta o conceito de modernidade líquida. A associação feita pelo autor compara sólidos e líquidos. Uma vez que, em condições sólidas há uma rigidez da forma de dado elemento que dificulta seu movimento e locomoção. A liquidez por sua vez, proporciona uma flexibilidade e mutabilidade de forma, lhe atribui fluidez e mudanças mais rápidas, quicá instantâneas.

A modernidade iniciada no século XIX tem como marco histórico a Revolução Industrial, e está figurada por sólida por conter padrões e normativas sociais pré-estabelecidas e rígidas. Enquanto que a atual configuração histórica e social do ocidente, também chamada de segunda modernidade, difere da anterior em dois aspectos. O primeiro consiste no colapso gradual e no rápido declínio da ideia de equilíbrio futuro. Ou seja, a ideia de que se chegaria a um estado de perfeição e equilíbrio é gradativamente extinta. E o segundo trata da desregulamentação e privatização das “tarefas e deveres modernizantes” que gera fragmentação e individualização (BAUMAN, 2001, p.39).

A pós-modernidade caracteriza-se pela mobilidade e inconstância, a princípio socioeconômica. Este contexto exerce influência sobre as escolhas individuais e coletivas. Nesse aspecto, é discutida a ideia de liberdade. Para Bauman (2001), a sociedade atual já teria atingido toda a agenda de libertação. Logo, para ele, este é o momento em que os homens estão mais livres, com maior ausência de normatividades, não sendo possível maior liberdade. A força emancipadora apontada é a coerção social que tem a submissão à sociedade como condição de libertação. A liberdade proporciona individualidade e até mesmo anomia. Refere-se à ausência ou falta de clareza das normas, apresentada como incapacitante, gerando dúvida e medo.

A pós-modernidade é oposta ao totalitarismo e abrange as diversas áreas e momentos do desenvolvimento humano, inclusive as relações interpessoais e os vínculos afetivos. Em sua obra “Amor Líquido”, Bauman (2004) aborda os relacionamentos afetivos sob sua ótica descritiva de “Modernidade Líquida” (2001). No âmbito da liquidez, os limites são menos rígidos e mais fluidos de forma que os valores são facilmente modificados, e o conceito de vínculo quase extinguido.

Nesta perspectiva, o indivíduo estabelece cada vez menos vínculos duradouros. Pois, devido a capacidade de se adaptar, necessária e exaltada no contexto pós-moderno e que ao extremo ocasiona a perda da historicidade, adquire-se a figuração de turista, estando sempre de passagem, suscetível às mudanças bruscas e instantâneas, e estando sempre à espera de algo melhor, por isso a dificuldade em comprometer-se. O sujeito pós-moderno em meio a sua liquidez, pró-atividade e adaptação compulsória encontra-se sob uma tensão constituída pela ambivalência. Simultâneo ao desejo de se relacionar configura-se o medo de se comprometer, e assim, os laços afetivos se tornam cada vez mais frágeis (BAUMAN, 2004).

O autor, Bauman (2004), descreve os fenômenos contemporâneos, atribui responsabilidade ao sistema capitalista, às transformações tecnológicas e sociais e às redes sociais que possibilitam a facilidade e rapidez de deletar ou adicionar alguém à rede de amigos, assim como em descartar ou substituir algo ou alguém que não pertence ao atual

projeto. Esta é uma relação dialética, pois não há como determinar separadamente as causas e os efeitos.

A partir das informações expostas ao decorrer deste trabalho, infere-se que a pós-modernidade é um fenômeno de variadas interligações e influências mútuas e simultâneas. Logo, o pensamento linear e dualista pode não ser efetivo à compreensão e estratégias de intervenção à realidade pós-moderna. Ao analisar a sequência modernidade e pós-modernidade, a simplificação e o reducionismo da ciência clássica o francês Edgar Morin cunhou o método da complexidade.

O pensamento complexo diz respeito a uma nova forma de organização dos elementos para análise de fenômenos e objetos que vai além de um equilíbrio entre o pensamento comum e o pensamento científico. Trata-se de um entendimento global, sistêmico e transdisciplinar, como explicitado por Morin e Le Moigne (2001);

(...) Mas as práticas clássicas do conhecimento são insuficientes. No momento em que a ciência de inspiração cartesiana ia muito logicamente do complexo ao simples o pensamento científico contemporâneo tenta ler a complexidade do real sob a aparência simples dos fenômenos. De fato, não existe fenômeno simples (p.45).

A complexidade é constituída em contradição à simplicidade e tem a teoria sistêmica como aliada no processo de compreensão e atuação transdisciplinar. Edgar Morin (2006) em *Introdução ao pensamento complexo* expõe o que seria a complexidade, neste contexto; “à primeira vista, é um fenômeno quantitativo, a extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidade” (p.35).

Em consonância à compreensão do complexo e atuação transdisciplinar, faz-se necessário refletir a subjetividade como aspecto inerente ao comportamento humano e aos grupos e instituições sociais. O processo de subjetivação ocorre a partir da influência mútua e simultânea entre o indivíduo e a sociedade em que está inserido. Portanto, faz-se importante abordar esse assunto frente à realidade pós-moderna (MARTÍNEZ, 2005).

6 METODOLOGIA

6.1 Desenho do Estudo

Neste trabalho propôs-se uma metodologia de abordagem qualitativa e natureza aplicada. Com objetivos de linha exploratória, utilizaram-se procedimentos de pesquisa de campo, como organização da amostra e método de coleta de dados através da técnica de grupo focal.

6.2 Local e período de realização da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola privada na cidade de Palmas-TO, especificamente, em sala de recursos de multimídias, no prédio da instituição.

A pesquisa ocorreu no segundo semestre letivo de 2017. Quanto às datas, dias e horários dos encontros considerou-se o calendário escolar 2017 disponibilizado no site da instituição na internet, evitando as avaliações e testes. Logo, a coleta de dados ocorreu nos dias 18, 23 e 25 de agosto de 2017, que consistiram em duas quartas-feiras e uma sexta-feira, respectivamente, no horário das 14h às 15h30, aproximadamente.

6.3 Objeto de estudo ou população e amostra

Neste trabalho, teve-se como objeto de estudo adolescentes de idade entre 13 e 15 anos de idade. Este trabalho concebe a adolescência como o período do ciclo vital dos 12 aos 18 anos de idade. Todavia, a faixa etária dos participantes foi limitada. Isto se justifica tanto pela dificuldade de horários dos adolescentes escolares, em razão dos estudos e das atividades extracurriculares, quanto por considerar mais adequado e eficaz à discussão grupal com participantes de idades, níveis acadêmicos e contextos sociais aproximados.

Quanto ao tipo de objeto, trata-se de uma população. O universo constitui todos os estudantes devidamente matriculados na instituição de ensino em questão que se encaixam na faixa etária citada. A amostra foi composta, a priori, por dez voluntários recrutados e selecionados para participar de um grupo focal. No entanto, ao longo da pesquisa três participantes desistiram. Estes deixaram de ir sem expressar verbalmente suas razões para tal. Em respeito aos princípios éticos relacionados à autonomia do sujeito de pesquisa, e ainda, ao direito do participante de desistir da pesquisa a qualquer momento sem ter de prestar quaisquer esclarecimentos, garantidos através do TCLE e TALE, tais participantes não foram contatados ou questionados quanto à desistência.

A saber, um participante do sexo masculino não compareceu a nenhum dos encontros, considera-se esse sujeito como participante por ter aceitado participar, ter recebido os termos e ter confirmado sua participação, e por isso foi contabilizado na amostra. Outro participante do sexo masculino desistiu, este havia comparecido apenas ao primeiro encontro, no qual se percebeu a não integração ao grupo. Este não se pronunciou e aparentou não estar engajado

quanto aos temas abordados e à discussão em geral. No terceiro encontro, um participante também do sexo masculino não compareceu. Faz-se relevante mencionar, que este esteve engajado e integrado à discussão grupal durante o primeiro e o segundo encontro, demonstrou interesse quanto à participação da pesquisa, e assim como os demais integrantes da amostra, havia expressado expectativas no segundo encontro em relação ao terceiro e último, e havia confirmado sua presença. Contudo, não compareceu.

Quanto à representatividade quantitativa da amostra, na técnica de grupo focal, além de se tratar de uma técnica qualitativa, a composição de amostra não é feita em conformidade com critérios estatísticos e análises quantitativas. Logo, “a definição dos participantes não será guiada pelo critério de representatividade (quantitativa) deste ou daquele segmento social”, visto que, “a abordagem qualitativa está comprometida com a compreensão e o entendimento do fenômeno inserido em um contexto particular e, sendo assim, a representatividade estatística não é o mais importante” (TRAD, 2009, p. 785; GONDIM, 2003, p.158).

O contato entre a pesquisadora e os participantes se deu inicialmente através de uma intermediária, a saber, a orientadora pedagógica da referida instituição de ensino na qual se realizará a aplicação da técnica de grupo focal. A orientadora assumiu também o papel de informante, ela indicou quais adolescentes se encaixavam melhor no perfil apresentado. Ou seja, os que indicavam facilidade e desenvoltura em expor ideias e opiniões, pois, é importante para o bom andamento da pesquisa que os participantes estejam empenhados nas atividades, tenham disposição para falar e apresentem o mínimo de engajamento a partir da assiduidade e pontualidade nos encontros (TRAD, 2009).

6.4 critérios de inclusão e exclusão

Como critério de inclusão da amostra, observou-se se o participante apresentava interesse em participar do grupo; tinha o consentimento dos responsáveis legais, apresentava os Termos de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) dos responsáveis e o seu Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE) devidamente assinado, até a data limite estabelecida para o recolhimento dos referidos termos. Como critério de exclusão teve-se a não disponibilidade nos dias e horários dos encontros.

Propôs-se a diversidade de gênero entre os participantes, visando o enriquecimento das discussões e possível amplitude de informações. Portanto, a amostra foi composta em igualdade de 50% de participantes do sexo masculino e 50% do sexo feminino. Contudo, houve desistências, como já relatado anteriormente. A orientação sexual dos indivíduos quando expressamente assumida seria considerada da mesma forma na composição do grupo. Não se trataria de distinção entre as pessoas, pelo contrário, o objetivo seria dar voz aos

adolescentes a partir do respeito as diversidades sexuais e de gênero. Entretanto, não houve tais manifestações no grupo.

6.5 Variáveis

Aspectos como idade, gênero, classe sócio econômica e principalmente, religião influenciaram as informações dispostas pelo grupo. Entretanto, as opiniões foram analisadas como fruto das interações grupais, como já discorrido anteriormente. Além de que a técnica de grupo focal pode apresentar como característica o difícil controle de variáveis. Sendo que, para Trad (2009, p. 791), “ela não permite identificar nexos causais e correlacionais mais precisos entre variáveis, na medida em que é uma técnica de corte transversal, com baixo controle de variáveis”.

6.6 Instrumentos de coletas de dados, estratégias de aplicação, processamento, análise e apresentação dos dados

A coleta de dados foi realizada a partir da técnica de grupo focal. Neste trabalho, o grupo focal foi proposto como principal metodologia de coleta de dados. Ou seja, não foram necessários instrumentos outros como entrevista e questionários.

Grupo focal é uma amostra populacional selecionada de acordo com a proposta da pesquisa, sendo composto por um número pequeno de participantes, geralmente de quatro a dez pessoas, e um coordenador de grupo que pode ou não ser o pesquisador. O coordenador pode contar com um observador para auxiliá-lo, ou ainda, espelho unidirecional, e/ou equipamentos tecnológicos como, por exemplo, câmeras de vídeo e gravadores de áudio. Trata-se de uma técnica hermenêutica e qualitativa, que dentre suas características principais, apresenta grande quantidade de informações em pouco tempo, proporciona aos participantes a oportunidade de discussão, escuta e voz sobre assuntos que lhes afetam, oferece ao pesquisador informações sobre o objeto de estudo cedidas pelo próprio objeto, possivelmente levantem-se novas hipóteses, e talvez teorias que contribuam com o problema e objetivo da pesquisa proposta inicialmente, e, aproxima a teoria da prática e da realidade social (GONDIM, 2003, IERVOLINO; PERLICIONI, 2001).

Atualmente utilizado em pesquisas de diversas áreas do conhecimento, a técnica de grupo focal foi proposta na década de 50 pelos cientistas sociais “MERTON, FISK E KENDALL”. Entretanto, os universitários postergaram tal metodologia durante muito tempo. Enquanto que, os profissionais de marketing aderiram à técnica, que além de barata, disponibiliza grande volume de informações em curto período de tempo. Logo, “fornece dados válidos e confiáveis” (IERVOLINO; PERLICIONI, 2001, p. 117).

De origem anglo-saxônica, a técnica de grupo focal já era utilizada na Segunda Guerra Mundial como forma de investigação dos efeitos da persuasão política, efetividade do

material de treinamentos das tropas, como também, fatores causais relacionados ao rendimento dos grupos de trabalho. A partir da década de 80, o grupo focal faz-se presente em pesquisas relacionadas à saúde, porém, é a partir de 1984 que a quantidade de publicações de estudos de saúde com essa técnica torna-se relevante. Contemporâneo a isso, havia também pesquisas envolvendo mídias televisivas e marketing em geral. (TRAD, 2009, GONDIM, 2003)

Gondim (2003) coloca esta técnica como de abordagem qualitativa e aponta características relacionadas ao trabalho com grupo focal, como a integridade dos aspectos humanos para a psicologia e ciências sociais, além de ressaltar a capacidade humana de pensar e falar sobre si, ao contrário dos objetos físicos. Dessa forma, a autora aponta essa forma de investigação como valorativa e ideológica. Estando os seres humanos envolvidos num contexto social e cultural, é levantada a dificuldade de se desvincular desse contexto, para os membros do grupo, e até mesmo para o pesquisador que deve assumir um papel crítico.

Ora, ao falar de grupo focal, é referenciada uma metodologia de abordagem qualitativa, pela qual se coletam dados de pesquisa a partir das interações grupais. Neste contexto, há inter-relação dos componentes do grupo entre si, e entre grupo e moderador, que assume a função de facilitador. Logo, são apresentados tópicos/assuntos, que independente da forma que sejam lançados ao grupo, serão disparadores para a discussão. Os dados obtidos correspondem a opiniões grupais, ainda que apenas um indivíduo tenha tal posicionamento.

Dado processo de construção linguística, de sentido e opinião é uma das especificidades da técnica, pois pode ocorrer de que os participantes nunca tenham refletido sobre a questão levantada no grupo, ou que haja polarização de opiniões, ou ainda que haja uma única opinião contrária ao restante. Enfim, são inúmeras as possibilidades no trabalho com grupos focais, ainda que o foco tenha que estar bem delineado e esclarecido. E, sobre a comunicação e interação grupal nesse formato, Iervolino e Perlicioni (2001, p. 116), colocam que, “as pessoas, em geral, precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias, e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas à discussão em grupo”.

Gondim (2003) apresenta especificações metodológicas dos grupos focais a partir da categorização em orientações, modalidades e tipos. As orientações são, a princípio, acadêmicas ou práticas. A técnica de grupo focal proposta neste trabalho é de orientação acadêmica, ou seja, visa à ratificação de hipóteses e/ou, avaliação de uma teoria. Enquanto que os de orientação prática apontam para “o uso dos achados em contextos particulares”. A partir dessas duas orientações, o autor indica três modalidades de grupo focal, sendo elas,

exploratória, clínica e vivenciais (GONDIM, 2003; FERN, 2001 *apud* GONDIM, 2003, p.152). O grupo focal exploratório seria aquele que tem como foco a real exploração de informações que podem ser levantadas no grupo e que estejam relacionadas ao tema de pesquisa. Trata-se de gerar hipóteses, constatar a opinião grupal a respeito de uma teoria ou produto, é um trabalho de construção conjunta, que mesmo tendo um foco pré-estabelecido, está em processo exploratório e de comprovação. Dessa forma, essa modalidade aponta para um desenvolvimento teórico a partir da intersubjetividade, do qual pode surgir novas ideias a respeito de um assunto, novos usos para determinado produto, e também, trazer à tona opiniões e expectativas sobre o tema, serviço ou produto foco da discussão (GONDIM, 2003).

A modalidade clínica combina teoria e prática, sendo que aponta para a

Compreensão das crenças, sentimentos e comportamentos, tendo como foco aprofundar aspectos da intra-subjetividade no grupo, valendo-se de fenômenos apreendidos na experiência grupal, os quais promovem a descoberta de projeções, identificações, vieses e resistência à persuasão (GONDIM, 2003, p. 152).

Essa prática se orienta a partir da premissa clínica de que “muitos comportamentos são desconhecidos pela própria pessoa, daí a importância do julgamento clínico e da observação do outro” (GONDIM, 2003, p. 152).

A terceira e última modalidade de grupo focal apresentada por Gondim (2003), a vivencial, diz respeito ao grupo no qual o foco de análise é intragrupal. Ou seja, trata-se de analisar as próprias vivências do grupo, como entidade grupal. Observam-se as movimentações e características internas do grupo. E, então, é feita análise comparativa entre as informações colhidas a partir de técnicas e instrumentos individuais anteriormente aplicados, como por exemplo, a entrevista, e as informações apresentadas no trabalho grupal. Nessa modalidade analisam-se também aspectos ímpares apresentados no grupo como sua linguagem e comunicação, e o impacto de ações externas e de convencimento sobre as pessoas, como propagandas, projetos, estratégias e produtos, por exemplo.

Em sua especificação dos grupos focais, Gondim (2003) traz as possibilidades teóricas e práticas dessa técnica, e expõe também os tipos de tarefa apresentados pelo grupo, que segundo ele, são três. Os processos do próprio grupo, que corresponde à área da psicologia social; os conteúdos emergentes, que referenciam à psicologia cognitiva e da análise de conteúdos; e os conteúdos latentes, apontando para a psicologia clínica e da análise de discurso.

Em Morgan (1997), é encontrada outra classificação metodológica dos grupos focais. Ele apresenta três categorias de acordo com o uso feito da técnica, ou seja, se ela é usada como técnica principal, como técnica complementar ou ainda, como técnica multi-métodos qualitativos (MORGAN, 1997 *apud* GONDIM, 2003).

Os grupos focais autorreferentes são aqueles utilizados como principal fonte de dados. Eles proporcionam a coleta de informações, levantamento de hipóteses, exploração de novos aspectos relacionados à pesquisa, bem como aprofundamento de outros, análise de tópicos passados e também perspectivas futuras. São várias as investigações possíveis a partir desse modelo, desde questões de pesquisa a questões culturais. Morgan (1997 *apud* GONDIM, 2003) apresenta o exemplo de seu trabalho com viúvas, no qual, a partir da técnica de grupo focal, ele pode observar que as senhoras recrutadas conseguiam manter a discussão focal por duas horas, sem a intervenção do moderador, sempre falando da forma como os outros colocavam à viuvez delas e como elas eram afetadas por isso. Nesse trabalho, Morgan conseguiu uma proposição teórica explicativa, de que os sentimentos e dificuldades daquelas viúvas estavam mais interligados aos fatores externos do que aos aspectos intrapsíquicos, como havia suposto anteriormente.

Os grupos focais complementares são aqueles que constituem estudo preliminar para a elaboração de produtos, aplicação de projetos e até mesmo construção de instrumentos, como escalas e questionários. Enquanto que os grupos focais, como técnica multi-métodos, configuram aqueles que combinam observação participante, entrevista individual e a técnica de grupo focal (MORGAN, 1997 *apud* GONDIM, 2003).

Neste trabalho, propõe-se a utilização de grupos focais de orientação acadêmica, na modalidade exploratória, de acordo com a classificação de Gondim (2003). De acordo com as especificações de Morgan (1997 *apud* GONDIM, 2003), tratam-se aqui de grupos autorreferentes, usados como fonte principal de dados.

Em consonância à técnica de coleta de dados definida, foram utilizados vídeo e letra de música, como disparadores da discussão e exposição de ideias. A saber, no primeiro encontro, utilizou-se como dispositivo disparador o vídeo “Percepção da sexualidade por adolescentes”, visando coletar dados sobre a sexualidade do adolescente na atualidade, a partir da percepção dos participantes. Utilizou-se no segundo encontro a música “Não vou me adaptar” de Nando Reis, com o intuito de disparar exposição do grupo a respeito das mudanças biológicas e sociais decorrentes da puberdade, e como isso os afeta. E, por último, no terceiro encontro, utilizou-se como disparador parte do título deste trabalho, a saber, as relações afetivo-sexuais entre adolescentes, com o intuito de dar continuidade à discussão do encontro anterior e coletar mais informações a respeito do funcionamento social e individual de tais relações. Isso foi possível devido a integração dos participantes e da facilitadora como grupo, à desenvoltura e ao interesse que os sujeitos de pesquisa demonstraram quanto à proposta a eles apresentada (PERCEPÇÃO... 2016; ANTUNES, 2017).

A análise de dados se deu a partir da observação e análise de conteúdo e de discurso, tendo como base a discussão e interação grupal ocorridas no contexto do grupo. A análise se iniciou simultânea ao fluir do grupo. Entretanto, o pesquisador contou também com subsídios para sistematizar os dados de forma mais confiável e fidedigno. Neste trabalho utilizaram-se registros escritos que foram realizados tanto durante, quanto posterior os encontros. Isto foi proposto e acordado entre o grupo, a pesquisadora, os responsáveis legais pelos participantes e os responsáveis pela instituição. E, ao decorrer dos encontros verificou-se que o fato da facilitadora fazer anotações durante as discussões não interferia no funcionamento grupal. Pois, o grupo estava engajado e integrado, conduzindo-se de forma autônoma, e em muitos momentos, independente ao pronunciamento da facilitadora.

Os dados serão apresentados em combinações de “sumário etnológico”, que trata de citações do discurso apreendido como dado, e “codificação dos dados via análise de conteúdos”, referente à disposição numérica das informações de discurso (IERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 118).

6.7 Aspectos Éticos

O presente trabalho resguardou-se nos princípios éticos da ciência psicológica, acordando o Código de Ética do profissional psicólogo. Assim como, ao ser cadastrado na Plataforma Brasil, se colocou à inteira disposição do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário Luterano de Palmas – Universidade Luterana do Brasil (CEULP/ULBRA) para correções e eventuais modificações no que se refere às questões éticas. O projeto cadastrado foi aprovado pelo CEP, fato este comprovado e disponível a ratificações através do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 69099017.4.0000.5516.

A partir das reflexões pertinentes à ética aplicada à psicologia, consideraram-se os indivíduos como ser integrado em seus aspectos biopsicossociais e espirituais, apresentando respeito às subjetividades e às diversidades culturais, socioeconômicas, sexuais e religiosas. Propôs-se atentar aos cuidados éticos, ao sigilo e ao anonimato dos participantes na exposição dos dados, visando à prevenção a todo e qualquer dano possível aos participantes, instituições e/ou familiares.

O primeiro contato com a instituição ocorreu através do diretor para apresentação do projeto, nesta ocasião foi solicitado autorização e Declaração de participação da instituição para submissão ética. Assim que o projeto foi aceito pelo Diretor da instituição escolar e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, os candidatos foram indicados pela Orientação Pedagógica. Após autorização prévia dos responsáveis legais, via e-mail e/ou ligação telefônica, tais candidatos foram contatados diretamente e pessoalmente sob auxílio da

Orientadora Pedagógica, e foram selecionados e inclusos a partir dos critérios de inclusão anteriormente citados.

No primeiro contato direto e pessoal com os indivíduos o pesquisador apresentou-se a si e à pesquisa, informando-lhes de forma breve e clara de que se tratava o projeto. Ao convidá-los a participar do grupo, foi esclarecido que não haveria nenhuma forma de remuneração ou gratificação mediante participação da pesquisa, o funcionamento básico, a data, o horário e o local dos encontros. Nesta etapa também foram entregues os TCLEs os TALEs, e estipulado a data e horário de devolução dos termos.

Faz-se importante ressaltar que o processo de discussão proposto aos participantes através da técnica de grupo focal consistiu em emitir opiniões sobre o tema proposto, não necessariamente expor informações de suas vidas privadas. Embora, os sujeitos ainda que orientados quanto a isso, se sentiram à vontade para tais exposições no contexto grupal. Foram estabelecidas regras de ordem ética aos participantes como manter o sigilo do grupo, não citar nomes nos discursos, respeitar as diversas opiniões e respeitar o momento de fala dos colegas. Logo, o retorno dado ao participante ocorreu dinamicamente a partir do processo de discurso promovido pelo próprio grupo, e pelo pesquisador no encerramento do grupo.

Caso algum dos(as) participantes peça ajuda ao pesquisador ou o contate em ambiente e situação outra ao encontro grupal, o pesquisador deverá informá-lo sobre as redes de apoio, assim como das possibilidades de serviço psicológico ofertadas na cidade de Palmas-TO como por exemplo, o Serviço de Psicologia (SEPSI) do CEULP/ULBRA, se comprometendo a acompanhá-lo(a) até que este(a) consiga ser efetivamente atendido nas suas necessidades junto à rede. É imprescindível mencionar que, em todo caso, o pesquisador deve estar comprometido com o sigilo e a ética pertinentes à pesquisa e à atuação em psicologia, além de estar sujeito às leis municipais, estaduais e federais. No entanto, até o presente momento, não foram notificadas ou identificadas nenhuma situação dentre essas citadas acima.

6.7.1 Riscos

Considerou-se como risco a possibilidade de emergirem sofrimentos psíquicos durante os encontros, a possível exposição de nomes ou situações de ordem privada, além de uma possível quebra de sigilo. Para tanto, faz-se necessário manejo e técnica psicológica e de facilitação de grupos por parte do pesquisador. Como medida de prevenção aos riscos, foram realizados esclarecimentos prévios sobre a importância do respeito às diversidades e aos discursos para o bom andamento da convivência grupal. Foram informados também de que a qualquer momento da interação com os outros participantes, poderiam dizer “não me sinto à vontade para falar sobre isso”, ou apenas se calar. Além de que a pesquisadora esteve disponível para acolher os participantes individualmente. Contudo, não foi necessário.

6.7.2 Benefícios

Como benefícios tem-se em curto prazo, promoção de discussão e o poder de fala entre os participantes. E em longo prazo, os participantes serão beneficiados indiretamente mediante à produção de conhecimento científico a respeito de seus comportamentos e da possível influência das mudanças sociais sobre suas vidas.

6.7.3 Desfechos

6.7.3.1 Primário

Como desfecho primário correlacionou-se o referencial teórico com os dados coletados no grupo focal em questão, e obteve-se resultados concisos que responderam ao problema de pesquisa apresentado inicialmente. Assim, pode-se discutir a pós-modernidade e suas implicações na sexualidade do adolescente ocidental. Desta forma, finaliza-se este trabalho produzindo conhecimento científico acerca das temáticas abordadas, almejando posterior publicação.

6.7.3.2 Secundário

Considerando os desfechos secundários, é possível que haja contribuição à dinâmica da instituição de ensino, a partir deste trabalho, trazendo à discussão a sexualidade do adolescente e a possível influência do contexto pós-moderno sobre ela.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho teve por objetivo investigar as relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade em um colégio privado de Palmas-TO através de grupo focal com 3 encontros. Os encontros foram realizados com êxito, visto que houve integração grupal e engajamento dos membros quanto às discussões. Ainda, os participantes demonstraram estar à vontade para compartilhar opiniões, experiências e sentimentos pessoais a respeito da sexualidade frente ao contexto social ao qual estão inseridos.

Para melhor organização deste trabalho e para preservar a identidade dos sujeitos de pesquisa, os participantes foram referidos por códigos, a saber, P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9 e P10. O grupo foi composto por 10 participantes com igualdade de 50% de sexo masculino e 50% de sexo feminino. Entretanto, 3 participantes masculinos desistiram no decorrer dos encontros, como exposto na sessão 6.3. As idades variam de 13 anos e 11 meses a 15 anos e 5 meses, configurando-se então, a média de idade de 14 anos e 7 meses.

Quanto à religião, a maioria se declarou cristã. Como não foram identificadas divergências de discursos entre evangélicos e católicos, não serão especificados os segmentos, restringindo-se a informação à religião cristã. Os participantes que declararam não ter religião alegaram acreditar em Deus. Observa-se ainda que, das cinco meninas, todas se declararam cristãs. Enquanto que, dos 5 meninos, 1 se declarou cristão, 3 alegaram não ter religião e 1 se declarou espírita. Esses dados estão dispostos na Tabela 1.

Dados pessoais e Frequência dos Participantes do Grupo Focal						
Participantes	Sexo	Idade	Religião	1°	2°	3°
				Encontro	Encontro	Encontro
P1	Feminino	13anos,11meses	Cristã	Presente	Presente	Presente
P2	Masculino	15anos, 3meses	Cristão	Presente	Presente	Ausente
P3	Feminino	15 anos, 4meses	Cristã	Presente	Presente	Presente
P4	Feminino	14anos, 3meses	Cristã	Presente	Presente	Presente
P5	Masculino	15anos, 3meses	Espírita	Presente	Presente	Presente
P6	Feminino	15anos, 5meses	Cristã	Presente	Presente	Presente
P7	Masculino	14anos, 5meses	Não tem	Presente	Ausente	Ausente
P8	Masculino	14anos, 9meses	Não tem	Presente	Presente	Presente
P9	Feminino	15anos, 1mês	Cristã	Presente	Presente	Presente
P10	Masculino	14 anos, 1mês	Não tem	Ausente	Ausente	Ausente

Tabela 1: Dados Pessoais e Frequência dos Participantes do Grupo Focal.

Diante desses perfis, faz-se interessante mencionar o estudo de Rowatt e Schmitt (2003) que apontou para uma maioria feminina, quanto a ser *intrinsically oriented*, ou seja,

religiosidade individual. Esta configura uma expressão de religiosidade que caracterizada pela leitura bíblica e orações em casa, além de ir à igreja.

Em aspectos gerais e específicos evidenciou-se a grande influência da religião, predominantemente o cristianismo protestante, sobre o discurso e comportamento dos adolescentes do grupo. Entretanto, é possível verificar a presença de conflitos pessoais e de atuação grupal envolvendo as crenças religiosas e os princípios aprendidos em comunidade, em contraponto a percepções e opiniões em construção a partir de conhecimentos científicos, informações midiáticas, vivências interpessoais, desejos e práticas sexuais, entre outros.

Faz-se importante ressaltar que o assunto mais discutido no grupo foi a homossexualidade, referida por eles na maioria das vezes como "homossexualismo", e a religião cristã. Faz-se importante esclarecer que, o sufixo *ismo* está relacionado à ideia de doença. E, em 1973 a *American Psychological Association* (APA) compreendeu que a homossexualidade não constitui patologia. Portanto, foi retirado o “distúrbio de orientação sexual” do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). E já na terceira edição do manual, DSM-III, a homossexualidade já não constava como transtorno (DUNKER; KYRILLOS NETO, 2011; GIANASTÁCIO, 2017).

Os integrantes do grupo se autodeclararam e até mesmo se afirmaram como heterossexuais durante os encontros e demonstraram necessidade de falar sobre o tema, e externaram principalmente suas percepções da relação, para eles polêmica e conflituosa, entre homossexualidade e religião, no que se refere ao cristianismo, enfaticamente a vertente evangélica.

Notou-se a facilidade de iniciar novas discussões e inserir novos elementos ao debate, o que demonstra rapidez no processo de encerramento dos assuntos e ávido interesse pelo próximo tema a ser trabalhado, quando este ainda não havia sido revelado. Tais características atribuem-se ao grupo como corpo integrado e podem-se referenciar ao contexto pós-moderno, marcado pela rápida fluidez de informações, que se apresentam em grande quantidade, ao mesmo tempo em que podem perder a relevância subjetiva. Uma vez que se trocam as temáticas configurando discussões intensas, porém sem muita continuidade.

Apreendeu-se considerável repertório de informações de cunho sexual e facilidade em externá-lo, quando em expressões populares. Neste contexto, observou-se naturalidade e entusiasmo ao expor sobre pornografia e práticas de autogratificação sexual. Entretanto, notou-se constrangimento diante da inserção do termo masturbação em tal momento. Isto se evidenciou pelo ruborizar dos integrantes que neste ponto da discussão eram os de sexo masculino, e também pelo riso desproporcional que chegava a comprometer a dicção dos meninos. Um dos rapazes envolvidos arrematou dizendo “é um tabu!” (P2).

Quanto às questões de saúde física e biológica, evidencia-se a presença de crenças pessoais em detrimento de conhecimento científico e educação sexual. Apreende-se, portanto, que ainda que tenham acesso e estejam expostos a informações e estímulos sexuais, parte considerável destes conteúdos são equivocados. Termos como AIDS, referência à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), doença e “bicho” (referência popular à gravidez) foram mencionados várias vezes o que explicita o despreparo dos adolescentes em relação aos métodos preservativos e anticonceptivos interligados às práticas sexuais seguras.

Observou-se a boa oralidade e excelente exposição de ideias apresentadas pelos participantes. Ainda que, a conceituação e os discursos destes a respeito dos temas explanados sugerissem uma possível falta de discussão sobre tais assuntos na comunidade em que estão inseridos.

São passíveis de análise as falas de conflito entre religião e homossexualidade expostas pelos participantes. Uma participante do grupo (P9) disse ter pesquisado um pouco sobre o tema homossexualidade para uma redação. Segundo ela, o que a chocou foi descobrir que o Brasil é campeão tanto em consumir pornografia *trans*, quanto em assassinar *trans*. As contradições sociais parecem incompreensíveis para eles, ainda que estejam vivenciando conflitos pessoais decorrentes de contradições.

Para melhor organização e entendimento, os resultados e suas respectivas análises serão expostos elencados a partir dos temas discutidos pelo grupo. E, ao término da apresentação de cada sub tópico da análise serão expostas imagens com esquemas sintéticos. Serão mencionados trechos de discursos sem referências devido à coesão e concordância grupal. Em caso de discurso específico ou restrito a um indivíduo, serão referenciados pelos códigos. São os temas: sexualidade, orientação sexual e gênero; religiosidade; puberdade; questões sociais e mídias; relações afetivo-sexuais, iniciação sexual e afetividade; e educação sexual e saúde.

7.1 Sexualidade, orientação sexual e gênero

Houve muitas ponderações a respeito do termo sexualidade e orientação sexual. Os adolescentes tentavam alcançar uma ‘tese’ que lhes parecesse adequada, e nesse processo, foram evidenciados equívocos, em termos científicos. Mas também, a curiosidade e pensamento crítico dos mesmos, ainda que os discursos tenham sugerido carência de orientações de profissionais de educação e/ou de saúde.

De início a sexualidade foi limitada em dois aspectos, práticas sexuais e questões de orientação sexual e gênero, os quais foram referidos várias vezes como escolha. Ou seja, para os participantes, a orientação sexual é uma opção dos sujeitos, e não um aspecto inerente à individualidade de cada um. A respeito da sexualidade, pronunciou-se o participante P8,

“Escolher o que tu quer beijar, o que quer ser pra tua vida, traveco, homem. Suas escolhas sexuais”. Após várias falas comuns entre o grupo que indicavam a necessidade de testar para compreender a própria sexualidade, incluem-se nesse aspecto, as questões de orientação sexual. Como por exemplo, a fala de P4 que foi apoiada por todo o grupo, “O correto: a descoberta da sexualidade! Testando, tem que ter coragem, sentir a atração”, o assunto estava aparentemente se esgotando, quando P9 traz outras possibilidades de raciocínio, e assim, instiga a si e aos colegas à reflexão e mais ponderamentos sobre o tema.

Acho perfume de homem melhor. Perguntei pra minha mãe, “mãe, porque acho perfume de homem melhor se eu sou mulher?” Ela disse, “porque você é hetero né minha filha”! Você gosta é de homem, por isso! Se você gostasse de mulher, você sentiria mais atração por perfume de mulher! (P9).

A partir disso, surgiram mais comentários, como por exemplo, “a partir da puberdade para pra pensar!” (P8); “eu nunca beijei um homem, mas eu sei que gosto de mulher” (P2). E ainda, “primeiro beijo é ruim, então não é testando. Meu primeiro beijo foi horrível. Mas, eu continuei gostando de homem mesmo assim!” (P9).

Ao correlacionar sexualidade e práticas sexuais, os adolescentes enveredaram pelas questões de orientação sexual, visto que a homossexualidade foi um dos temas mais recorrentes do grupo, assim como a religião. Em discussão, aponta-se como explicação, causa ou funcionamento, “atração, sentimento, tentativa” (P2). E então, surge a referência ao personagem Félix de uma telenovela brasileira como representante de pessoas que compõem relação conjugal heterossexual, “que tem família e vira gay” (P6).

Nesse ponto, P4 arremata, “as pessoas vão mudando, vão aprendendo, então não seria descoberta! Ao longo do tempo muda. Muda de cidade, de emprego, e a sexualidade também!”, e em seguida ao silêncio não julgador, mas aparentemente reflexivo do grupo, P4 exclamou “Meu Deus! Que pensamento estranho!”. Logo, surgem várias falas urgentes e em alguns momentos simultâneas. “Acho que nasce!” (P1); “Não! É a socialização” (P2); “Conheço crianças que já demonstram” (P9); “É a criação” (P2); “Casais homo adotam crianças hetero” (P9); “Você vai nascer sabendo?” (P4); “Não é só da família!” (P9).

Observou-se falta de conhecimento a respeito das questões de identidade de gênero, pois, por mais crítica e politicamente engajada que tenha sido as exposições dos escolares, apreende-se que se referem à homossexualidade, referida por eles, na maioria das vezes, como “homossexualismo”. Logo, verifica-se que, os participantes estão embasados na binaridade hetero *versus* homo, discutida por Louro (2007). E, diante da percepção cotidiana das diversas expressões de sexualidade e identidade de gênero, demonstram não compreender dinâmicas relacionais outras. Ora, além do termo “traveco”, apreendeu-se também a seguinte fala, “eu conheço uma pessoa que é mais menina do que menino. E é menino!” (P8).

Os participantes apontaram a homoafetividade como histórica, “sempre houve” (P9 e P5). As falas apontam uma tendência para o politicamente correto, ao mesmo tempo em que se notam conflitos e insegurança quanto aos temas discutidos no grupo. Pode-se sugerir ainda que, talvez eles não reflitam cotidianamente sobre tais questões em aspectos científicos e/ou críticos. Dessa forma, o grupo focal se tornou espaço não só de discussão, como também de construção, no qual adolescentes, em equipe, discutiam academicamente aproximando-se de um consenso (GODIM, 2003, IERVOLINO; PERLICIONI, 2001).

São apresentadas informações desconexas em torno da homoafetividade. A saber, “dois órgãos sexuais. Hermafrodita” (P5); “Musculação, tomar hormônios, acaba interferindo na opção sexual, até no prazer” (P2). Surgiu a discussão a respeito da personagem Ivana de outra telenovela brasileira. A personagem apresenta sexo biológico feminino, gênero masculino, se expressa como transgênero e orientação homossexual, pois sentia atração por outro homem. A partir de tais colocações, os adolescentes comunicaram entre si a respeito do sofrimento e inconstância do cérebro *versus* coração. Logo, extrapolaram para “saúde *versus* hormônios” (P2). Contudo, avidamente, P9 se pronunciou “Não é doença. Ela que tem que decidir e conviver com isso”.

Assim como alguns dos participantes da pesquisa de Silva, Paiva e Parker (2013), os sujeitos desta referida pesquisa também apresentaram medo e insegurança em relação a ser aceito, caso fossem homossexuais, ou ainda curiosidades e fantasias quanto a esta condição. Isso se verifica em falas como, “será que eu corro risco de gostar disso?” (P9); “Meu sonho era ter um amigo gay para em ajudar com roupas” (P9); “(Lésbicas) podem se pegar no banheiro (feminino)” (P8). Enquanto que, em outras falas, reafirmavam a heterossexualidade “Pensar em você com o mesmo sexo, que nojo! Não tenho dúvidas!” (P2). E ainda, “Eu não tenho dúvidas. Eu gosto muito da feminilidade” (P2).

A fala de P3 configura maior profundidade. Ela questionou “mãe se a gente (em referência a si e ao (a) irmão (a)) fosse homossexual a senhora iria nos amar?”, pelo que a mãe respondeu “minha filha, vocês conhecem a Bíblia e sabem o que Deus acha disso. Nós ensinamos o certo e o errado (...). Mas vocês são meus filhos (as) e se fossem homossexuais isso não iria mudar. Eu sempre vou amar vocês” (ocultou-se o sexo de terceiros para resguardar ao máximo possível a identidade dos participantes). Para P3 o posicionamento da mãe foi esclarecedor, decisivo e didático, pois, estimulou a adolescente a ter mais segurança quanto a sua realidade religiosa e sexual e a cultivar o respeito e à tolerância frente às diversidades religiosas e sexuais.

Quanto às práticas sexuais expostas em locais públicos, foi mencionada uma cena de “casal gay se chupando no parquinho do shopping” (P6), que foi desaprovada pelo grupo, pois

havia crianças presentes em tal ocasião. E segundo os participantes, as pessoas, independente da orientação sexual, não deveriam expor tais comportamentos de forma intensa em público. A participante P1, de orientação heterossexual e que está em um relacionamento sério, faz a crítica, “acho que não deveria expor atos sexuais. Questão de respeito. Eu evito porque não me sentia bem (quando colegas faziam isto)”. Tais afirmações reforçam a referência de Amaral (2007) e Assumpção Junior e Sprovieri (2005) sobre os brasileiros serem conservadores e, às vezes, repressores quanto à sexualidade.

Imagem 3 – Sexualidade, orientação sexual e gênero

Sexualidade, orientação sexual e gênero

“O correto: a descoberta da sexualidade! Testando, tem que ter coragem, sentir a atração” (P4)

“Primeiro beijo é ruim, então não é testando. Meu primeiro beijo foi horrível. Mas, eu continuei gostando de homem mesmo assim!” (P9)

“Atração, sentimento, tentativa” (P2)

“Eu conheço uma pessoa que é mais menina do que menino. E é menino!” (P8).

“Não é doença. Ela que tem que decidir e conviver com isso” (P9)

“As pessoas vão mudando, vão aprendendo, então não seria descoberta! Ao longo do tempo muda. Muda de cidade, de emprego, e a sexualidade também! (...) Meu Deus! Que pensamento estranho!”. (P4)

“Mãe se a gente (referindo a si e ao (a) irmão (a) fosse homossexual a senhora iria nos amar?” (P3)

“acho que não deveria expor atos sexuais. Questão de respeito. Eu evito porque não me sentia bem (quando colegas faziam isto)”. (P1)

7.2 Espiritualidade, religião e religiosidade

À priori, as questões de espiritualidade, religião e religiosidade foram consideradas como parte do homem integrado, e também como possível variável e fator de influência sobre a amostra. Entretanto, o que se percebeu a partir da coleta de dados foi uma grande participação de tais aspectos sobre a concepção de mundo e humanidade dos adolescentes, bem como conflitos e possíveis sofrimentos inerentes à oposição entre conceitos midiáticos, políticos, científicos e princípios religiosos tanto bíblicos, quanto institucionais. Os adolescentes demonstraram conflitos decorrentes da complexa relação entre os segmentos religiosos cristãos e a homoafetividade. Além de que foram evidenciadas fortes contradições

entre os desejos sexuais por eles experienciados e seus planos de seguirem fielmente a Bíblia, que prega a castidade até o casamento.

Assim como no estudo de Silva, Paiva e Parker (2013), neste trabalho também foram verificadas diferenças de opiniões entre os participantes de religião cristã e o participante de religião não cristã. No estudo de Silva, Paiva e Parker (2013), além de cristãos, havia umbandistas e candomblecistas. Enquanto que neste estudo houve participantes cristãos, de maioria evangélica e um participante espírita.

A participante 9 (P9) aponta que a religião (cristã) não é favorável às condutas homossexuais. Tal estudante se deparou com grandes conflitos emocionais quando duas pessoas de seu convívio pessoal se assumiram homossexuais. P9 aponta para sua dificuldade de conciliar seu contexto religioso à compreensão de formas de relacionamento diferentes da heterossexualidade. De acordo com ela, seu embasamento religioso não é muito flexível. Ela menciona a frase “sim, sim, não, não, o resto é do cão!” E ainda, sobre as amigas homossexuais declara, “percebi que estava (amigo/amiga) mais confuso (a) do que eu” (ocultou-se o sexo para melhor resguardar a identidade do indivíduo a que se refere). Ela alega ter opinião própria, pela qual continua considerando errado (homossexualidade), mas apresenta empatia.

Foi identificado que apesar das instruções cristãs que os participantes recebem a maioria desde a tenra infância, eles instigam o pensamento crítico e ponderam questões sociais e políticas, como preconceito, igualdade e justiça. Ainda que tais reflexões continuem atreladas à religiosidade. Eles se apresentam abertos a discussões e elementos diversos que possa haver no ‘mundo’ que não lhes são apresentados no ambiente religioso. P1 esclarece que tem sua religião, se declara evangélica, embora não esteja inserida numa instituição religiosa, e que isso não a impede de discutir tais assuntos. Segundo ela, os pais sempre incentivaram a reflexão e o pensamento crítico. E por isso, desde os 10 anos de idade, ela sempre procura “pensar por si mesma” (SETTON; VALENTE, 2016).

O participante 5 (P5) indica que sua religião, espiritismo, não é contra a homossexualidade. Segundo ele, tais práticas estão envolvidas em questões culturais. E, se apresenta como aspecto atual e de empoderamento. Dessa forma, ele se posiciona contra o preconceito e a favor do respeito e do “amor de Deus”. E ainda, aponta o preconceito como “falta de conhecimento”. De acordo com P2, a “religião ela é boa, mas é um mal. Mas é necessária”. O participante cita ainda, que os idosos de sua comunidade religiosa não aprovam a homossexualidade e comentam entre si quando têm ciência de homossexuais no círculo social. P2 confessou “acho que já fui homofóbico!”.

Verificaram-se dois posicionamentos simultâneos quanto ao conflito homossexualidade *versus* religião, e ambos são comuns ao grupo. A saber, homofobia *versus* amor e respeito e manifestações de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) *versus* respeito. Visto que, os participantes demonstraram discordância quanto ao desrespeito às liberdades individuais e sexuais, ao mesmo tempo em que se sentem desrespeitados por algumas manifestações LGBT que envolvem símbolos religiosos.

Quanto ao preconceito, os adolescentes se declararam contra, e ainda demonstraram afetividade quanto a isso. P3 disse ter questionado a mãe da seguinte forma, “mãe, Deus é homofóbico?”, e obteve como resposta, “não, Deus é amor”. A participante considera parte da conduta religiosa, o respeito para com o outro. Quanto à homofobia, P6 postula, “Não sou homofóbica! Mas querem respeito, mas não dão!”, P6 referiu-se a dados momentos de manifestação do movimento Parada Gay, no qual alguns indivíduos inseriram crucifixos no ânus.

A fala de P6 foi apoiada e agregada pelo grupo que comentou a respeito da agressividade que eles identificam em alguns homossexuais, segundo eles, tal conduta pode ser um reflexo da violência que os homossexuais sofrem há bastante tempo. Violência esta dispensada por várias camadas sociais, inclusive pelos profissionais de educação e saúde, por lideranças e comunidades religiosas, por parte da população geral, e por muito tempo até mesmo pela ciência. Ressalta-se ainda que não se trate de generalização. Contudo, não se deve negligenciar ações mesmo que individuais, quando estas estão relacionadas a contextos institucionais, ideológicos ou cooperativos, por isso menciona-se os grupos sociais. Eles indicaram o comportamento agressivo, expansivo e autoafirmativo de alguns homossexuais como uma reação, seguindo o raciocínio, “eu não vou te respeitar porque você não me respeita”. Defendem que diante da violência e rejeição, tais indivíduos “respondem com ódio” (P5). E arremata-se com a frase, “e a religião prega amor” (P2) (DUNKER; KYRILLOS NETO, 2011).

Apreende-se que o tema homossexualidade está presente entre as comunidades religiosas, inclusive as cristãs. P9 alega não ter sido bem compreendida ao mencionar o termo “homossexual” em um discurso religioso. A participante expôs ter ficado “em choque” e expressou “como rodar uma faca dentro de você!” E, ainda menciona o caso de um rapaz de sua comunidade religiosa que “era homem, aí virava homossexual e saía da igreja, aí virava homem, voltava, e depois virava homossexual...”. Essa fala é passível de análise, não apenas pelos termos equivocados utilizados pela adolescente, mas por indicar a frequência de homossexuais nas instituições religiosas e ainda, a situação de confusão entre experienciar ou não à homossexualidade (SILVA; PAIVA; PARKER, 2013).

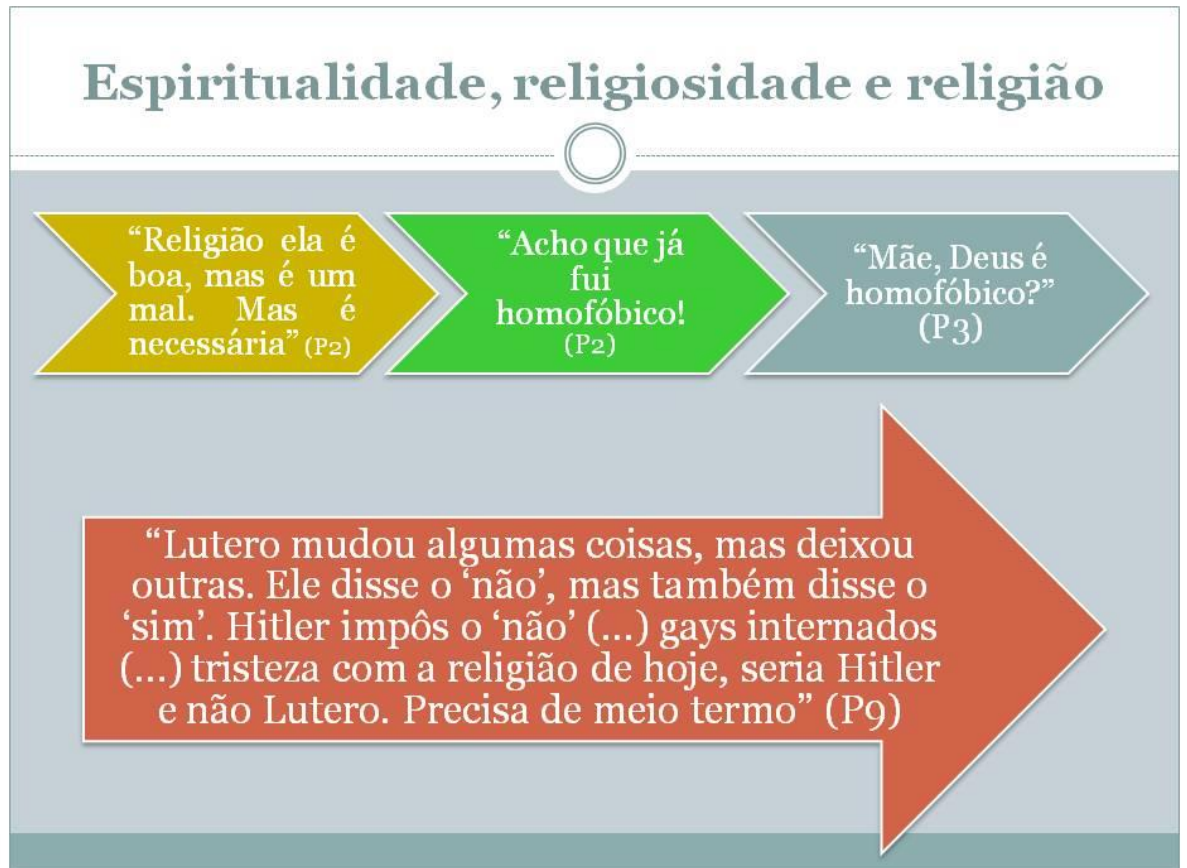
Em relação ao contexto atual, no que diz respeito às questões de religião e homoafetividade, P9 faz uma comparação entre Hitler e Lutero. Segundo a participante, “Lutero mudou algumas coisas, mas deixou outras. Ele disse o ‘não’, mas também disse o ‘sim’. Hitler impôs o ‘não’ (...) gays internados (...) tristeza com a religião de hoje, seria Hitler e não Lutero. Precisa de meio termo”.

A partir de P9 houve uma comparação entre dois líderes evangélicos conhecidos no Brasil, o grupo se identifica mais com o pastor informal e que profere o amor e respeito a todas as pessoas. Enquanto que o pastor de conduta mais conservadora e política e que fala mais alto não foi aprovado, ainda que ambos os líderes se posicionem claramente contra as práticas sexuais contrárias à Bíblia, a saber, aquelas que fogem à heterossexualidade, e aquelas que ocorrem independentes da instituição do casamento.

Pode-se então considerar que possivelmente os adolescentes estejam mais confusos quanto à contradição entre ódio e amor que se apresenta em muitos discursos religiosos, do que realmente em relação à Bíblia e a religião em si. Visto que os participantes apresentam aspectos fundamentais da existência humana, como a sexualidade e as relações sociais a partir de premissas bíblicas, que eles declararam acreditar. O grupo aponta a religião como tabu “desde o princípio” (P2).

Tais aspectos indicam que, apesar do contexto pós-moderno, o individualismo crescente e a rapidez das informações, eles se importam com o outro de forma contextualizada. E ainda, eles não só tem noção do que está acontecendo no mundo e no país, em tempo real, como também são afetados por meio de tais acontecimentos. Podem ser altamente digitais, mas não são robôs. E é importante ressaltar isso. Os adolescentes são humanos, caracterizados como tal, e devem, conseqüentemente, ser respeitados e acolhidos de acordo com a condição universal que apresentam, são seres humanos e por isso integrado holisticamente (ASSUMPÇÃO JUNIOR; SPROVIERI, 2005).

Imagem 4 - Espiritualidade, religião e religiosidade



7.3 Puberdade

A partir do uso da letra de música “Não vou me adaptar” de Arnaldo Antunes (2017), iniciou-se discussão a respeito das mudanças às quais as pessoas vivenciam no período de idade em que se encontram os participantes, a saber, a adolescência e puberdade. Ainda que já tenham experienciado muitas mudanças biológicas refletidas fisicamente. À priori, os participantes disseram que a letra da música não tinha nada a ver com sexualidade, visto que se tratava de mudanças. E sobre o personagem da música, relataram que ele estava “perdido em meio à mudança” (P2). Todavia, durante as discussões, relatou-se que “na puberdade para pra pensar (sobre sexualidade e orientação sexual)” (P8). A fala de P2 pode ser justificada pelo fato dos adolescentes de faixa etária entre 12 e 16 anos se encaixarem no estágio piagetiano das operações formais. Portanto, o raciocínio atua do real para o possível, faz planos para o futuro e soluciona problemas. Por isso o parar “para pensar” sobre a sexualidade, em aspectos que não se pensava antes. Esse processo se dá em consonância com o contexto social e os processos de maturação sexual (BEE; 1997).

As meninas compartilham de sentimentos positivos e negativos quanto ao processo pubertário. O que se verifica na seguinte fala, “Para mim foi bom. É bom olhar no espelho e ver seus peitos crescendo. Mas por outro lado foi ruim, por causa da menstruação. Está

sangrando e não consegue parar” (P9). A partir da fala de P9 pode-se refletir a respeito do caráter social e subjetivo da sexualidade como integrante da identidade do sujeito. Os seios configuram elemento sexual secundário, ou seja, apesar de sinalizar o processo de maturação sexual, eles não são necessários à reprodução. Entretanto, verifica-se o quanto podem ser representativos à auto percepção identitária de muitas mulheres, e como relatado, de adolescentes também (PAPALIA; FELDMAN, 2013; BEE, 1997; DANGELO, FATTINI, 2011).

As mudanças vivenciadas pelos indivíduos de sexo masculino foram referidas inicialmente pelas meninas que citaram, “ereção, voz, dor no peito” (P4, P6 e P9). Notou-se que os meninos não estavam tão conscientes dos processos vivenciados por eles no período da puberdade. Posterior à iniciativa das meninas, surgiram breves pronunciamentos dos meninos. A saber, “diz que menstruação dói o peito” (P8); “TPM (...) homem num sofre tanto assim” (P2); “é, para mim é de boa (...) 11 anos, constrangimento (referindo-se à ereção, inicialmente de difícil controle)” (P8). De acordo com Papalia e Feldman (2013), infere-se que os participantes estejam na segunda fase da puberdade, visto que pelos relatos das meninas a respeito da menstruação e dos meninos a respeito de ereção peniana, entende-se que já se iniciou o processo de maturação dos órgãos sexuais.

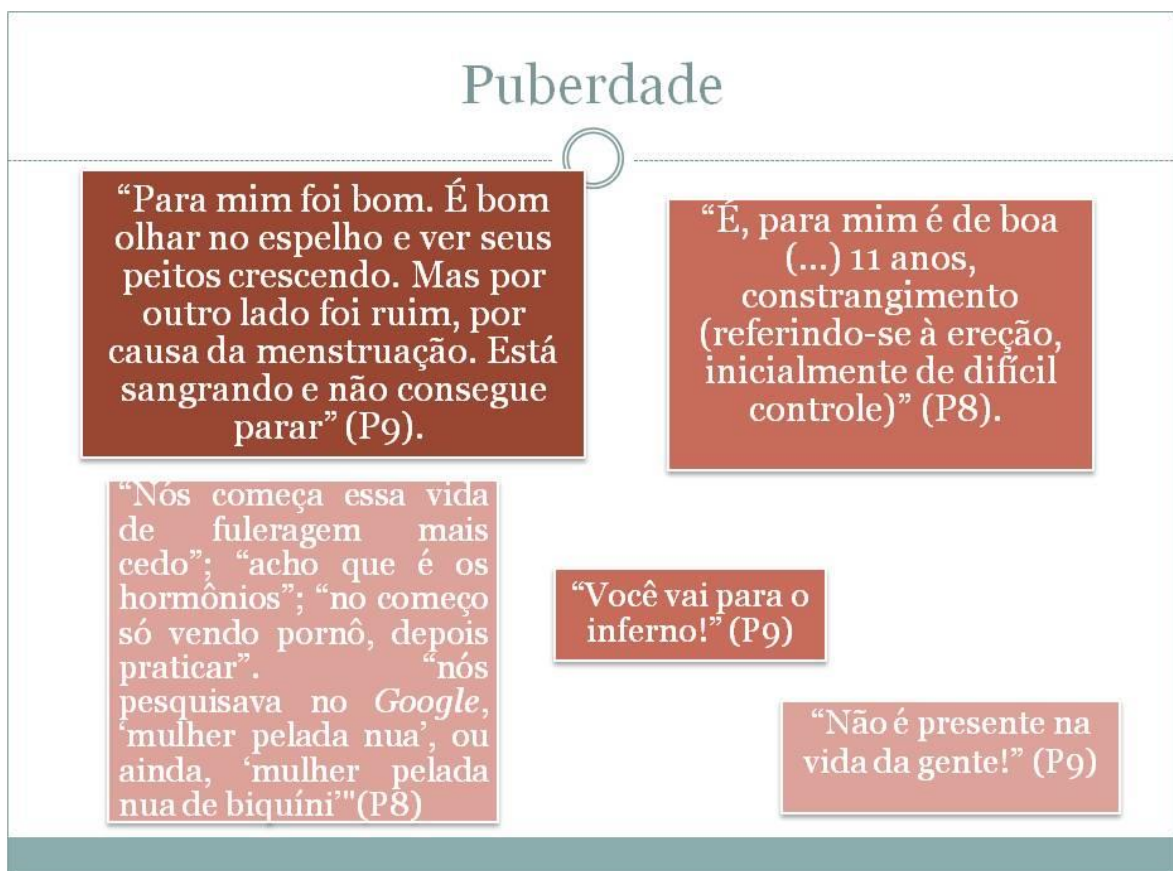
O tema masturbação surge nas entrelinhas sob nomeações populares envoltas em muitas risadas. E, logo surge a fala “menino mais que menina” (P6). Ao que os rapazes apontam, “nós é mais fogo que vocês!” (P8), e são respondidos por P6, “eles são mais pra frente!”. Nesse aspecto, P8 cita que as crianças do 6º ano do ensino fundamental assistem a conteúdos pornográficos e se masturbam. Os participantes masculinos expõem em conjunto, informações a respeito de tal prática referente aos rapazes. Eles alegam, “nós começa essa vida de fuleragem mais cedo”; “acho que é os hormônios”; “no começo só vendo pornô, depois praticar”. Quanto a isso, P8 narra como foram suas primeiras pesquisas e experiências em relação à pornografia e masturbação, “nós pesquisava no *Google*, ‘mulher pelada nua’, ou ainda, ‘mulher pelada nua de biquíni’”. Diante dessa narrativa todos riem muito, inclusive P8. Surge uma informação em forma de urgência e exclamação, “você sabe que tem jogo pornô?” (P8).

Diante dessas informações a respeito da realidade masculina, surge um silêncio. As meninas esboçam sorrisos e olhares entre si. Ao passo que P4 opina aleatoriamente, “top”. Ainda sobre a masturbação, uma menina exclama por todas as outras, “não é presente na vida da gente!” (P9). Então, surge uma demanda, P4 se manifesta de forma não verbal. Todos percebem e retornam ao termo “inferno” já mencionado outras vezes no contexto grupal. De

forma descontraída, que não configurou conflito, uma menina acusou “você vai para o inferno!” (P9). E, P4 ergue os ombros, esboça um sorriso e responde, “ah... eu já ia mesmo!”.

A referida situação relaciona-se com o contexto sócio-histórico da sexualidade da mulher. A masturbação constitui assunto polêmico e desde a Idade Média é considerada pecado em termos cristãos, além de estar cercada de crenças. Entretanto, o que se destaca nas falas anteriormente citadas é a restrição emitida pelas próprias meninas quanto à diferença de gênero estabelecer diferença de desfrute de prazeres sexuais, no caso, a masturbação. A partir de Amaral (2007) apreende-se que por muito tempo a sexualidade feminina era exclusiva para a reprodução, considerava-se nesse contexto as mulheres ‘de família’. Enquanto que o prazer sexual era experienciado pelos homens com as mulheres ‘desonradas’, as prostitutas. Tais concepções eram fundamentadas a partir de interpretações morais e religiosas. E diante dos estudos e relatos apresentados neste trabalho, infere-se que ainda na contemporaneidade, a sociedade ocidental, especificamente a brasileira, tem muito dos conceitos antigos, medievais e modernos enraizados no tratar da sexualidade.

Imagem 5 - Puberdade



7.4 Questões sociais e mídias

A partir do uso da letra de música “Não vou me adaptar” de Arnaldo Antunes (2017), dispararam-se questões relacionadas às mudanças físicas da puberdade, como já mencionado anteriormente. Porém, expuseram-se também conflitos do adolescente frente à sociedade, além da notável influência das mídias sociais como formadora de opinião. De início, foi mencionada a personagem Ivanna de uma telenovela brasileira. Os participantes narraram que a referida jovem se olha no espelho e não se reconhece e relacionam ao trecho da música que diz,

Eu não tenho mais a cara que eu tinha
No espelho essa cara já não é minha
Mas é que quando eu me toquei achei tão estranho
A minha barba estava deste tamanho. (ANTUNES,2017)

E assim, expressou-se, “representação do que era no momento. Não se adaptar ao reflexo do que via no momento” (P9). E ainda, “se trancar dentro de casa e não quer se adaptar a sociedade” (P4). A partir disso, P2 se pronuncia sobre a mídia, “eu não me sinto bem sendo eu mesmo!”. Essa fala pode indicar uma insatisfação promovida pelos meios de comunicação a partir de imagens de pessoas amplamente qualificadas e perfeitas, e caso os telespectadores se comparem a elas, a conclusão poderá ser prejudicial à autoestima. Entretanto, pode também representar uma possível divergência de ideias e opiniões entre os conteúdos dispensados pelas mídias e os aspectos vividos e considerados pelo público. Em outro contexto, foi citado também o personagem Félix de outra telenovela brasileira, como já mencionado.

Nesse sentido, compreende-se como característica da pós-modernidade o partilhar de identidades. Em contradição à admiração pelo diferente, percebe-se o fenômeno da homogeneização cultural de forma que a expectativa pelo melhor e excelente aglutina-se à competição. E desse processo pode sim decorrer mal-estar social e psicológico como apreendido nas falas dos participantes (BAUMAN, 2004; BIRMAN, 2005; HALL, 1998).

Quanto aos aspectos sociais, pode-se constar ainda a pressão social quanto às regras, veladas ou expostas, de como se comportar, com quem ‘andar’ e com quem falar. Nesse contexto, P9 expõe sua indignação quanto ao preconceito sofrido por ‘andar’ e conversar com colegas de orientação homossexual, “Eu acho que a coisa mais errada que eu já escutei na minha vida... Num tem aquele ditado popular... ‘diga-me com quem tu andas que eu te direi quem tu és’. Não é porque anda que é também” (P9).

Os adolescentes apresentaram ciência de que estão inseridos em uma sociedade preconceituosa, e muitas vezes intolerante, quanto às diversidades individuais. Quanto aos preconceitos destinados aos homossexuais e à homofobia, foi unânime entre o grupo que a “tendência é diminuir o preconceito” (P5); pois, “o conhecimento é libertador” (P2); “amor é

amor” (P9) e “se a gente ama, a gente acostuma” (P6). Observa-se claramente o contexto de modernidade líquida no qual os participantes estão inseridos. Visto que, assim como o líquido, os adolescentes apresentam considerável facilidade em mudar a forma, fluir rapidamente e flexibilizar em prol de adaptações. Ao declarar o termo “acostuma”, P6 implicou em adaptação e na reflexão na crença de que as relações sociais melhorem a partir de uma diminuição de preconceito, referenciando-se não só a adaptação, como também a substituição do preconceito pelo relativismo (ANDERSON, 1999; BAUMAN, 2001).

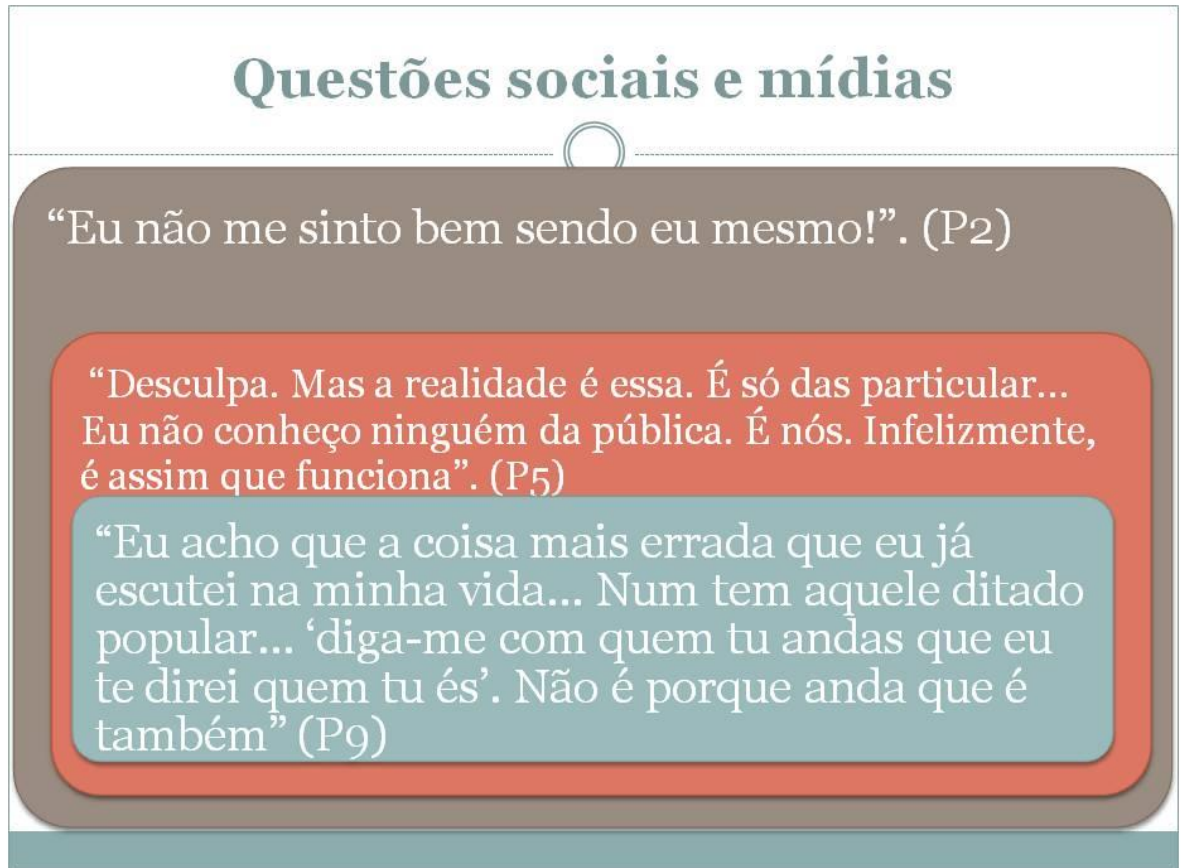
Um aspecto importante a ser mencionado, é a informação obtida a partir do grupo focal que diz respeito à segregação social e interação entre grupos. Segundo P5, há uma rede de relacionamento não oficial e não institucionalizada entre vários estudantes dos colégios particulares da cidade. Essa rede não integra estudantes de escolas públicas. E nela, “todo mundo conhece todo mundo” (P5) e “vai apresentando” (P5), de forma que a rede está em constante movimento, podem sair membros, mas entram outros e a interação aumenta através das “resenhas” (P5), que são festas organizadas pelos próprios adolescentes. Eles se organizam em sistema de “vaquinha” (P5), a saber contribuição financeira de todas as partes com valores iguais ou não, aleatórios ou pré-determinados, ou ainda, contribuição em bebida ao invés do dinheiro. Eles promovem eventos na residência de um dos membros, circulam por festas pessoais de comemoração como aniversários. E, às vezes, se encontram em festas outras, como shows, por exemplo. P5 restringe, “Desculpa. Mas a realidade é essa. É só das particular... Eu não conheço ninguém da pública. É nós. Infelizmente, é assim que funciona”.

O discurso de P5 a respeito da rede de relacionamentos entre alunos de instituições privadas de ensino fundamental e médio reflete a inconstância da contemporaneidade e sua herança e forte influência da modernidade. Ora, a previsão de Fiedler sobre a pós-modernidade (1960, apud Anderson, 1999) apontava para um “cruzamento de classes e uma mistura de gêneros” (p.19). Embora verifique-se a mistura de gênero nos espaços públicos e de discussão, e aqui não é negligenciada a desigualdade, mas reconhecidas as conquistas quanto à igualdade de gênero, Todavia, apreende-se ainda a segregação social, o que infere elementos burlescos de caráter cultural e conduta capitalista, comuns na pós-modernidade (ANDERSON; 1999).

As mídias e redes sociais como os aplicativos de relacionamento *Instagram* e *Whatsapp* atuam como mediador e facilitador no contexto relacional dos adolescentes quanto aos grupos sociais em que estão inseridos. De forma a confirmar os postulados de Bauman (2004) que aponta para o capitalismo, as transformações tecnológicas e sociais e às redes sociais reais e virtuais como responsáveis pelos fenômenos contemporâneos. Para esse autor, as redes sociais apresentam a facilidade de adicionar ou excluir pessoas instantaneamente da

rede de amigos. Essa característica se estende para as relações interpessoais e sociais assim como para as relações afetivo-sexuais que serão abordadas a seguir.

Imagem 6 – Questões sociais e mídias



7.5 Relações afetivo-sexuais, iniciação sexual e afetividade

Quanto às relações afetivo-sexuais, quatro participantes estavam em relacionamento sério, ou seja, namorado (a). A saber, um casal de participantes do grupo e outras duas meninas, as quais namoram rapazes escolares da referida instituição, mas, que não são participantes do grupo. Em todos os quatro casos, os pais têm ciência, permitem, orientam e supervisionam o relacionamento.

Sobre início de relacionamento, sério ou breve, os participantes revelaram “Como me atraí... Começa quando você vê a pessoa “nossa, cara bonito!”” (P1). O relacionamento de P1 teve início após um período de sete meses, do qual os colegas apontam “se fazendo de difícil” (P8). P1 esclarece, “eu olhei para ele e ele olhou para mim e começamos a conversar”.

O relacionamento de P4 teve um início inusitado, que talvez seja comum ao contexto adolescente. Após “quatro anos gostando” (P4), a adolescente foi desafiada pelas colegas através do jogo ‘verdade ou desafio’ a perguntar ao garoto “quer ficar comigo?” (P4). O

desafio se restringia a fazer a pergunta. Entretanto, P4 justifica, “mas eu já queria mesmo”. E assim, os adolescentes ‘ficaram’, ou seja, se beijaram, e estão namorando há alguns meses.

As meninas se pronunciavam em relação à violência subjetiva que o machismo promove, inclusive entre os adolescentes. Expressam que de acordo com “a sociedade (...) mulher tem que ser mais difícil” (P9), caso contrário, é tachada como “puta, fácil” (P4). A respeito disso, os meninos se manifestam, “acho que se a gente pode, porque elas não podem?” (P5); “Cara, eu olho e já to com a boca aberta, vem!” (P8). Nota-se a persistência da diferenciação de expectativas e direitos sexuais entre os gêneros. E, ainda se questiona sobre a raiz da igualdade proposta pelos meninos, se é de matriz política e de empoderamento, ou se é referente ao jogo de poder e objetificação da mulher. Pois, a partir de uma liberação sexual das mulheres a qual instiga as falas, há a possibilidade de que o privilégio continue entre os homens.

Os participantes relataram como fazem para ‘ficar’. No contexto grupal, ‘ficar’ constitui beijos, abraços e carícias, ou seja, não constitui relação sexual, mas abrange práticas sexuais. P2 expõe, “eu nunca cheguei em mulher, elas que chegaram em mim. Tenho muita vergonha. Perdi BV (boca virgem, referência a quem nunca beijou na boca), com uma menina que me chamou pro cinema”. É possível verificar que, embora haja tendências e até padrões comportamentais estereotipados, a subjetividade por muitas vezes se sobressai. Assim, mantêm-se as diferentes opiniões e condutas entre os sujeitos. Ora, P9 manifesta, “eu acho que tem que gostar. É uma intimidade muito grande. Por a boca na boca de outra pessoa. Sou muito romântica”. O discurso de P9 associa-se ao estudo de Martins et al. (2012) com 499 adolescentes de ambos os sexos, no qual se verificou que 67,1% das meninas acreditavam ser necessário amar o (a) parceiro (a) para que haja a relação sexual, em detrimento dos meninos, com 25,8%.

Um dos participantes alega,

Eu me achava demais. Me sentia um monstro. Agora eu to quieto. Galinha! Bica todas! Eu não tenho vergonha! Eu tenho facilidade! Se eu levar um fora, tudo bem, eu tento com outra! É um problema que eu tenho. Eu gosto, mas é passageiro, eu olho uma mais bonita, aí já quero aquela. (P5)

A partir do discurso de P5, pode-se identificar claramente a caracterização pós-moderna de amor líquido. Nessa perspectiva, o indivíduo estabelece cada vez menos vínculos duradouros. Pois, a partir do contexto pós-moderno que aponta para uma necessidade de adaptação, que é bem vista e pode ocasionar a perda da historicidade, atua-se como turista. Logo, é configurado um sujeito que está sempre à espera de algo melhor. E em consonância a isso se apresenta dificuldade em comprometer-se (BAUMAN; 2004).

Observou-se contradição nos discursos a respeito da ética quanto às relações interpessoais e afetivo-sexuais. Visto que, ao mesmo tempo em que os participantes se posicionavam contra expor uns aos outros, eles também alegaram comentar com os amigos (as) sobre a pessoa com quem estava “ficando” ou pretendia “ficar”. Isso se evidencia a partir dos seguintes discursos; “roda de meninos compartilhando sobre as meninas, odeio! (...) aviso que vou ficar com ‘**tal**’ menina, mas só para **os** íntimos” (P5, grifo nosso). Essa última fala indica que, tal rapaz não só avisa aos amigos que vai ficar com uma menina, como também cita o nome dela. Além de que, ele comenta com mais de um amigo.

E ainda, apreendeu-se a seguinte informação, “Falo, mostro as conversas, mando os *prints*, não as coisas... nunca fiz isso (mostrar nudes ou coisa íntimas)” (P5). Nesse contexto, nude refere-se à nudez. Ou seja, a imagens/fotos/vídeos de partes do corpo despidas, em geral, os seios, nádegas e/ou órgãos genitais. Tais informações instigam amplas reflexões que abrangem desde as características da pós-modernidade, como compartilhar informações de forma quase que automática até mesmo informações pessoais, íntimas ou que envolvem terceiros. Até a preocupação com a proporção que as condutas descritas podem alcançar. Pois, é de conhecimento geral e empírico que muitas informações compartilhadas por meios eletrônicos, principalmente via internet, ao serem expostas a outros que não sejam o destinatário original, podem ‘viralizar’ na internet e sair totalmente do controle do emissor da informação.

Em casos extremos decorrentes dessas situações, os envolvidos podem entrar em processo de sofrimento e adoecimento psíquico e apresentar diversas comorbidades como, por exemplo, ideação e intento suicida. Ainda que o rapaz tenha afirmado que nunca compartilhou tais informações, aproveita-se que tal demanda tenha surgido para refletir a respeito da vulnerabilidade dos adolescentes e dos riscos aos quais eles podem estar expostos a partir de um clique não ponderado.

A partir das neurociências, Bee (1997) e Papalia e Feldman (2013) apresentam bases biológicas e cognitivas para o comportamento adolescente que muitas vezes é desconexo e até mesmo de risco. O cérebro tem seu desenvolvimento estrutural em curso durante a adolescência, vindo a estar completo no início na adultice e com ele o controle cognitivo. Além de que as áreas cerebrais que se desenvolvem durante a puberdade são as responsáveis pelas emoções e pelas relações sociais.

A impulsividade e o descontrole emocional dos adolescentes podem ser explicados em parte por esses fatores, não desconsiderando os demais aspectos do homem integrado. Nesse sentido, indica-se que, por mais responsável e maduro que um adolescente possa ser, ele ainda está sujeito a tais condições. E, portanto deve ser acompanhado e orientado por um adulto,

como à família e os profissionais de educação, de saúde. E por demanda espontânea, líderes religiosos ou guias espirituais (BEE, 1997; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

As meninas também assumiram que contam para as amigas, “Eu vou ficar com ele, ele não é bonito, mas é gente boa!” (P9), segundo elas, há a intenção de convencer as amigas de que vale a pena ficar com o referido rapaz, e que ela está certa em decidir por isso. Esse discurso demonstra uma possível necessidade de afirmação e aceitação pelo grupo, e evidencia o quanto a opinião e aprovação dos pares é importante para o adolescente, em termos gerais (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Os meninos informam sobre o processo até “ficar” com a menina. São mencionadas as “resenhas” (P5) onde tem “cachaça demais” (P5), já explicadas anteriormente. Após se conhecerem “de vista” (P5) ou serem apresentados por um amigo em comum, pode ocorrer de manterem diálogo presencial e até mesmo de “ficarem” no mesmo momento. Contudo, o que ocorre geralmente, é que o rapaz localiza o perfil da menina no *instagram*, após *seguir-lá* na rede social, envia mensagem no *direct*, espécie de caixa de diálogo do *instagram*. O próximo passo é pedir o número telefônico celular e entrar em contato via *whatsapp*, o que configura mais intimidade. Visto que essa é uma rede social em que os perfis são cadastrados e localizados a partir de número do telefone celular.

Via *Whatsapp*, os adolescentes conversam sobre suas vidas, e no processo de conquista a que se está descrevendo, o rapaz diz emitir “indiretas bem diretas, que a pessoa sabe que quero enfiar a língua na boca dela” (P5). Tais indiretas são “elogios” (P5), como por exemplo; “bonita; boca bonita; te vi (entre outros)” (P5). Tais expressões ao alcançarem êxito, sugerem efeitos de frases de afirmação, ou ainda de ser vista pelo outro. A partir daí, comunica-se, “Vamos sair?; Vamos ficar?; Tô afim de você, bora ficar?” (P5). Logo, “na próxima vez que se ver... Já fica!” (P5).

Quanto às combinações para “ficar”, P5 considera que, em “cidade pequena não precisa marcar, na cidade grande precisa marcar, aqui (Palmas) não, todo mundo se vê!”. E ainda que, “Fluxo é no cinema” (P5) e nas “resenhas” (P5). As meninas ficaram mais caladas e observando a exposição de informações dos meninos. E alegou-se, “Sem clima” (P9); “Bora ficar?” Horrível isso!”(P1); “Nunca aceitei” (P6). E, concluíram, “Acho que não tem que marcar, tem que rolar na hora!” (P9).

As meninas falaram ainda sobre a dificuldade e o constrangimento que sentem quando uma pessoa que elas consideram como amigo quer “ficar” com elas. Segundo elas, trata-se de “atração não correspondida” (P6), e apesar do constrangimento e de gostar muito da pessoa, são firmes, e afirmam, “não vou ficar por dó!” (P1). Apreende-se a partir disso que, mesmo afetivamente e socialmente envolvidas, elas tentam se resguardar de uma possível

objetificação de seus corpos e manter seus direitos de liberdade e autonomia. Além de indicar que as práticas sexuais não são aleatórias para elas, não é “ficar por ficar”. Elas atribuem sentido e empregam afetividade e sentimentos no contexto de suas respectivas sexualidades (MARTINS et al; 2012).

As meninas alegam sentir desconforto quando um rapaz não respeita sua posição de não “ficar” com ele. E, então foi questionado, “porque insiste, se eu não to querendo?” (P1). Ao que P5 se manifestou dizendo, “se a menina não quiser realmente ela tem que falar. Ihh pode ficar à vontade para falar”. E nesse sentido, aponta-se que, “quando chego eu já vi e já quero, e a pessoa já sabe. Quando percebo que ela tá com vergonha, eu recuo, ela pode estar querendo e tá com vergonha” (P5); ao que o grupo complementa “vergonha de ser elogiada” (P9). Logo, outro menino se pronuncia, “Eu acho que sou mulher então. Porque quando eu mandava indireta, eu nunca sei se a pessoa quer ou não” (P2).

Quanto ao processo de conquista, um participante de sexo masculino, P5, esclarece que ao “pegar intimidade”, trata-se de uma “ilusão”. Alegou-se, “Desculpa, mas eu iludo as meninas, sim! Eu posso gostar, dá medo, morro de medo de me apaixonar”. E prosseguiu-se na questão, “Eu tô apaixonado, mas eu tô ficando com outras pessoas”. Ao ser questionado, “E se ela descobrir ela não vai ficar chateada?”, o escolar responde, “Vai. Ela vai ficar chateada”.

O medo de se apaixonar expresso por P5, assim como sua conduta de ‘ficar’ com outras meninas mesmo estando apaixonado e ciente de que a menina de quem ele gosta não aprovaria seu comportamento, associa-se ao amor líquido descrito por Bauman (2004). Nessa condição, o sujeito pós-moderno apresenta liquidez, pró-atividade e adaptação compulsória. Ao mesmo tempo em que está em constante tensão constituída devido à ambivalência. Pois, simultâneo ao desejo de se relacionar há também o medo de se comprometer, e assim, os laços afetivos se tornam cada vez mais frágeis (BAUMAN; 2004).

Quanto à iniciação sexual foram expostas informações apenas no último encontro. E, dos sete participantes, todos eram virgens, com exceção de um rapaz, P5. Diante do desejo e ansiedade do namorado pela primeira relação sexual, P4 se manifestou, “Não posso fazer nada quanto a isso! Eu vou pro céu”.

O participante não virgem, ao ser indagado pelos colegas, narrou um pouco sobre sua primeira, e até então, única relação sexual. O rapaz informou que estava em outra cidade, onde já conhecia algumas pessoas. E discorreu sobre a parceira, “era filha de doutor (médico), então eu aproveitei e né, fui... Como era povo rural... Filha de doutor é mais arrumadinha (higiene e estética)...”. Em outro momento, ao falar sobre a mesma situação o participante se contradiz ao mencionar a parceira, pois aponta que “ela é conhecida na cidade. Já ficou com

vários caras”. Ora, é possível identificar a presença de mitos, equívocos e possivelmente preconceitos a partir desses discursos.

Logo, o participante estabelece uma relação causa-efeito sobre o fato de a parceira ser filha de doutor, como se tal condição extinguisse todas as possíveis doenças, infecções, vírus, fungos e bactérias, transmissíveis ou não, que a menina poderia ter. Além de que a informação de que a adolescente mantinha vida sexual ativa e possivelmente mais de um parceiro, sugere riscos de saúde. Contudo, o participante focou na aparência da adolescente e em seu contexto sócio econômico e não em sua conduta sexual, e nos riscos que isso representa a saúde integral.

Entre as meninas o discurso foi comum a todas, e expressa oposição entre os desejos sexuais e as curiosidades que elas admitem sentir e os princípios religiosos de castidade. Ora, é indiscutível que tais posicionamentos têm influência da família, da religião e dos líderes religiosos. Entretanto, a partir de Burdette e Hill (2009) e Mbotho, Silliers e Akintola (2013 *apud* Coutinho; Miranda-Ribeiro, 2014), infere-se que postergar a iniciação sexual para adolescentes e jovens cristãos tem como finalidade principal, agradar a Deus a partir da obediência aos princípios cristãos de castidade e práticas sexuais restritas ao contexto matrimonial. Compreende-se uma religiosidade não só institucional ou transgeracional, mas também autêntica e pessoal. Isso é reafirmado a partir das falas que se seguem,

Deve ser uma coisa boa. Sobre minhas vontades deixa em *off*. Eu tenho medo de fazer e ter doença e engravidar. E religião. Deus abomina e seria uma prostituição. Eu prefiro seguir meus caminhos... E esperar... Se eu conseguir, amém né! “Se eu não conseguir...” (P6).

E assim, se seguiram as falas de cada uma das meninas que abordam questões como medo por ser muito nova e ser irreversível, não teria como voltar atrás em caso de arrependimentos. A saber, “eu tenho a religião e tenho medo que diz que dói, bucho...” (P9); “e se eu me arrepender depois. A DST, o bucho... Mas a vontade todo mundo tem” (P1); “(Para) minha religião... Só depois do casamento. Medo de arrependimento” (P3). P5 exclama “eu não me arrependi!”. Surge uma resposta feminina, “Mas você é homem!” (P6). O participante 5, que sempre se posicionou contra o machismo retruca, “Mesmo assim, se você pega bucho, eu tenho minhas responsabilidades”.

As falas das meninas apontam a pouca idade como um dos fatores que as influenciam a resguardar à virgindade, em detrimento dos desejos sexuais que elas admitem sentir. Esse aspecto se relaciona com as indicações de Rios et al (2008). Segundo tais autores, para alguns líderes religiosos, a iniciação sexual deve ocorrer exclusivamente no contexto do casamento. Mas, além disso, é condição para uma vida sexual saudável a maturidade e conduta

responsável dos membros envolvidos, não só em idade, mas em aspectos profissionais e acadêmicos.

Apesar dos meninos defenderem a igualdade entre gêneros quanto às práticas sexuais e às responsabilidades em caso de gravidez, as meninas sugeriram o sexo masculino como justificativa para o não arrependimento de P5 por ter iniciado a vida sexual. Detalhes como esse denunciam a forte presença de sexismo nos discursos sobre a sexualidade. E pode ser analisado em conjunto com o estudo de Paiva et al (2008 *apud* Coutinho; Miranda-Ribeiro, 2014) no qual foi identificado entre jovens evangélicos considerável tendência ao discurso sexista de que as mulheres e não os homens devem aguardar para a iniciação sexual no matrimônio.

Referindo-se ao namorado, P4 afirma, “Se ele quiser ele procura outra menina pra lá!”. E esclareceu após questionamentos, “Mas aí acabou, né (o namoro)... Claro!” (P4). Diante disso, os colegas sugeriram, “É só se proteger!” (P5). Ora, P4 responde, “Num é isso! Eu quero ir pro céu! Se você não quer, me deixa! Deixa eu ir pro céu! (Exalta um pouco a voz). P5 não é cristão, e pergunta, “Fazer outro tipo de coisa, sem penetração, pode?”. P4 exerce seu direito como participante e alega, “eu não estou à vontade para falar sobre isso!”. Nesse contexto, é importante destacar que muitos jovens não consideram atos sexuais sem penetração como sexo oral e sexo anal como relação sexual. Esta situação é tida como variável de pesquisas sobre a sexualidade, pois pode configurar viés. Além de indicar alerta quanto às medidas e estratégias de educação e saúde sexual (GONÇALVES et al.; 2015).

Os participantes, principalmente as meninas, discutiram sobre gravidez na adolescência. P9 expôs, “minha mãe disse que ia tirar o menino de mim de qualquer jeito. Eu ia fugir de casa. Não ia matar meu filho”. Ora, o fato de uma família de base cristã e que zela pelos princípios bíblicos planejar se utilizar de um aborto não consentido, levanta a seguinte questão, “tudo isso para preservar o quê?”.

Observa-se que em alguns casos moralismo e religião podem estar aglutinados estabelecendo princípios relevantes à vida dos indivíduos e suas respectivas atuações sociais, como também impondo obediência por medo, em alguns casos. Quanto às limitações sexuais decorrentes de tais preceitos, geralmente se aplicam veementemente à mulher. Quanto ao contexto pós-moderno, ainda em 1981, artistas, escritores e críticos discutiam sobre o que seria o pós-moderno. Uns apontavam para a comercialização desenfreada da arte e o negócio entre a estética e o vazio de conteúdo, enquanto que outros apontavam para o ressurgimento da moral religiosa como escapatória à perversão dos períodos anteriores. Bem, o que aparenta é que se alcançou o híbrido (AMARAL, 2007; ANDERSON, 1999).

As meninas aparentam entendimento de que uma gravidez indesejada na adolescência pode modificar bastante a vida dos adolescentes. Apreenderam-se as seguintes falas, “Ou, não é falando mal, não. Mas, um filho acaba com sua vida. Se eu engravidasse...” (P9); “Acho que minha mãe ia me aceitar de qualquer forma. Mas é isso aí... Tanta coisa que eu quero fazer...” (P1).

Os adolescentes comentaram a respeito de diferença de idade no contexto de um relacionamento afetivo-sexual. Comentaram o caso de uma menina de 15 anos que namora com um homem de 21 anos de idade, e suspeitam de que os pais não estejam cientes. Foi exposto que as meninas gostavam de homens mais velhos pela maturidade. Enquanto que, segundo eles, os meninos preferem meninas mais novas. P8 exclamou, “eu sou 9 anos num corpo de 14!”. Sobre a diferença de idade, P9 já teve um namorado mais velho, e afirma, “ele respeitava meu tempo”. E frente à discussão, finaliza-se o assunto “Depende do homem. Tem uns que não respeitam. Querem se aproveitar da inocência da menina” (P5); e ainda, “(aceitável) só até uns 8 anos (de diferença)” (P9).

Quanto às diferenças de idade, faz-se indispensável refletir sobre a forma como os adolescentes estão expostos à pedofilia, relações abusivas e diversas formas de violência. O aspecto mais importante a se considerar deve ser a dinâmica das relações de poder. Pois, o adolescente não possui muita experiência de vida, e de relacionamentos. E o processo de desenvolvimento do cérebro ainda não está finalizado durante a adolescência, em seu sistema límbico está mais desenvolvida a área ligada às emoções. Logo, não é porque um adolescente afirma decidir por algo que ele realmente esteja capacitado para assumir as consequências de seus atos. Além de que práticas sexuais sem consentimento ou sob coerção podem ser entendidas por adolescentes como atividade sexual em termos gerais, e não como o abuso sexual que realmente configura (COUTINHO; MIRANDA-RIBEIRO, 2014).

Sobre a opinião dos pais a respeito de namoro, P1 declarou que, “(os pais) apoiam desde que fosse sempre muito aberta. Escondido não. Relação muito família. Posso levá-lo (o namorado) para casa desde que a gente não fique sozinhos”. Uma informação interessante surgiu a partir da fala de P9, “meu pai é mais de boa que minha mãe”. Ao que mais colegas se identificaram, “o meu também” (P6). Verifica-se que a postura dos pais das meninas é flexível em relação das vivências da adolescência, e as adolescentes, ao contrário do que já foi comum em tempos remotos, não declararam ter medo de seus pais. Pelo contrário, se referem a eles como compreensíveis. Nesse sentido, P1 indica, “Ele (o pai) entende que tem que ter um tempo de conhecimento antes. Mas se for sério (o relacionamento) tem que contar (para a família)”.

Verifica-se que, apesar da grande quantidade de informação consumida diariamente, o acesso às tecnologias e mídias, a participação em diversos grupos sociais, os adolescentes têm a família nuclear como base segura, e por isso aproveitam a liberdade. P5 mencionou que relata aos pais exatamente tudo que ele faz com o dinheiro que recebe deles e que informa cada passo que dá, para onde vai, com quem e que horas pretende voltar. Caso haja mudanças de planos, o escolar disse que liga para os pais ou envia mensagem via *Whatsapp* e certifica-se de que foi recebida. Os adolescentes se preocupam com a família, com a aceitação social e com a aprovação familiar. Entretanto, P5 informou, “Não é porque sou bonzinho não. É questão de segurança!”. Os demais participantes se atentaram à fala do colega e aparentaram breve reflexão. P5 mudou-se para a cidade de Palmas há pouco tempo. Morava numa cidade bem maior. Infere-se então, a influência da localidade sobre as convicções e comportamentos dos adolescentes (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Enquanto as meninas cristãs relataram seus pais como compreensivos, amigos e flexíveis, o participante 5, compartilhou a relação que tem com seus pais, que retrata uma forma de relacionamento parental contemporânea, o que se verifica através da seguinte fala, “De boa. Faço festa. Meus pais lá. Deixam de boa. Levo as meninas, os amigos. Minha família é uma praga (...) Eu levo (as meninas), apresento, dá uns três dias, termino!” Ora, a comunicação de P5 com os pais aparenta ser mais informal e menos hierarquizada, o que não configura necessariamente falta de respeito ou de limites.

P5 informou ainda que, além de apoiar seus relacionamentos com as meninas, o pai o incentiva a se relacionar sexualmente, e sempre que o rapaz recebe alguma pretendente em casa, o pai o encoraja, “e aí? Agora vai, né?!” e posteriormente pergunta como foi, o adolescente não se sente pressionado. Entretanto, não apresenta muita segurança quanto à relação sexual e por isso, não se empenha tanto para isso. O que pode ser observado na seguinte fala,

Pra homem... Sinto até vergonha de dizer isso... Mas esse negócio pra homem... Ah, **machista**... Mas é... Pai apoia. A maioria das meninas tem medo. Eu nem toco muito no assunto, porque eu também tenho medo... De fazer alguma besteira, eu sou muito sem cabeça... De engravidar... **Doença não, eu sou confiante... as meninas de hoje são cuidadosas.**” (P5, grifo nosso).

Observa-se a contradição de que, apesar de se declarar contra o machismo, o participante 5 se exime das responsabilidades quanto as DSTs que se pode adquirir a partir da relação sexual, e fundamenta sua confiança nos cuidados que acredita que as meninas tenham. Apesar disso, o rapaz demonstra grande preocupação quanto à gravidez. Depara-se com um impasse. Ora, a partir de uma relação sexual, P5 se responsabiliza por uma possível gravidez indesejada, mas não se percebe responsável por possíveis transmissões de DSTs. Tais

informações são preocupantes no que se refere às questões de educação sexual e saúde. Logo, pode configurar reflexo das questões de Saúde do Homem que é menos divulgada e quiçá, possua menos adeptos que a Saúde da Mulher.

Ora, questiona-se ainda sobre as informações e orientações que os adolescentes e jovens estejam recebendo no que se refere à sexualidade e às práticas e relações sexuais. Pois, por se tratar de um ato conjunto que ocorre entre duas ou mais pessoas, o que se espera é que todos os envolvidos estejam cientes e responsáveis quanto às medidas de precaução e às consequências de seus atos. Ao considerar a segurança e a saúde dos adolescentes, informações como essa são preocupantes. Visto que não se deve confiar a saúde e o bem estar a ações de outra pessoa, nem mesmo em caso de relação estável ou casamento, muito menos em relações curtas entre adolescentes.

Imagem 7 – Relações afetivo-sexuais, iniciação sexual e afetividade I

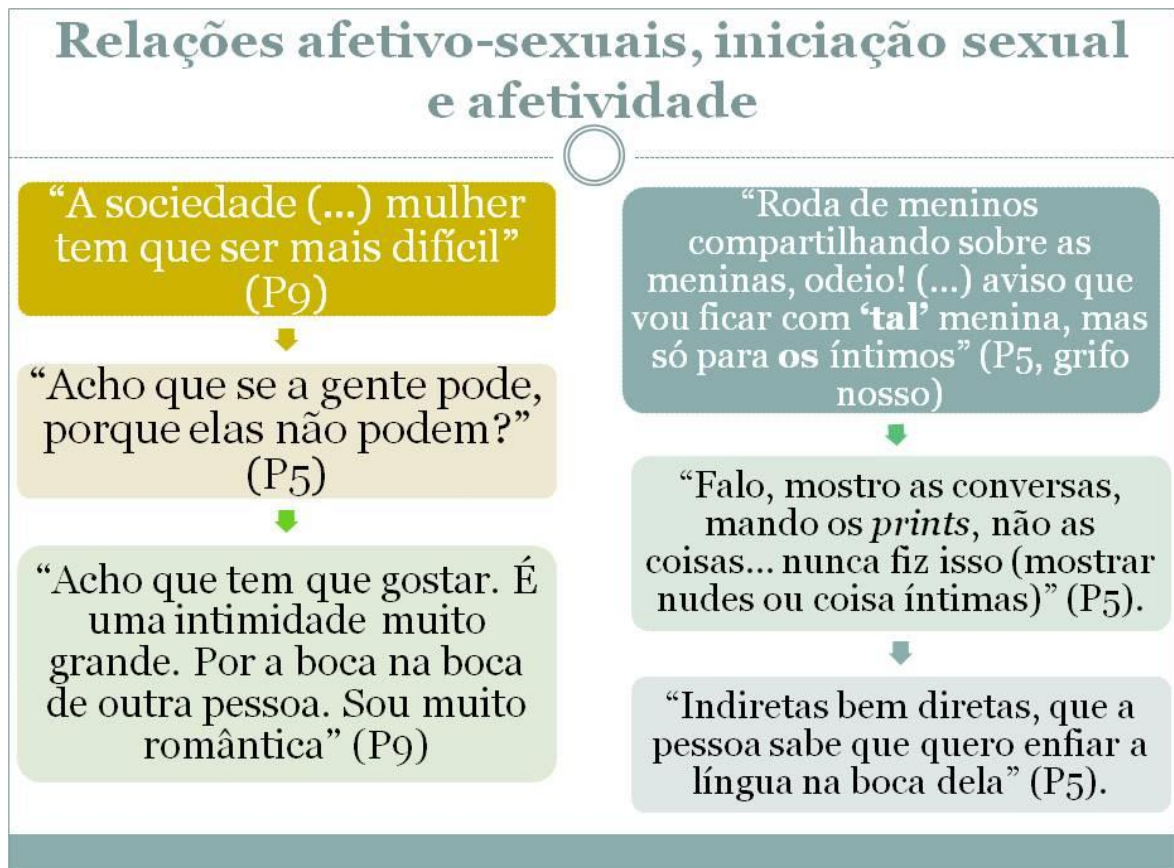


Imagem 8 – Relações afetivo-sexuais, iniciação sexual e afetividade II

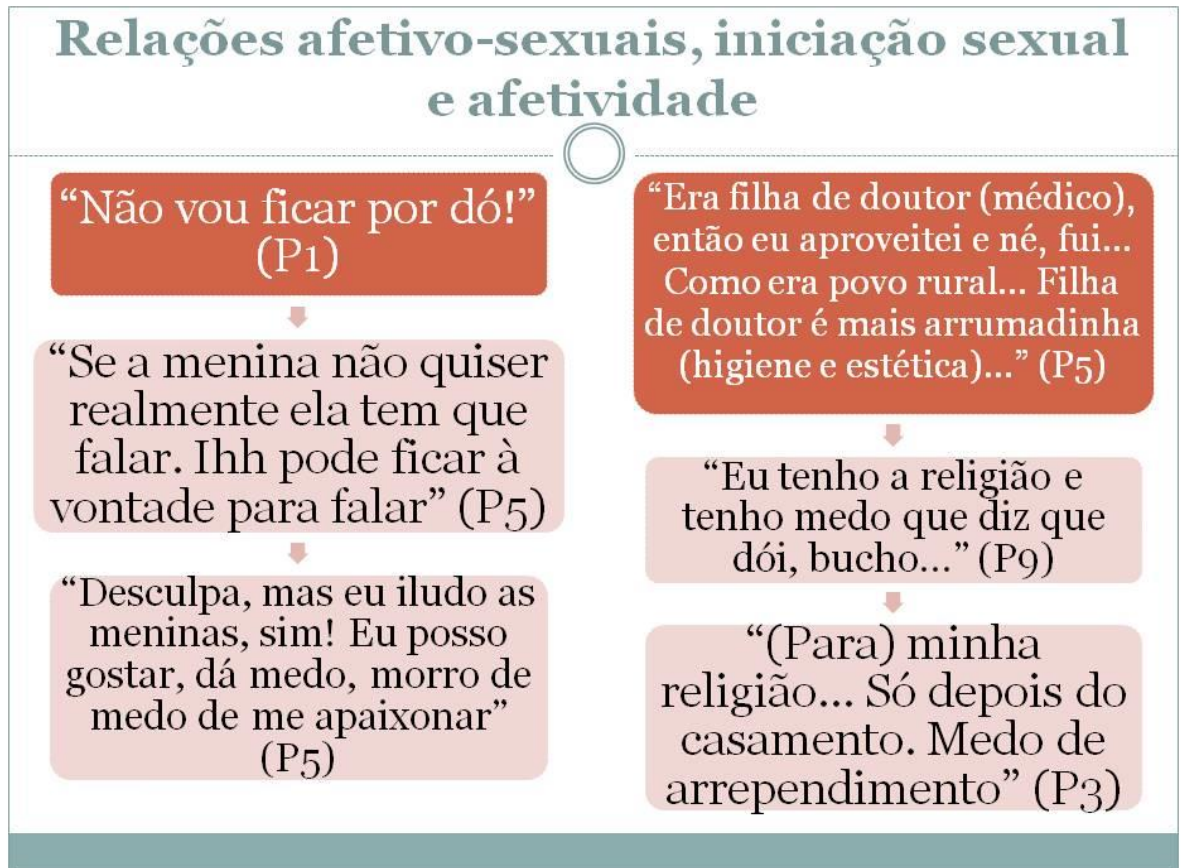
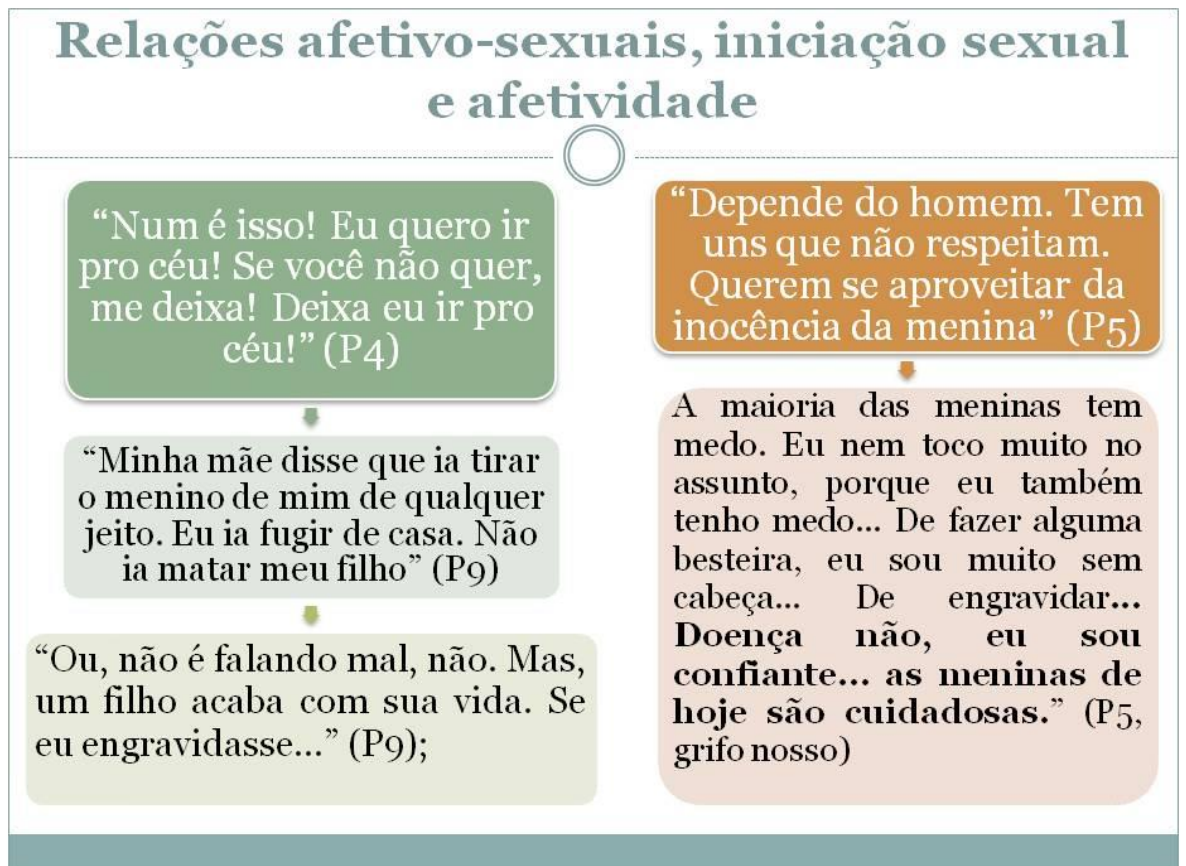


Imagem 9 – Relações afetivo-sexuais, iniciação sexual e afetividade III



7.6 Educação sexual e saúde

Faz-se relevante mencionar que questões de saúde e educação sexual estiveram presentes durante a pesquisa, em todos os encontros. E ainda, que desde o início do primeiro encontro o participante 8 expressava desejo por instruções preventivas quanto às relações sexuais, “oh, tia, a senhora vai ensinar a não pegar AIDS, né?”. E ao finalizar do grupo, no terceiro encontro, a pesquisadora foi cobrada, “E nem ensinou a gente a não pegar AIDS (...) Não, não vai acabar não! Eu não aceito! Quero nem saber, não vou sair daqui (...) a senhora tem que ensinar a gente!” (P8). Infere-se, portanto que, ao questionar sobre o assunto, os adolescentes externaram suas dúvidas e necessidades. Logo, não seria precoce instruí-los, já que a demanda partiu deles espontaneamente.

Observa-se também que, os participantes confundem os riscos e prevenções de gravidez e DSTs, como indica a fala de P8, “O modo é legal (relação sexual). Puxar (contrair) não é legal (...) Eu acho que vou operar para não sair mais esperma do meu pau (referência à vasectomia) pra eu poder transar sem camisinha... Tô zuando!”. Foram mencionados ainda a esterectomia e o ‘exame de próstata’, procedimentos estes já realizados pelos pais de alguns participantes. Nota-se então, a curiosidade dos escolares para com esses temas que provavelmente não estão esclarecidos para eles.

Ao se referirem à AIDS, os adolescentes opinaram, “Não é tão comum entre adolescentes... Falta de informação... Era mais nos anos 70, 80... Delinquência” (P5). Tais falas expressam os equívocos e a falta de informação dos escolares, o que pode influenciar em comportamentos de risco.

Quanto aos meios preservativos e contraceptivos, foi exposto que, “Na hora.. Tum! Macho é foda! (referência ao não uso de preservativo)”. E ainda, “Confia na pílula do dia seguinte (...) Esse ano é o ano dos buchos” (P9). Ao que P5 interfere, “Existe tantos jeitos de não pegar bucho!”. E P8 indaga as meninas, “Vocês iam dar (ter relação sexual) para um cara sem camisinha?”, e P4 respondeu, “Num dou nem com camisinha!”. P8 se expressa quanto a não ter relações sexuais, “É triste, mas é a vida! A gente tem que seguir em frente”.

Em relação ao aborto, os participantes quase alcançaram a unanimidade. A maioria se posicionou contra práticas abortivas. A fala de P4 é interessante, pois representa firmeza quanto as suas convicções pessoais, simultâneo à aceitação das diversidades de opinião. A adolescente informou, “Eu sou contra em mim. Mas o corpo das pessoas é delas. Eu não posso fazer nada com o que elas pensam” (P4).

Nota-se a existência de fantasias e crenças no que diz respeito às relações sexuais. Ora, o participante 8 exclamou, “Tô pra comprar uma camisinha para experimentar... Açai, morango...”. E, quanto à utilidade do sabor/aroma do preservativo, P8 justifica “Porque a

mulher tem mais prazer”. A partir disso, surgiu o tema sexo oral que provocou muito estranhamento.

Foi relatado o caso de uma adolescente, não participante do grupo, que não tinha relações sexuais por medo do ginecologista contar para a mãe. A partir dessa fala, reflete-se sobre a ideia que os adolescentes nutrem a respeito dos profissionais de saúde, e também a dificuldade dos filhos em manter diálogo com os pais, no que diz respeito à sexualidade. No estudo de Macedo et al (2013) as sete participantes do grupo focal alegaram não ir ao ginecologista por vergonha, o que reforça a necessidade emergente de desmitificar tanto a sexualidade quanto os serviços e profissionais de saúde. Isso deve ocorrer em escala geral, pois, na maioria das vezes, as crenças e mitos acerca da sexualidade e da saúde não são exclusivas a adolescentes. Pelo contrário, são heranças transgeracionais.

E, ao surgir o tema gravidez novamente, P5 declara, “Antes era mais fácil. Minha bisavó tinha 13 filhos, todos de parto natural/vaginal e morava na roça. Essa informação apontou para a consciência dos participantes do quanto as gerações mudaram e estão mais próximas entre si. Reconhece-se ainda, a diferença de contextos sociais sobre ter filhos há décadas atrás e na atualidade.

Os participantes alegam não ter educação sexual no contexto escolar, e não haver espaços de discussão sobre a sexualidade, o que pode estar relacionado ao caráter privado e religioso do colégio. Já que em instituições públicas de ensino há maior circulação de programas federais que integram a Rede SUS. Além de que, em instituições privadas é mais fácil delimitar ou permitir a circulação de informações por ter regimento próprio e geralmente encontra-se menor burocracia para a efetivação de estratégias e ações.

No encerramento do grupo, ao ser questionado se sentiam falta disso, obteve-se a seguinte resposta, “Eu nem sei. Como vamos sentir falta de algo que a gente nunca teve?!” (P9). Os componentes do grupo relataram ter se sentido confortável no processo grupal, e elogiaram “Muito bom” (P5). Além de que, pediram para não acabar, mas que o grupo fosse permanente. Logo, identificam-se demandas e espaços para ações de prevenção e promoção de saúde, bem como discussões e incentivos ao pensamento crítico a respeito da sexualidade no contexto escolar.

Imagem 10 – Educação sexual e saúde

Educação sexual e saúde

○

“Oh, tia, a senhora vai ensinar a não pegar AIDS, né?” (P8)

“Não é tão comum entre adolescentes... Falta de informação... Era mais nos anos 70, 80... Delinquência” (P5).

“Confia na pílula do dia seguinte (...) Esse ano é o ano dos buchos” (P9).

“Eu sou contra em mim. Mas o corpo das pessoas é delas. Eu não posso fazer nada com o que elas pensam” (P4).

“Eu nem sei. Como vamos sentir falta de algo que a gente nunca teve?!” (P9)

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho foram abordadas as relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade e as implicações e complexidades intrínsecas a essa temática. Isso se deu a partir de uma compreensão holística do homem como ser integrado em seus aspectos biopsicossociais, cognitivos e espirituais. Dessa forma, descreveram-se características e especificidades a respeito da adolescência, fase esta que representa mais que um período de transição, mas também um processo multifatorial e sistêmico pelo qual a criança se desenvolve e se percebe como sujeito, assumindo sua identidade a partir da construção mútua e simultânea entre a subjetividade e o contexto social ao qual está inserido, vindo a se tornar e a se perceber como adulto. E nesse sentido, verifica-se a influência da regionalidade e da localidade.

Apreendeu-se a importância e complexidade dos processos biológicos desde a concepção. Esses configuram fenômenos que a partir de hormônios e neurotransmissores nutrem a estrutura corporal, promovem crescimento, homeostase e equilíbrio. E, em muitas circunstâncias, emitem sinais e impulsividades que contribuem para o experimentar da vida humana, como por exemplo, as emoções e às reações sexuais, dos desejos e fantasias às práticas e ao ato sexual. Integram-se então os aspectos psicológicos e cognitivos que proporcionam o pensamento, o raciocínio, a imaginação e demais processos básicos, como também à percepção subjetiva, e a autopercepção como consciente e identitário sujeito à vivência de sentimentos e emoções que agregam ao desenvolvimento humano.

Consideraram-se ainda, os aspectos sociais englobando o ambiente contextual do sujeito, em seus sistemas e subsistemas que estão em constante afetação mútua constituindo a causalidade circular dos fenômenos do ciclo vital. As questões sociais desde à cultura e à política às mudanças sociais e períodos históricos, como a pós-modernidade. Por pós-modernidade inferiu-se o contexto histórico e social da atualidade, que é caracterizado pela flexibilidade de normativas e rapidez de informações. Ao que se configura a facilidade adaptativa dos indivíduos, que além de manter cada vez menos vínculos duradouros, substitui objetos, opiniões, convicções políticas, relacionamentos e até pessoas através das facilidades tecnológicas presentes na produção e prestação de serviços, assim como na comunicação e informação. Trata-se de uma fluidez complexa, instável, acompanhada por muitas contradições e ambivalências. E em acordo com o contexto individual, ou de dada coletividade, pode propiciar a perda da historicidade do sujeito e ainda mal estar psicológico e social.

Identificou-se a forte influência da espiritualidade do homem como transcendência, identificação pessoal frente ao universo e interação com o Sagrado, ao qual atribuí-se diversas

formas e perfis, em consonância com as diferenças individuais. Como religião entende-se a institucionalização do experienciar da espiritualidade de pessoas que apresentam crenças e experiências em comum, constituindo-se comunidade religiosa. E a religiosidade como o exercer, atuar e integrar do indivíduo frente a uma denominação ou crença religiosa.

Todos os aspectos citados são de suma importância no reconhecer e experienciar da sexualidade humana que neste trabalho foi explanada de forma científica empática. Consideraram-se as questões de orientação sexual e identidade de gênero que são permeáveis aos aspectos relatados. Logo, integram possibilidades e condições apresentadas por muitos indivíduos que se percebem à parte da heterossexualidade, atualmente normativa. Ou ainda, que não se percebem pertencentes a nenhuma condição entre a binaridade macho e fêmea, homo e hétero. Nesse contexto amplo da sexualidade foram abordados dados qualitativos e quantitativos a respeito da vivência da sexualidade por adolescentes no Brasil. Refletiu-se então tais questões de forma sistêmica a partir dos referidos aspectos que integram o homem.

Nesse contexto abordou-se ainda, a sexualidade do adolescente e os elementos ligados a ela, a saber, dúvidas, medos, carência de informações, mitos, crenças, equívocos, desejos, princípios religiosos, sugestões e imposições sociais entre outros. Nesse sentido, foram abordadas as relações afetivo-sexuais, seu sentido subjetivo para o adolescente, as vulnerabilidades e os riscos relacionados a tais inter-relações.

Logo, infere-se a temática do presente trabalho como de grande relevância social, acadêmica e pessoal. Diante do exposto, e ao considerar aspectos políticos, econômicos, educacionais e de saúde nota-se o quanto a sexualidade do adolescente absorve da sociedade, e em processo circular, interfere nas questões da comunidade e da sociedade a qual pertence. Configura-se questão de saúde pública.

Dessa forma cabe à academia investigar os fenômenos envolvidos nesse processo, sejam eles causadores, decorrentes, ou ambos. Além de que se faz digna de atenção a produção científica que aborda a localidade, por oferecer parâmetros confiáveis que auxiliem numa leitura mais crítica e instrumentalizada das produções externas à região de atuação do profissional. Assim, torna-se possível ampliar as habilidades e conhecimentos a partir de comparações e estudo de variáveis que possam colaborar com futuras pesquisas ou estratégias de intervenção.

Este estudo propiciou grande aprendizado aos envolvidos. Pois além do desenvolvimento de habilidades e competências técnicas, promoveu a empatia e a compreensão clínica que aproxima o profissional do sujeito e lhe permite assisti-lo. Tanto no que se refere à humanização, quanto ao que indica ética, responsabilidade social e eficácia.

Obteve-se como resultados a necessidade dos adolescentes em discutir a sexualidade a partir da exposição de suas opiniões e sentimentos. Como também a presença da religiosidade cristã no contexto do adolescente contemporâneo. E, a forte influência que ela exerce sobre sua percepção identitária e sexual.

Apreenderam-se ainda conflitos pessoais que emergem do embate entre homossexualidade e religião. E a partir disso, verificou-se a postura politizada dos participantes. Que ainda que preservem os princípios religiosos a que seguiam, posicionaram-se contra o preconceito e a discriminação e a favor da justiça e aceitação das pessoas de forma incondicional, inclusive entre as comunidades religiosas, visto que, os jovens almejam que o discurso de amor da religião sobressaia ao discurso de ódio. E, em um salto maior, apontou-se para um meio termo.

Quanto às práticas sexuais, verificou-se a forte influência da religião cristã sobre a iniciação sexual das adolescentes que pretendem resguardar a virgindade até o casamento, com a principal finalidade de seguir os princípios bíblicos. Em contradição aos discursos de igualdade de gênero por eles apresentados, houve também discursos de diferenciação das possibilidades de usufruir de prazeres sexuais entre meninos e meninas.

Os participantes apresentaram medo de contrair DSTs, mas principalmente de gravidez indesejada. Expressaram a necessidade e o desejo por orientações a cerca do uso adequado de métodos preservativos e anticonceptivos. Conferiu-se ainda relevante quantidade de equívocos quanto às informações de saúde sexual, os quais foram atribuídos à carência de orientações de profissionais de educação e saúde sexual, inclusive no contexto escolar. Diante disso, foi afirmada demanda e aceitação quanto às ações de prevenção e promoção de saúde.

Quanto às características da pós-modernidade, identificaram-se presença expressa de rapidez no consumo de informações, como também na adaptação a novos contextos, configurando flexibilidade e fluidez da modernidade líquida. O acesso às tecnologias e redes sociais foi apreendido em consonância com a ávida substituição de objetos de desejo e à tensão ambivalente inerente ao amor líquido, o prazer do vínculo *versus* as possibilidades do não envolvimento.

A influência das multimídias e mídias sociais também foi verificada, além da segregação social a partir de aspectos capitalistas. Verificou-se também, a ocorrência de comportamentos de risco e vulnerabilidades como a não compreensão das relações de poder e abuso sexual, uso de álcool e troca de mensagens eróticas via aplicativo *Whatsapp*.

Os objetivos dessa pesquisa foram alcançados com êxito, visto que foram investigadas as relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade em um colégio privado de Palmas. Especificamente, foi investigado o entendimento dos adolescentes e identificados

quais os sentimentos deles estão associados às questões da sexualidade. Além de que os referenciais teóricos utilizados no presente estudo foram relacionados ao contexto social da pós-modernidade e ao discurso apresentado pelos participantes. Assim como, o problema de pesquisa que indagava se a sociedade pós-moderna exerce influência sobre os relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes foi resolvido com êxito. Ora, diante do exposto, infere-se que sim, a sociedade pós-moderna exerce influência sobre os relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade. E foi possível verificar que a pós-modernidade é composta por diversas ambivalências. Como, por exemplo, a liberalidade e o fundamentalismo religioso.

Faz-se importante mencionar que, a instituição de ensino onde foi realizada a pesquisa é de confissão cristã. Esse fato pode configurar viés, visto que, há grande possibilidade de que a maior parte da população de adolescentes escolares do colégio seja cristã ou de famílias cristãs. Portanto, a pesquisa não pode ser utilizada como parâmetro de perfil dos adolescentes escolares de classe média da cidade de Palmas. Além de que a amostra é pequena e por conveniência, e devido o uso de grupo focal como instrumento de coleta de dados, não se constitui validade estatística. Entretanto, em termos qualitativos e de análise de conteúdo, trata-se aqui de uma pesquisa relevante e enriquecedora.

Desse modo, considera-se finalmente a importância de que sejam realizadas outras pesquisas a partir dessa temática que além de atual é demanda de possíveis intervenções. Sugere-se então, para pesquisas futuras, a formação de maior quantidade de grupos focais, a partir de amostras de diversos colégios particulares da Cidade de Palmas-TO, ou ainda, um estudo comparativo através da constituição de grupos focais em escolas particulares e públicas.

REFERÊNCIAS

- A ADOLESCÊNCIA, Vivendo. **Diversidade Sexual**. 2000-2013. Disponível em: <<http://www.adolescencia.org.br/site-pt-br/identidade-de-genero>>. Acesso em: 07 maio 2017.
- AMARAL, Vera Lúcia do. **Psicologia da Educação: Aula 13 - Sexualidade**. Natal: Edufrn, 2007. 208 p. PDF, ilustrado.
- ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. 165 p. Tradução Marcus Penchel. Pdf.
- ANTUNES, Arnaldo. Não vou me adaptar. Intérprete: Nando Reis. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/nando-reis/98793/>>. Acesso em: 26 maio 2017.
- ASHLEY, P. Toward an understanding and definition of wilderness spirituality. **Australian Geographer**, 38, 53-69, 2007.
- ASSUMPÇÃO JUNIOR, Francisco Baptista; SPROVIERI, Maria Helena S. **Deficiência Mental: Sexualidade e família**. Barueri: Manole, 2005. 262 p.
- BARBOSA, R. M.; KOYAMA, M. A. H. Comportamento e práticas sexuais de homens e mulheres, Brasil 1998 e 2005. **Revista de Saúde Pública**, v. 42 (Supl. 1), p. 21-33, 2008. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0408/pdfs/IS28\(4\)093.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/is_digital/is_0408/pdfs/IS28(4)093.pdf). Acesso em: 31 out 2017.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. 88 p. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. PDF.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 192 p. Tradução de: Plínio Dentzien. PDF. BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997. 656 p. Tradução de: Regina Garcez. Ilustrado.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 809 p. Tradução de: Sérgio Milliet. PDF.. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-o-segundo-sexo-simone-de-beauvoir-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 22 maio 2017.
- BEE, Helen. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artmed, 1997. 656 p. Tradução de: Regina Garcez. Ilustrado.
- BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. *Interações, Campo Grande*, v. 17, n. 4, p.745-755, dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/inter/v17n4/1518-7012-inter-17-04-0745.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2017.
- BIRMAN, Joel. **O sujeito desejante na contemporaneidade** 2005 S.I. 18p. PDF.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente: Lei federal nº 8069, de 13 de julho de 1990**. Brasília, 2017 (vigência). Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 4 dez. 2017.
- BRASIL. Ricardo Henriques, et al. [Org.]. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Gênero e Diversidade: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: SECAD/MEC, 2007. 87 p. PDF. Disponível em:

<http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf>. Acesso em: 07 maio 2017.

BURDETTE, A. M.; HILL, T. D. Religious involvement and transitions into adolescent sexual activities. **Sociology of Religion**, v. 70, n. 1, p. 28-48, 2009. Disponível em: https://youthandreligion.nd.edu/assets/124525/burdette_religious_involvement_and_transition_s_into_adolescent_sexual_activities.pdf. Acesso em: 31 out 2017.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Atena, 1990. Disponível em: http://gepai.yolasite.com/resources/joseph_campbell_%20o_poder_do_mito.pdf. Acesso em: 31 out 2017.

CASALDÁLIGA, P.; Vigil, J. M. **Espiritualidad de la liberación**. Coleção Presencia Teológica, 71. Santander: Editorial Sal Terrae. 1992.

CASTELÃO, Talita Borges; SCHIAVO, Márcio Ruiz; JURBERG, Pedro. Sexualidade da pessoa com síndrome de Down. **Revista de Saúde Pública**, [s.l.], v. 37, n. 1, p.32-39, fev. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-89102003000100007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102003000100007>. Acesso em: 07 maio 2017.

CATRÉ, Maria Nazarete Costa et al. Espiritualidade: Contributos para uma clarificação do conceito. *Análise Psicológica*, [s.l.], v. 34, n. 1, p.31-46, 29 mar. 2016. ISPA - Instituto Universitario. <http://dx.doi.org/10.14417/ap.877>.

CATRÉ, Maria Nazarete Costa et al. O domínio SRPB (Spirituality, Religiousness and Personal Beliefs) do WHOQOL: O estudo com grupos focais para validação da versão em Português europeu do WHOQOL-SRPB. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 32, n. 4, p.401-417, dez. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v32n4/v32n4a03.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2014.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

COUTINHO, Raquel Zanatta; MIRANDA-RIBEIRO, Paula. Religião, religiosidade e iniciação sexual na adolescência e juventude: lições de uma revisão bibliográfica sistemática de mais de meio século de pesquisas. *Revista Brasileira de Estudos de População*, [s.l.], v. 31, n. 2, p.333-365, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-30982014000200006>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v31n2/a06v31n2.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2017.

DANGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia Humana: Sistemática e Segmentar**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2011. 184 p. Ilustrado.

DAVIS, D. E.; HOOK, J. N.; WORTHINGTON, E., Jr. Relational spirituality and forgiveness: The roles of attachment to God, religious coping, and viewing the transgression as a desecration. **Journal of Psychology and Christianity**, 27(4), 293-301. 2008.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; KYRILLOS NETO, Fuad. A crítica psicanalítica do DSM-IV: breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 14, n. 4, p.611-626, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlpf/v14n4/v14n4a03.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2017.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, Tradução de: Paulo Neves. 1996. (Coleção Tópicos). Disponível em: <https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2015/03/formas-elementares-trechos-sugeridos.pdf>. Acesso em: 31 out 2017.

FISHER, J. The four domains model: Connecting spirituality, health and well-being. **Religions**, v. 2, n.1 p. 17-28. 2011. Disponível em < <http://www.mdpi.com/2077-1444/2/1/17/htm>> Acesso em: 4 dez. 2017.

FORCADES, T. Hacia una espiritualidad postreligiosa?. **Iglesia Viva – Revista de Pensamiento Cristiano**, 222, 41-52. 2005.

GIANASTÁCIO, Vanderlei. **O sufixo -ismo**: na história das gramáticas da língua portuguesa e sua produtividade a partir do dicionário da língua portuguesa Antônio Houass. Disponível em: <<http://www.usp.br/gmhp/publ/GiaA1.pdf>>. Acesso em: 34 jul. 2017.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia (ribeirão Preto)**, [s.l.], v. 12, n. 24, p.149-161, 2003. PDF.

GONÇALVES, Helen et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, [s.l.], v. 18, n. 1, p.25-41, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-5497201500010003>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2015000100025&lng=pt&tlng=pt>. Acesso em: 07 maio 2017.

GONÇALVES, Rodrigo et al. **Sistema Endócrino**: Galera do Endócrino. Sem data. Disponível em: <<http://sistendocrino.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 07 maio 2017.

GOUVEIA, V.; MILFONT, T.; FISCHER, R.; Coelho, J. Teoria funcionalista dos valores humanos: Aplicações para organizações. **Revista de Administração Mackenzie**, v.10, n.3 p. 34-59, 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Convidado/Downloads/1065-2903-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Convidado/Downloads/1065-2903-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 31 out 2017.

GUYTON, Arthur C. **Fisiologia Humana**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 568 p. Tradução de: Charles Alfred Esberard. Ilustrado.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Palmas: Dp&a, 1998. 18 p. Pdf.

HILL, P., PARGAMENT, K., HOOD, R., Jr., MCCULLOUGH, M., SWYERS, J., LARSON, D.; ZINNBAUER, B. Conceptualizing religion and spirituality: Points of commonality, points of departure. **Journal of the Theor of Social Behavior**, v. 30, v.1 p.51-77, 2000. Disponível em:http://www.psy.miami.edu/ehblab/Religion%20Papers/conceptualizing_religion_and_spirituality_jtsb.pdf . Acesso em: 4 dez. 2017.

IERVOLINO, SA.; PELICIONI, MCF. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 35, n.2, p.115-21, jun, 2001. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342001000200004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 07 maio 2017.

JENSEN, L.; NEWELL, R. J.; HOLMAN, T. Sexual behavior, church attendance, and permissive beliefs among unmarried young men and women. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 29, n. 1, p. 113-117, Mar. 1990. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/1387035?seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 31 out 2017.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Proposições**, [s.l.], v. 19, n. 256, p.17-23, ago. 2007. PDF. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 07 maio 2017.

MACEDO, Senei da Rocha Henrique et al. Adolescência e sexualidade: scripts sexuais a partir das representações sociais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [s.l.], v. 66, n. 1, p.103-109, fev. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0034-71672013000100016>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000100016. Acesso em: 07 maio 2017.

MARTÍNEZ, Albertina Mitjás. A teoria da subjetividade e Gonzáles Rey: Uma expressão do paradigma da complexidade na Psicologia. In: REY, Fernando Gonzáles. **Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia**. São Paulo: Peirópolis, 2005. p. 1-26.

MARTINS, Christine Baccarat de Godoy et al. Sexualidade na adolescência: mitos e tabus. **Ciencia y Enfermería**, [s.l.], v. 18, n. 3, p.25-37, 2012. SciELO Comision Nacional de Investigacion Cientifica Y Tecnologica (CONICYT). <http://dx.doi.org/10.4067/s0717-95532012000300004>. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532012000300004. Acesso em: 07 maio 2017.

MEEZENBROEK, Eltica de Jager et al. Measuring Spirituality as a Universal Human Experience: A Review of Spirituality Questionnaires. **Journal Of Religion And Health**. S/c, p. 336-354. 20 jul. 2012. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3372782/>. Acesso em: 04 dez. 2017.

MIGUEL JÚNIOR, Armando; CASTRO, Antonio Carlos Leitão de Campos. **Medicina Geriátrica: Geriatria e gerontologia**. 2012. Disponível em: <http://www.medicinageriatria.com.br/tag/hipotalamo/page/2/>. Acesso em: 07 maio 2017.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **A inteligência da complexidade**. Tradução de: Nurimar Maria Falci. 2. Ed. São Paulo: Peirópolis, 2001. 263 p.

MORIN, Edgar; LE MOIGNE, Jean-Louis. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2006, 120p.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PERCEPÇÃO da Sexualidade pelos Adolescentes. Direção de Ana Luiza Zangrandi, Gabrielle Neves, Júlia Cabett Monteiro, Karoline Carvalho, Maria Júlia Santiago, Marina Marques. Intérpretes: Henrique Figueiredo. [s.l.]: [s.i], 2016. (223 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iz-fZbCLrKc&t=9s>. Acesso em: 26 maio 2017.

PEREIRA, Thaís Thomé Seni Oliveira; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos; AUGUSTO, Maria Cecília Nobrega de Almeida. O cuidado em saúde: o paradigma

biopsicossocial e a subjetividade em foco. **Mental**, Barbacena, v. 9, n. 17, p.523-536, dez. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v9n17/02.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

PIEDMONT, R.; LEACH, M. Cross-cultural generalizability of the spiritual transcendence scale in India. Spirituality as a universal aspect of human experience. **American Behavioral Scientist**, 45, 1888-1901. 2002

QUITO. Direção de Rui Calvo. Intérpretes: Henrique Figueiredo. [s.i]: [s.i], 2014. Son., color. Trecho. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w-PIHuT13G8>>. Acesso em: 25 maio 2017.

RIOS, L. F.; PAIVA, V.; MAKSUD, I.; OLIVEIRA, C.; CRUZ, C. M. S.; CRUZ, C. G.; JUNIOR, V. T.; PARKER, R. Os cuidados com a “carne” na socialização sexual dos jovens. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 4, p. 673-682, out./dez. 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/14056904/Os_cuidados_com_a_carne_na_socializa%C3%A7%C3%A3o_sexual_dos_jovens. Acesso em: 31 out 2017.

ROSS, L. The spiritual dimension: Its importance to patients’ health, well-being and quality of life and its implications for nursing practice. **International Journal of Nursing Studies**, v.32, n.5, p. 457-468. 1995. Disponível em: [http://www.journalofnursingstudies.com/article/0020-7489\(95\)00007-K/pdf](http://www.journalofnursingstudies.com/article/0020-7489(95)00007-K/pdf). Acesso em: 31 out 2017.

ROVERS, Martin; KOCUM, Lucie. Development of a Holistic Model of Spirituality. **Journal Of Spirituality In Mental Health**. S/c, p. 2-24. 28 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/19349630903495475>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

ROWATT, W. C.; SCHMITT, D. P. Associations between religious orientation and varieties of sexual experience. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 42, n. 3, p. 455-465, Sep. 2003. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.550.8478&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 31 out 2017.

SANTOS, W. S. **Explicando comportamentos socialmente desviantes: Uma análise do compromisso convencional e afiliação social**. Tese de Doutorado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19134/1/2008_tese_wssantos.pdf. Acesso em: 31 out 2017.

SANTOS, Walberto Silva dos et al. A Influência dos Valores Humanos no Compromisso Religioso. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 3, p.285-292, set. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n3/a04v28n3.pdf>>. Acesso em: 06 out. 2017.

SÃO PAULO. Coordenação de Políticas Para A Diversidade Sexual. Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania. **Diversidade sexual e cidadania LGBT**. São Paulo: Sjdcs/sp, 2014. 44 p. PDF, ilustrado. Disponível em: <http://www.recursoshumanos.sp.gov.br/lgbt/cartilha_diversidade.pdf>. Acesso em: 07 maio 2017.

SETTON, Maria da Graça J.; VALENTE, Gabriela. Religião e educação no Brasil: uma leitura em periódicos (2003-2013). **Cadernos de Pesquisa**, [s.l.], v. 46, n. 160, p.410-440,

jun. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/198053143529>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742016000200410&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 09 out. 2017.

SILVA, C. G.; SANTOS, A. O.; LICCIARDI, D. C.; PAIVA, V. Religiosidade, juventude e sexualidade entre a autonomia e a rigidez. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n. 4, p. 683-692, out./dez. 2008. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141373722008000400006&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso: 31 out 2017.

SILVA, Cristiane Gonçalves da; PAIVA, Vera; PARKER, Richard. Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, S/1, v. 17, n. 44, p.103-117, mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832013000100009>. Acesso em: 08 out. 2017.

SUPLICY, Marta. **Sexo para adolescentes: amor, puberdade, masturbação, homossexualidade, anticoncepção, DST/AIDS, DROGAS**. Ed atualizada. São Paulo: FTD, 1998. 160 p.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva** [online], v.19, n.3, p.777-796, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312009000300013&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 07 maio 2017.

TORTORA, Gerard J. **Corpo Humano: Fundamentos de Anatomia e Fisiologia**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. 574 p. Tradução Cláudia L. Zimmer, Régis Zimmer, Ane Rose Bolner. Ilustrado.

TORTORA, Gerard J.; GRABOWSKI, Sandra Reynolds. **Corpo humano: Fundamentos de Anatomia e Fisiologia**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. 619 p. Tradução de: Maria Regina Borges-Osório. Ilustrado.

VAZ, Henrique C. de em. **Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 379 p. (Coleção Filosofia). Disponível em: <https://books.google.com.br/books/about/Escritos_de_filosofia_III_Filosofia_e_cu.html?id=c5hG7krsQaAC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 19 set. 2017.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução de: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Revisão técnica: Gabriel Cohn. 4ª Ed. Brasília: UnB, 2000,2009. Reimpressão. 464 p. Disponível em: http://www.uel.br/grupo_pesquisa/socreligioses/pages/arquivos/impresorasuel.br_20130410_215439.pdf. Acesso em: 31 out 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Seu dependente legal está sendo convidado (a) a participar de um estudo denominado “As relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade”. Trata-se de uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa e natureza aplicada de campo, cujos objetivos constituem em investigar as relações afetivo-sexuais entre adolescentes em um colégio privado da cidade de Palmas-TO e justifica-se pela discussão dos conceitos da pós-modernidade e suas implicações na sexualidade do adolescente ocidental, tendo como problema de pesquisa, o questionamento, “A sociedade pós-moderna exerce influência sobre os relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes?”.

A participação no referido estudo será na composição de um grupo focal que ocorrerá nos dias 18, 23 e 25 de agosto de 2017, entre às 14h e 15h, nas dependências da instituição Colégio Ulbra Palmas. Serão três encontros, nos quais a facilitadora de grupo, que será a pesquisadora, lançará temas relacionados ao estudo e os participantes terão liberdade para manifestar suas opiniões, desde que respeitem as falas dos (a) colegas. As informações coletadas serão analisadas e utilizadas pela pesquisadora em seu trabalho acadêmico. Este será de livre acesso para os participantes e seus responsáveis legais. A pesquisa tem como benefícios em curto prazo, promoção de discussão e o poder de fala entre os participantes. E em longo prazo, os participantes serão beneficiados indiretamente mediante a produção de conhecimento científico a respeito de seus comportamentos e da possível influência das mudanças sociais sobre suas vidas. E considera-se como risco a possibilidade de emergirem sofrimentos psíquicos durante os encontros, a possível exposição de nomes ou situações de ordem privada, além de uma possível quebra de sigilo. Como medida preventiva, a pesquisadora orientará previamente os participantes sobre a importância do sigilo, do respeito aos variados discursos e às diferenças individuais. Assim como, estará à disposição para acolhê-los e acompanhá-los junto à rede para que sejam efetivamente atendidos, caso necessário.

A privacidade dos participantes será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, o (a) identificar, será mantido em sigilo. Desta forma, torna-se evidente que informações obtidas a partir do grupo não serão compartilhadas com os responsáveis legais ou com colaboradores da instituição.

Ass. do pesquisador (a)

Ass. do Orientador (a)

Ass. do responsável

Também fui informado (a) de que pode haver recusa à participação no estudo, bem como pode ser retirado o consentimento a qualquer momento, sem precisar haver justificativa, e que devo receber uma via deste termo, enquanto que a outra será arquivada junto à coordenação do curso de Psicologia do CEULP/ULBRA.

Este projeto será aplicado pela pesquisadora Gleycielle Silva Magalhães, contatada pelo número telefônico (63) 9 8406 0090, psicóloga em formação, orientada pela Prof.^a Me. Cristina D’Ornellas Filipakis, ambas vinculadas ao Centro Universitário Luterano de Palmas – Universidade Luterana do Brasil (CEULP/ULBRA).

Enfim, estando ciente e tendo sido orientado (a) quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do estudo, autoriza-se a participação de..... na referida pesquisa, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, pela participação. E, de que receberei uma via deste documento.

Em caso de reclamação ou qualquer tipo de denúncia sobre este estudo devo ligar para a Coordenação de Psicologia do CEULP/ULBRA, situada no Prédio 2, Sala 208, (63) 3219-8068 ou mandar um e-mail para psicologia@ceulp.edu.br. Ou ainda, contatar o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CEULP/ULBRA, situado no Complexo Laboratorial (Prédio 5), 1º Piso, Sala 541 através do número telefônico (63)3219-8076 ou e-mail etica@ceulp.edu.br, ambos às dependências da instituição, na Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas - TO CEP 77.019-900.

Palmas, de Agosto de 2017

.....
Assinatura do Responsável

.....
Assinatura da Pesquisadora

.....
Assinatura da Orientadora

APÊNDICE B

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “As relações afetivo-sexuais entre adolescentes na pós-modernidade”. Nesta pesquisa pretende-se investigar as relações afetivo-sexuais entre adolescentes em um colégio privado da cidade de Palmas-TO.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é a proposta de discussão dos conceitos da pós-modernidade e suas implicações na sexualidade do adolescente ocidental, tendo como problema de pesquisa, o questionamento, “A sociedade pós-moderna exerce influência sobre os relacionamentos afetivo-sexuais de adolescentes?”.

Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Você participará de um grupo focal que ocorrerá nos dias 18, 23 e 25 de agosto de 2017, das 14h às 15h nas dependências da instituição Colégio Ulbra Palmas. Serão três encontros, nos quais a facilitadora de grupo, que será a pesquisadora, lançará temas relacionados ao estudo e os participantes terão liberdade para manifestar suas opiniões, desde que respeitem as falas dos (as) colegas. As informações coletadas serão analisadas e utilizadas pela pesquisadora em seu trabalho acadêmico.

Para participar desta pesquisa, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou prejuízo. A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação.

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem na possibilidade de emergirem sofrimentos psíquicos durante os encontros, a possível exposição de nomes ou situações de ordem privada, além de uma possível quebra de sigilo. Como medida preventiva, a pesquisadora orientará previamente os participantes sobre a importância do sigilo, do respeito aos variados discursos e às diferenças individuais. Assim como, estará à disposição para acolhê-los e acompanhá-los junto à rede para que seja efetivamente atendido, caso necessário.

Ass. do pesquisador (a)

Ass. do Orientador (a)

Ass. do responsável

Você poderá conversar a sós com a pesquisadora se desejar, ou entrar em contato via telefone ou e-mail.

A pesquisa apresenta como benefícios em curto prazo, promoção de discussão e o poder de fala entre os participantes. E em longo prazo, os participantes serão beneficiados indiretamente mediante a produção de conhecimento científico a respeito de seus comportamentos e da possível influência das mudanças sociais sobre suas vidas.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pela Coordenação do Curso de Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas – Universidade Luterana do Brasil, e a outra será fornecida a você. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução Nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa do CEULP/ULBRA, sito à Avenida Teotônio Segurado 1501 Sul Palmas - TO CEP 77.019-900, Complexo Laboratorial (Prédio 5), 1º Piso, Sala 541. Telefone: (63)3219-8076. E-mail: etica@ceulp.edu.br.

Eu,....., fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma via do termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Palmas, de agosto de 2017.

.....

Assinatura do (a) participante

.....

Assinatura da pesquisadora

.....

Assinatura da orientadora

Nome, e-mail e telefone do Pesquisador:

Gleycielle Silva Magalhães, gleycielle.jpc4@gmail.com, (63) 9 8406 0090.